

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO NORTE FLUMINENSE DARCY RIBEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS DO HOMEM
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO – MESTRADO EM SOCIOLOGIA
POLÍTICA

QUISSAMÃ ONLINE: juventudes, sociabilidades e usos da Internet

RAFAEL DE ALMEIDA ÁVILA LOBO

Campos dos Goytacazes

2009

RAFAEL DE ALMEIDA ÁVILA LOBO

QUISSAMÃ ONLINE: juventudes, sociabilidades e usos da Internet

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Sociologia Política do Centro de Ciências do Homem da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Sociologia Política.

Orientador: Professor Dr. Sérgio Luiz Pereira da Silva.

Campos dos Goytacazes

2009

FICHA CATALOGRÁFICA

Preparada pela Biblioteca do **CCH / UENF** 022/20

L799 Lobo, Rafael de Almeida Ávila

Quissamã online : juventude, sociabilidades e usos da internet / Rafael de Almeida Ávila Lobo -- Campos dos Goytacazes, RJ, 2009.
175 f. : il

Orientador: Sérgio Luiz Pereira da Silva
Dissertação (Mestrado em Sociologia Política) – Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Centro de Ciências do Homem, 2009

Bibliografia: f. 166 - 171

1. Sociabilidade Virtual. 2. Individualismo. 3. Comunitarismo. 4. Internet. 5. Redes Sociais. I. Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro. Centro de Ciências do Homem. II. Título.

CDD 303.4833

—

RAFAEL DE ALMEIDA ÁVILA LOBO

QUISSAMÃ ONLINE: juventudes, sociabilidades e usos da Internet

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Sociologia Política do Centro de Ciências do Homem da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Sociologia Política.

Aprovada em ____ de _____ de _____.

COMISSÃO EXAMINADORA

Professor Dr. Sérgio Luiz Pereira da Silva (Presidente)

Professor Dr. Hindenburgo Francisco Pires

Professor Dr. Javier Alejandro Lifschitz

Professora Dr. Márcia Leitão Pinheiro

Dedico este trabalho a todas as pessoas do mundo
que ainda não sabem ler.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a toda a minha família, aos amigos mais próximos, aos não tão próximos e a todos que de alguma forma gostariam que eu os agradecesse nesse momento. Aos professores do mestrado deixo o meu “muito obrigado” bem como um “nos vemos em breve?” e desejo muito sucesso para todos. Ao orientador agradeço pela paciência, pelos ensinamentos e pelas aulas bem humoradas. Aos colegas de mestrado agradeço pela divertida convivência, pelas caronas, pelas dicas bibliográficas e pela companhia nas festas e comemorações (que não foram poucas). Agradeço também a Prefeitura Municipal de Quissamã bem como aos seus munícipes pela hospitalidade e receptividade. Devo também um importante agradecimento à Fátima Zamana, uma amiga que abriu muitas portas em Quissamã e me apresentou importantes pessoas do local bem como me municiou de informações e histórias da cidade. Agradeço também aos motoristas da UENF pelas quase sempre divertidas viagens à Quissamã. De um modo geral especialmente cito os seguintes corações que ainda pulsam: Carlos e Lúcia, Elizabeth (quem começou tudo isso), Maria e Gilberto, Lorena, Léo e Jú, Ana Paula, primos, tios e demais parentes, amigos próximos como Amílcar, Vicente, Elizardo, Canjica, Murilo, Felipe, Fred, Rafael e Daniel, às meninas Cláudia, Quésia, Prild e às outras e outros que esqueci, largo abraços. Um agradecimento especial à galera do Orkut, aos *fakes* que me ajudaram e as comunidades virtuais que me aceitaram. Agradeço também ao pessoal do futebol da UENF pelas diversas horas de fuga do estresse, outro agradecimento também especial ao pessoal da padaria, sobretudo para a rapaziada que faz o samba... vocês ajudaram a manter minha sanidade nessa cidade. No mais, viva a Tupã, a poesia e ao ócio.

“Para nós [...] que vivemos em tempos implacáveis, tempos de competição e de desprezo pelos mais fracos, quando as pessoas em volta escondem o jogo e poucos se interessam em ajudar-nos, quando em resposta a nossos pedidos de ajuda ouvimos advertências para que fiquemos por nossa própria conta, quando só os bancos ansiosos por hipotecar nossas posses sorriem desejando dizer ‘sim’, e mesmo eles apenas nos comerciais e nunca em seus escritórios – a palavra ‘comunidade’ soa como música aos nossos ouvidos. O que essa palavra evoca é tudo aquilo de que sentimos falta e de que precisamos para viver seguros e confiantes”.

Zigmunt Bauman

RESUMO

Em contraste aos diversos estudos de usuários de Internet que se concentram nos grandes centros urbanos – locais em que a rede chegou e se expandiu primeiramente – trazemos para essa análise um caso diferenciado. Trabalhamos com os adolescentes e jovens carentes de uma “pequena cidade de interior”, um local onde se desenvolveu e expandiu o acesso à rede por meio da ação da Prefeitura Municipal, onde inclusive se tem o acesso à Internet em áreas rurais. A partir do enfoque inicial sobre o que faziam na Internet esses jovens, nossa pesquisa nos levou a observação da sociabilidade virtual (sociabilidade mediada pelas tecnologias da informação e comunicação) como a atividade que ocupava a maior parte do tempo de navegação desses usuários. Lidando com as formas de utilização da Internet por parte desses jovens, procurando saber o que faziam, como e porque e, em certa medida, comparando aos dados da PNAD de 2005 que trouxe como suplemento uma pesquisa a respeito da utilização da Internet no Brasil, nós estabelecemos o perfil desses usuários. Analisamos também a política pública de promoção do acesso à Internet na cidade enfocando também a visão dos usuários sobre a mesma. Em seguida, já enfocando a questão da sociabilidade de forma teórico-conceitual, nos encaminhamos para as correlações e análises das sociabilidades encontradas em Quissamã. Nesse sentido, contrariando a perspectiva do *individualismo em rede* enquanto paradigma explicativo da sociabilidade virtual predominante na rede, nós encontramos entre os jovens quissamenses a existência de formas comunitárias de sociabilidade estruturadas na cotidianidade *off-line*, estruturando a sociabilidade virtual desses. Ou seja, ao invés de interagirem pela agregação de interesses, escolhas, identidades e preferências individuais conformando redes de sociabilidade multifacetadas, fragmentadas e geograficamente não localizadas, esses nossos jovens promoviam no ambiente virtual as interações comunitárias pré-existentes em suas vidas. Denominamos tal prática como *comunitarismo virtual*. Em grande medida nosso trabalho tratou da explicação do que seria esse *comunitarismo virtual* e de como ele se relacionaria às características de vida dos jovens do local.

ABSTRACT

In contrast to several studies about Internet users that focus in the great urban centers - place in which the net has arrived and expanded first – we bring for this analysis a differentiated case. We worked with adolescents and devoid young of a “country side city”, a place where the access to the net was developed and it expanded by means of the action of the City Government, where also there is the access to the Internet in agricultural areas. From the initial approach on what these young adults made in the Internet, our research on them took the emphasis on the virtual sociability (sociability mediated for the technologies of information and communication) since that activity occupied most of the time of navigation of these users. Dealing with the forms of use of the Internet by these young people, searching for knowing what they did, how and because and, in certain measure, comparing with the data of the PNAD of 2005 that brought as supplement a research regarding the use of the Internet in Brazil, we establish the profile of these users. We also analyze the public policies of promotion of the access to the Internet in the city, also focusing the vision of the users on these policies. After that, already focusing the question of the sociability on a theoretician-conceptual form, we direct ourselves to the correlations and analysis of the sociabilities found in Quissamã. In this direction, opposing the perspective of the *individualism in net* while clarifying paradigm of predominant the virtual sociability in the net, we found among the young quissamenses the existence of communitarian forms of sociability structuralized in the daily off-line life, also structuralizing the virtual sociability of them. This means that instead of interacting for the aggregation of interests, choices, identities and individual preferences conforming multifaceted, broken up and geographically not located net sociability, these our young people promoted in the virtual environment the preexisting communitarian interactions in their lives. We call such practical as *comunitarismo virtual*. In great measure, our work treated the explanation of what it would be this *comunitarismo virtual* and of how it would become related to the characteristics of life of the young of the place.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Mapa da exclusão digital.....	21
Figura 2 – Estrutura da Internet Quissamã.....	43
Figura 3 – Mapa da Internet Cidadão.....	46

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Percentual das pessoas que utilizam a Internet.....	26
Gráfico 2 – Idade média das pessoas que utilizaram a Internet.....	28
Gráfico 3 – Percentual das pessoas que utilizaram a Internet por finalidade.....	29
Gráfico 4 – Percentual das pessoas que usaram a Internet por finalidade, somente no próprio domicílio, por tipo de conexão e finalidade do acesso.....	33
Gráfico 5 – Grau de escolaridade.....	58
Gráfico 6 – Trabalho.....	58
Gráfico 7 – Renda.....	59
Gráfico 8 – Anos de uso da Internet.....	61
Gráfico 9 – Locais de acesso à Internet.....	63
Gráfico 10 – O que fazem na Internet.....	64
Gráfico 11 – Assuntos buscados na Internet.....	66
Gráfico 12 – Importância da Internet.....	68

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Distribuição das pessoas que utilizaram a Internet por grupo de idade e segundo a frequência de utilização.....	31
Tabela 2 – Escolaridade dos pais dos entrevistados.....	121
Tabela 3 – Processos de desenvolvimento na teoria de Norbert Elias.....	140

LISTA DE SIGLAS

BBS – *Bulletin board system*.

DVD - *Digital Video Disc* ou *Digital Versatile Disc*, em português, Disco Digital de Vídeo ou Disco Digital Versátil.

EMBRATEL – Empresa Brasileira de Telecomunicações S.A.

FAPERJ – Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro.

FAPESP – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

IBOPE – Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística.

IRL – *In Real Life*, em português, “na vida real”.

Kbps – kilobit por segundo.

MCT – Ministério da Ciência e Tecnologia.

MUD – *Multi-user dungeon, dimension*, ou por vezes *domain*.

MSN – *Microsoft Network*.

NTIC's – Novas Tecnologias da Informação e Comunicação.

PIB – Produto Interno Bruto.

PMQ – Prefeitura Municipal de Quissamã.

PNAD – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio.

PRODERTJ – Centro de Tecnologia da Informação e Comunicação do Estado do Rio de Janeiro.

RNP – Rede Nacional de Pesquisa.

RPG - *Role-playing game*, em português significa "jogo de interpretação de personagens".

UOL – Universo Online.

USB – *Universal Serial Bus*.

Voip – Voz sobre IP.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	15
CAPÍTULO I	
1 e-XODO URBANO: A INTERNET BRASILEIRA CHEGA AO INTERIOR.....	19
1.1. UM BREVE PANORAMA DA INTERNET NO BRASIL.....	19
1.2. QUISSAMÃ: UM JOVEM MUNICÍPIO “RICO”.....	37
1.3. UM BREVE OLHAR SOBRE A POLÍTICA PÚBLICA: AVALIANDO A EFICÁCIA DA “INTERNET CIDADÃO”.....	40
1.4. O USUÁRIO E A “INTERNET CIDADÃO”: AVALIANDO A SATISFAÇÃO.....	52
1.5. INTERNAUTAS DE QUISSAMÃ: PERFIL E MODOS DE USO....	56
CAPÍTULO II	
2 MODERNIDADE, INTERNET E SOCIABILIDADES: INTERAÇÕES VIRTUAIS NUM MUNDO REAL.....	74
2.1. A SOCIABILIDADE E SUAS TRÊS FORMAS.....	74
2.2. MODERNIDADE E INDIVIDUALISMO.....	79
2.3. A PROEMINÊNCIA DO INDIVIDUALISMO EM REDE.....	89
2.4. AS COMUNIDADES VIRTUAIS.....	94
2.5. O ORKUT.....	98
CAPÍTULO III	
3 DISCUTINDO A SOCIABILIDADE VIRTUAL.....	112
3.1. A SOCIABILIDADE VIRTUAL NO BRASIL E NO MUNDO.....	115
3.2. CONSIDERAÇÕES SOBRE A PESQUISA DE CAMPO: ASPECTOS METODOLÓGICOS.....	120
3.3. SOCIABILIDADE VIRTUAL ENTRE OS JOVENS QUISSAMENSES: A PRÁTICA DO <i>COMUNITARISMO VIRTUAL</i> ...	124
3.4. <i>ORKUTIANUS QUISSAMENSIS</i> E O <i>COMUNITARISMO VIRTUAL</i> : UMA ANÁLISE ESTRUTURACIONISTA.....	134
CAPÍTULO IV	
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	155
5 BIBLIOGRAFIA.....	167
6 ANEXOS.....	173

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa se fundamentou como um estudo sobre as formas de sociabilidade na Internet, em particular, a partir da análise de dois ambientes de sociabilidade: um *site* de relacionamento e um espaço público de acesso gratuito à Internet em uma cidade do interior do Rio de Janeiro, Quissamã. A proposta inicial era perscrutar o que faziam na Internet os jovens usuários do sistema público de acesso à rede mundial de computadores dessa cidade, em grande medida, pessoas de baixa renda. Mas por que escolher Quissamã? Por que escolher os usuários jovens de baixa renda? Por que escolher uma “cidade de interior”? Por que pesquisar o que fazem na Internet esses jovens? Eis aí algumas questões pertinentes para a justificativa desse estudo.

A escolha de Quissamã se deu por uma série de fatores. Primeiramente soube através de amigos e depois pela visita ao *website* da Prefeitura local, que há na cidade um sistema público e gratuito de acesso à Internet para a população. Esse sistema funciona basicamente em duas frentes: através da disponibilização de um sinal de Internet para o acesso doméstico (via ondas de rádio); e pela construção em diversos pontos da cidade de Telecentros públicos e gratuitos de acesso a Internet denominados Quissanet. Além disso, há na cidade algumas *Lanhouses* bem como, apenas recentemente, o sistema Velox. Essa quantidade de meios de acesso em uma cidade pequena me pareceu algo incomum porém poderia ser o indicativo da existência de muitos usuários locais.

A escolha de uma cidade de interior pequena e com aspectos do mundo rural presentes em sua cotidianidade soma-se ao conjunto de nossas razões para a escolha do local pois, em larga medida, esse cenário contrasta com os locais onde encontramos o acesso à Internet de forma difundida a mais tempo e em maior escala no Brasil. Veremos os dados dessa afirmação mais adiante no trabalho.

Escolhemos os jovens pois logo em nossas primeiras visitas à cidade, bem como pelo acesso às estatísticas oficiais sobre os registros dos usuários,

constatamos que eles são os maiores utilizadores das Quissanetes e das *Lanhouses*, logo, da Internet. O são em frequência de acesso bem como em tempo de uso. Além disso, o foco nos jovens de baixa renda parte da curiosidade sociológica de saber o que fazem na Internet os jovens pobres do interior do Brasil, o que os atrai, fascina e motiva a navegar nessa rede que, muitas vezes, apresenta-se como algo pouco acessível para esse público uma vez em que a rede possui muitos conteúdos em língua estrangeira, os temas são em larga medida urbanos, há certa complexidade quanto às ferramentas, etc.

O conjunto desses motivos e razões das escolhas do campo e do público alvo dessa pesquisa conformam nossa justificativa. Como demonstraremos no decorrer do trabalho, a rede a princípio surge como um fenômeno urbano e “elitizado”, concentrado nos principais centros do país. A utilização maciça por parte de jovens carentes de uma cidade pequena e de interior contrapõe-se à imagem típica do internauta cosmopolita, urbano e “conectado” ao mundo que encontramos em diversos estudos acerca da cibercultura. Ou seja, entendemos que boa parte do conjunto de pesquisas que envolvem estudo de usuários de Internet se deram em grandes centros urbanos e levaram em consideração o “típico internauta”. Algumas pesquisas como a do professor Bernardo Sorj (2003; 2005), por exemplo, começam a dar atenção para a chegada da Internet em bairros carentes, favelas e periferias brasileiras atualmente. Acreditamos que haja um vácuo de estudos de usuários de Internet em contextos rurais e não urbanos do Brasil. Nesse sentido, nossa pesquisa se propõe a enveredar por esse caminho. Logo, parti para o campo com a seguinte pergunta em mente: o que fazem na Internet os jovens mais pobres do interior do Brasil?

Como o leitor terá a chance de constatar, nossa pesquisa seguirá, a partir desse propósito inicial, um caminho interessante. O que esses jovens que pesquisaremos mais fazem na Internet tomará grande parte de nossa atenção no decorrer do trabalho. E o que esses jovens tanto fazem tem nome, e se chama Orkut. Eles estão ligados à Internet para propósitos de conversação e comunicação, portanto, sociabilidade na rede social do Orkut. Nesse sentido, nosso estudo parte de uma descrição e discussão sobre os modos de uso da

Internet por parte desses jovens e caminha para a análise da sociabilidade desenvolvida nessa rede, mais precisamente com a utilização do Orkut. Esses modos são em larga medida a sociabilidade virtual, ou *online*, e sendo assim, dado ao largo tempo que se dedicam esses jovens à essa prática no Orkut, nós partimos para análise desse fenômeno.

Isto posto, na primeira parte desse estudo trabalharemos com os modos de uso da Internet pelos jovens de Quissamã, contextualizando a chegada e a difusão da rede no Brasil, apresentando a cidade de Quissamã, expondo a forma como chegou e se difundiu a Internet ali. Abordaremos também a política pública de Internet do município e como ela é vista por parte dos jovens. Ou seja, o primeiro capítulo basicamente é um tópico que apresenta e debate o usuário, a cidade e a política procurando ancorar a discussão nos contextos brasileiro e quissamense.

No segundo capítulo será o momento de fazermos uma abordagem teórica acerca de conceitos que permearão a discussão da sociabilidade encontrada entre os jovens quissamenses. Trataremos da temática da modernidade e do individualismo, procurando ancorar esse debate na realidade brasileira, e de como a sociabilidade se apresenta nesse cenário, sobretudo, se expressando por meio do individualismo em rede (CASTELLS, 2003 e 2007). Debateremos as implicações desse fenômeno na sociabilidade e de como se estruturam as comunidades virtuais na Internet através dessa perspectiva.

Em seguida, chegamos ao momento de tratar com mais propriedade da pesquisa empírica com a discussão da sociabilidade empreendida pelos jovens do local na Internet, principalmente pelo Orkut. Trataremos também de contextualizar a sociabilidade no Brasil e no Mundo através de duas pesquisas. Portanto, nesse capítulo traremos para o foco da análise as formas como se estruturam as sociabilidades dos jovens quissamenses na Internet, os seus porquês, as suas características e especificidades.

Por fim, desenvolveremos um debate que parte da revisão e crítica do conceito de individualismo em rede, defendendo que ele não é capaz de explicar a

realidade encontrada em Quissamã e propondo o desenvolvimento de outro arcabouço conceitual relativo à sociabilidade que se dá na Internet. Esse novo conceito se propõe a explicar casos em que os processos da modernidade se apresentam de formas até certo ponto diferenciadas conforme a realidade local.

Assim, Quissamã bem como outras cidades e contextos apresentariam diferentes características geradas pelas transformações da modernidade que as sociabilidades encontradas no local não espelhariam o paradigma desenvolvido por Castells (2003 e 2007); nessa cidade, mais proeminente que o individualismo em rede encontramos é o comunitarismo virtual. Dessa monta, utilizaremos o termo “virtual” em consonância com o termo “comunitarismo” não como significação daquilo que seria “irreal” ou do que “estaria por vir”, estando assim em “potencial”. Utilizaremos o termo “virtual” para dizer que esse comunitarismo se expressa no modo *online*, na Internet, dá-se no ciberespaço, logo, por meio das tecnologias da virtualidade do real. Ou seja, estamos falando de relações comunitárias que mantiveram a coesão interna porém transpondo seus laços e conexões para além das relações face a face dadas no bairro, na rua e na vizinhança. A comunidade tem sido estruturada na Internet mantendo uma espécie de distanciamento entre seus “membros” e os “outros”, indivíduos não pertencentes à localidade e não “(com)partilhadores” das relações comunitárias.

Além disso, do ponto de vista de uma crítica mais ampla aos processos de massificação do acesso à Internet que atualmente ganham notoriedade nos Governos e sociedades mundo afora, nós daremos um pequeno passo para uma crítica maior acerca dessas ações, ou seja, faremos um esboço de crítica à inclusão digital a partir da revisão bibliográfica e da observação da política de Internet de Quissamã. Crítica essa que merece um trabalho maior e mais direcionado a tal questão.

CAPÍTULO I

1. e-XODO URBANO: A INTERNET BRASILEIRA CHEGA AO INTERIOR

Nesse momento nos ateremos à chegada e difusão da Internet no Brasil procurando mostrar como essa chegou e por quais caminhos tem se propagado. A partir da perspectiva urbana e elitista que a Internet assume em sua chegada, iremos propor o estudo de usuários em cidades interioranas e rurais do Brasil, áreas em que apenas recentemente começaram a ter disponibilidade de acesso à Internet. Nesse sentido, com o enfoque sobre Quissamã, cuidaremos de descrever, analisar e avaliar o desenvolvimento e expansão da rede ali, aludindo para a política pública local Internet Cidadão: precursora do acesso local. Em seguida, aí já no plano mais empírico, cuidaremos dos modos de uso e perfis dos usuários para que mais adiante possamos mergulhar no mundo das sociabilidades que esses jovens estão desenvolvendo no e por meio da Internet, mais precisamente no Orkut.

Para desenvolver nossa explicação acerca dos modos de uso e sociabilidade desses usuários na rede, retomamos um pouco do contexto histórico de Quissamã pois acreditamos que este esteja ligado ao modo como aqueles se relacionam na Internet. Portanto, a explicação de como se dá a sociabilidade na Internet carece da retomada histórica da cidade para sabermos como a sociabilidade fora da rede dada no dia-a-dia ocorre e qual sua relação com a formação social local.

1.1. UM BREVE PANORAMA DA INTERNET NO BRASIL

Abordaremos a Internet no Brasil tendo como pontos principais a forma como chegou, como tem se especializado por aqui, algumas facetas referentes ao perfil dos usuários bem como os “usos” da mesma. Mais adiante esse panorama nos permitirá dialogar com a problemática da chegada da Internet em Quissamã bem como com seus usuários.

O ano de 1988 marca a chegada da Internet no Brasil, mais precisamente em São Paulo e sob os auspícios da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), órgão ligado à Secretaria Estadual de Ciência e Tecnologia. Já no ano de 1991 uma linha internacional de acesso à Internet foi conectada à FAPESP para que essa liberasse o acesso às instituições educacionais, fundações de pesquisa e órgãos governamentais. A segunda conexão à Internet para o Brasil foi feita em 1992 com o início da Rede Rio de Computadores através de recursos da FAPERJ (Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro).

A partir de 1992 o Governo Federal entrou em cena com a criação, através do Ministério da Ciência e Tecnologia (MCT), da Rede Nacional de Pesquisa (RNP) cuja coordenação coube ao cientista Tadao Takahashi. O Governo organizou o acesso à Internet promovendo, dentre outras coisas, o estabelecimento de pontos de presença nas capitais do país. A ideia seria montar o backbone¹ nacional interligando os diferentes estados da federação promovendo a conectividade em escala nacional. O adensamento da rede, dentre outras estratégias, seria efetivado por redes acadêmicas regionais, sob a responsabilidade dos respectivos governos estaduais (CARVALHO JR., 2006, p. 23 e 24).

Em 1994 o Governo Federal se propôs em investir no desenvolvimento da Internet no país. A RNP entraria com a experiência adquirida na gestão da rede acadêmica iniciada em 1992, e a Embratel – na época a empresa do sistema Telebrás responsável pelos serviços interurbanos e internacionais – exploraria comercialmente o acesso à rede. Com a desestatização do setor de telecomunicações promovida pelo Governo Fernando Henrique a Internet brasileira experimentou “novos ares”, pois basicamente até 1995 coube aos Governos (Federal e Estadual) a disponibilização do acesso e às instituições de pesquisa a administração da rede no Brasil. Entretanto, a partir de 1995 foi criada a figura do provedor de acesso privado, liberando a operação comercial

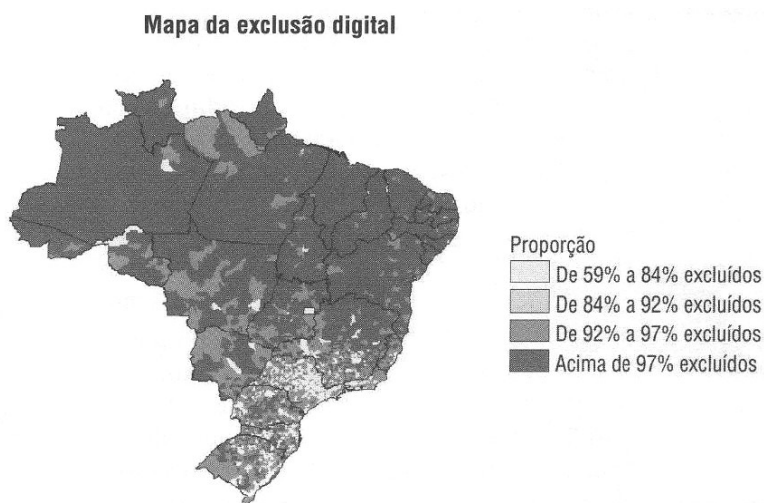
1 Backbone ou “espinha dorsal” é um termo utilizado para definir a estrutura física de interconexão (fibra ótica, satélites ou ondas de rádio, por exemplo) entre os principais computadores de uma rede, que possui maior capacidade de transferência de dados.

da rede no país (CHAHIN, CUNHA, KNIGHT, PINTO, 2004, p. 7). Esse mesmo ano é tido como o “marco-zero” da Internet comercial no Brasil e no mundo, pois foi quando surgiu nos Estados Unidos alguns dos mais importantes nomes da rede, como o *site* Yahoo! e a livraria virtual Amazon.com, além dos primeiros protagonistas da Web brasileira (VIEIRA, 2003, p. 10 e 11).

Dados sobre a expansão da Internet no Brasil nos mostram como a rede cresceu vertiginosamente nos últimos anos. De 117.200 hosts (computadores ligados diretamente à Internet) em janeiro de 1998, passamos para 2.237.527 em janeiro de 2003. Calculando-se dez usuários por host chegamos ao número de 22.375.270 de usuários brasileiros em 2003, ou 12,7% da população estimada pelo IBGE. No período de um ano e meio, entre julho de 2001 e janeiro de 2003, o número de hosts no Brasil cresceu 118% (CHAHIN, CUNHA, KNIGHT, PINTO, 2004, p. 8).

Como nos mostrou Castells (2003), a Internet surgiu no contexto urbano e se espacializou primeiro nesse. No Brasil, a distribuição geográfica do acesso seguiu também uma primazia urbana e principalmente nos grandes centros do sudeste e sul. Acompanhemos a figura 1, referente ao ano de 2003, que representa o percentual de pessoas sem acesso à Internet:

Figura 1:



Fonte: Marcelo Cortes Néri (coord.) *Mapa da exclusão digital*. Fundação Getúlio Vargas, Instituto Brasileiro de Economia, Centro de Políticas Sociais, abr. 2003. Disponível em www2.fgv.br/ibre/cps/mapa_exclusao/apresentacao/apresentacao.htm.

Conforme a figura 1 havia uma concentração da Internet no sudeste e sul brasileiros, pois lá estavam os menores percentuais de excluídos. Entendemos que para a iniciativa privada seria bastante racional que essas áreas fossem prioritárias quanto à disponibilização do acesso, pois há mais gente ali que pode pagar pelo serviço, ou seja, maior mercado consumidor. De certa forma, para o Governo também, pois são nessas áreas que estão as maiores cidades do país, as principais universidades, os principais pólos industriais e centros tecnológicos, ou seja, são áreas mais estratégicas.

A título de exemplo temos o estudo empreendido por Ronaldo Pimenta de Carvalho Júnior (2006) acerca da morfogênese do ciberespaço fluminense através da análise da Rede Rio de Computadores. Sua análise nos evidenciou que havia uma concentração dos serviços da rede na centralidade urbana (área metropolitana do Rio de Janeiro), mais precisamente em seus espaços mais elitistas (zona sul e centro), o que para o autor significou que tal rede não poderia ser tratada enquanto ferramenta de superação da exclusão digital. Mesmo quando “presente” nas áreas mais pobres da cidade, a Rede Rio não se fazia presente enquanto ferramenta de combate à exclusão digital. Vejamos a passagem:

[...] cerca de 40% da largura de banda disponível na Rede Rio localiza-se nas áreas mais populosas e pobres da cidade do Rio de Janeiro, servindo instituições de ensino e pesquisa aí localizadas, mas não representando, necessariamente um benefício para essas populações [...] (CARVALHO JR. 2006, p. 118).

O site “Plantão Info²”, em 11 de setembro de 2008, trás a seguinte manchete: Rio conclui rede *Wi-Fi* grátis em Copacabana. A cidade do Rio de Janeiro estreou banda larga sem fio na orla de Copacabana, tal projeto oferece acesso à Internet banda larga gratuitamente na orla dessa praia através da tecnologia “sem fio”. Apesar de estar prevista nesse projeto a inclusão de outros bairros e regiões da cidade, por que inicialmente foi concedido o acesso à Copacabana?

² Rio conclui rede *Wi-Fi* grátis em Copacabana. Plantão Info, Mundo, 11 de setembro de 2008. Disponível em: <http://info.abril.com.br>. Acesso em 18 de setembro de 2008.

É lá que estão as pessoas sem acesso no Rio? Nesse sentido, informações como essa reforçam a dinâmica exposta por Ronaldo.

A concentração elitizada e urbana que a Internet tomou e em grande medida ainda toma, se expressa, para Bernardo Sorj, através da “falta” de conteúdos específicos para as comunidades rurais e periféricas do Brasil. Para o autor, isso se dá “[...] *pelo fato de a Internet ser um fenômeno fundamentalmente urbano, tanto em relação aos usuários como, em particular, aos produtores de sites, concentrados na sua maioria nas grandes cidades*” (SORJ, 2003, p. 72). Além disso, nas pequenas cidades e nos bairros pobres das grandes metrópoles é limitada a produção de informação destinada às necessidades locais (como por exemplo, ofertas de emprego, moradia, serviços, etc.).

O ponto chave a ser destacado nesse tópico é a feição elitista e urbana da Internet em sua chegada e desenvolvimento e os desdobramentos que daí decorrem. Por exemplo, como os locais de acesso e a maioria dos usuários estão nas grandes cidades, nas áreas mais nobres, em instituições de ensino superior e em grandes empresas, os estudos de usuários da Internet acabaram, em grande medida, apreendendo prioritariamente esses usuários.

A partir da recente expansão da rede abre-se uma brecha para estudos de usuários provenientes de bairros carentes, zonas rurais e cidades interioranas. Por exemplo, o Governo Federal – mais uma vez promotor da expansão da rede – lançou em 2008 através do Ministério do Desenvolvimento Agrário, o Projeto Territórios Digitais³ com o objetivo de promover a inclusão digital no interior e nas zonas rurais do Brasil. Esse projeto aproveitou as experiências de outras ações do Ministério, sobretudo as realizadas a partir de 2004 em parceria com instituições que também trabalham para o desenvolvimento do interior brasileiro.

Além disso encontramos na rede, através de uma rápida procura em *sites* de busca, empresas que oferecem o serviço de conexão e provimento de Internet

3 Ver: <http://www.mda.gov.br/portal/index/show/index/cod/134/codInterno/19319>.

em áreas rurais, interioranas e até mesmo remotas do Brasil⁴. Entretanto, desse novo cenário ainda não encontramos estudos e trabalhos acadêmicos que lidem com a Internet e os usuários nesses contextos. Portanto, nesse trabalho, colocaremos a proposta de se estudar a Internet em sua chegada às cidades do interior e zonas rurais e de como ela tem sido apropriada ali. Logo, Quissamã nos servirá como campo.

Mesmo tendo identificado a forma urbana e elitista que a Internet segue, reconhecemos que ela mais recentemente tem chegado aos bairros mais pobres e periferias do Brasil de forma surpreendente. Não é difícil encontrarmos algumas *Lanhouses* em um pequeno passeio por uma periferia ou comunidade carente.

Constatações como a nossa são, por vezes, apropriadas pela grande mídia através de reportagens que mostram a “febre” das *Lanhouses* na periferia ou mesmo apenas para noticiar fatos e acontecimentos que envolvam aquela⁵. O barateamento dos computadores e os planos diversificados dos provedores de Internet têm possibilitado um acesso menos custoso à Internet e à informática para famílias de menor poder aquisitivo.

Na busca de informações bem detalhadas acerca da Internet e de seus usuários no Brasil encontramos dados do IBGE acerca do uso da Internet e do telefone celular referentes ao ano de 2005. Essa pesquisa foi uma extensão da PNAD⁶ e apesar de ter tido outra dessa em 2007, foi somente na de 2005 que deram esse enfoque suplementar sobre a Internet e o Celular. Desse modo utilizaremos alguns dados dessa pesquisa e os ligaremos a alguns mais recentes para buscarmos argumentos empíricos para nossa afirmação do padrão urbano e elitista da Internet no Brasil. Esse panorama nos servirá como contraponto para o caso de Quissamã.

4 A título de exemplo ver: <http://www.ruralmax.com.br/>, <http://www.ruralweb.inf.br/ruralweb/>, <http://www.sambabusiness.com.br/>.

5 Temos visto com certa frequência gravações de circuito interno desses estabelecimentos flagrando crimes nesse espaço. Isso, a nosso ver, ilustra a presença e a amplitude que esses estabelecimentos estão tendo nas periferias, chegando ao ponto de estarem se tornando alvo de criminosos de olho no faturamento da *Lanhouse*.

6 Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios. Para conferir essa pesquisa na íntegra, ver: <http://www.ibge.com.br/home/estatistica/populacao/acesoainternet/default.shtm>.

Apesar de conter ricas informações e dados, essa pesquisa não fez um recorte para a situação da Internet no campo e no Interior do Brasil, ela tomou os usuários como um todo.

Essa pesquisa considerou uma população com idade igual ou superior a 10 anos e as principais variáveis correlacionadas foram: rendimento domiciliar, nível de instrução e idade. Para o IBGE, dentro dessa população verificou-se que 21% das pessoas acessaram a Internet em algum local, pelo menos uma vez, no período de referência dos últimos três meses, em 2005. Dentre esses, a maior concentração deu-se nas regiões Sudeste, Sul e Centro-Oeste, respectivamente. Como podemos ver, de 2003, como nos mostrou o mapa, para 2005, como nos mostra essa pesquisa, Sul e Sudeste continuam a concentrar um maior número de usuários de Internet.

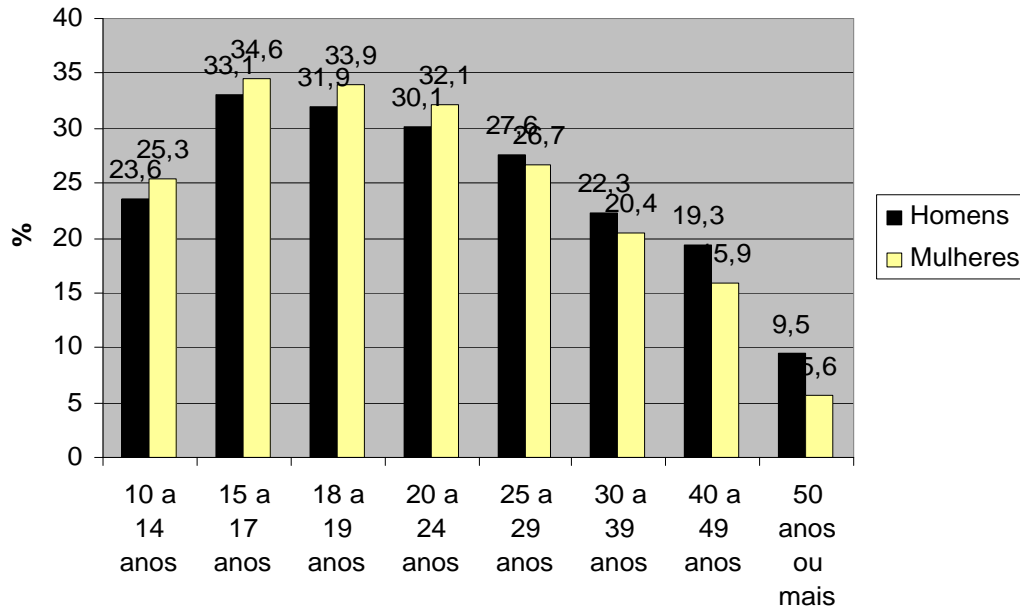
A partir dessa pesquisa, temos que a idade média da população que era usuária foi de 28,1 anos, entretanto, considerando a população por faixas de idade, verificou-se que a utilização da Internet estava mais concentrada nos grupos etários mais jovens: o grupo de 15 a 17 anos tem 33,9% de usuários e esse percentual foi maior do que os das demais faixas etárias⁷. Essa constatação sinaliza em direção às nossas observações em Quissamã, ou seja, há uma primazia jovem.

Acompanhemos o gráfico a seguir com os dados do IBGE que nos trará maiores detalhes:

Gráfico 1:

⁷ Esse percentual foi declinando com o aumento da faixa de idade.

Percentual das pessoas que utilizam a Internet, no período de referência dos últimos três meses, na população de 10 anos ou mais de idade, por sexo e grupos de idade - Brasil - 2005



Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de trabalho e rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2005.

Quanto ao nível de educação, o dos usuários da Internet foi acentuadamente mais elevado que o das pessoas que não utilizaram a rede. A média de anos de estudo dos usuários foi de 10,7 anos, enquanto o das pessoas que não utilizaram a rede ficou em 5,6 anos. Quanto mais elevado era o nível de instrução, maior era a proporção de usuários da Internet. Com relação aos usuários na população pesquisada, temos que a parcela estudantil apresentou um quantitativo superior a não-estudantil.

Quanto ao nível do rendimento médio mensal domiciliar per capita das pessoas que utilizaram a Internet, ele foi expressivamente mais elevado que o daquelas que não acessaram esta rede. O rendimento desses ficou em R\$ 333,00 enquanto que o daqueles ficou em R\$ 1000,00. Quanto ao local de acesso, do total de pessoas que utilizaram a Internet, 50% acessou no domicílio em que morava e 39,7% em seu local de trabalho, sendo esses locais os que tiveram

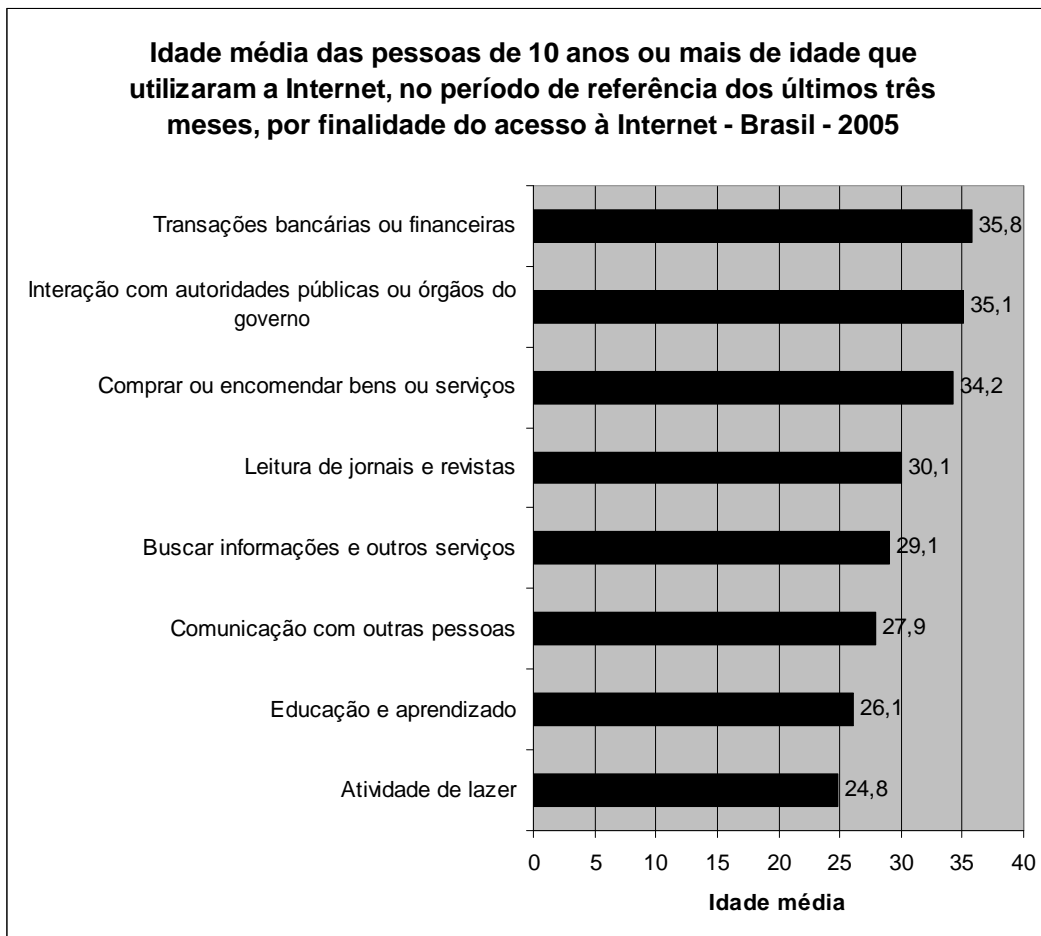
maiores índices de pessoas acessando. Os centros públicos de acesso gratuito apresentaram o menor percentual, ficando com 10%, enquanto os centros públicos de acesso pago atingiram 25,7%.

Quanto aos usuários dos centros públicos de acesso gratuito, a faixa etária entre 10 e 17 anos apresentou 35,6% e a de 18 a 24 anos apresentou 31,2%. Esses percentuais corresponderam à maioria do público frequentador desses centros gratuitos. Nesses centros predominaram usuários de baixa renda e de baixa escolaridade. Os usuários de menor renda predominaram nos centros públicos de acesso pago. A princípio, isso nos faz pensar em duas hipóteses: ou não há suficientes telecentros gratuitos próximo aos usuários de baixa renda, ou o que lhes interessam fazer com o computador e a Internet pode ser mais bem executado em uma *Lanhouse*. Por exemplo: atividades de lazer em geral, jogos eletrônicos em rede, escutar música, baixar toques personalizados para o celular, imprimir, conversar via *webcam*, etc.

Como veremos mais a frente, esse é o caso de Quissamã, lá os centros públicos de acesso gratuito são usados predominantemente por crianças, adolescentes e jovens ainda em fase escolar (por isso baixa escolaridade) e de baixa renda. As pessoas com maior grau de instrução e renda predominaram entre os que acessaram no próprio domicílio e no local de trabalho. Em outras palavras, quem acessa em casa e no trabalho tem mais renda e mais escolaridade, quem acessa nos centros públicos de acesso pago ou gratuito tem menor renda e baixa escolaridade.

Quanto à finalidade do acesso temos que esse pode ser múltiplo. Os números de pessoas que utilizaram a Internet foram bastante distintos em função das finalidades para as quais a acessaram. Acompanhemos o gráfico a seguir, mais uma vez feito a partir de dados do IBGE, que nos irá mostrar a relação entre a finalidade do uso e a idade.

Gráfico 2:

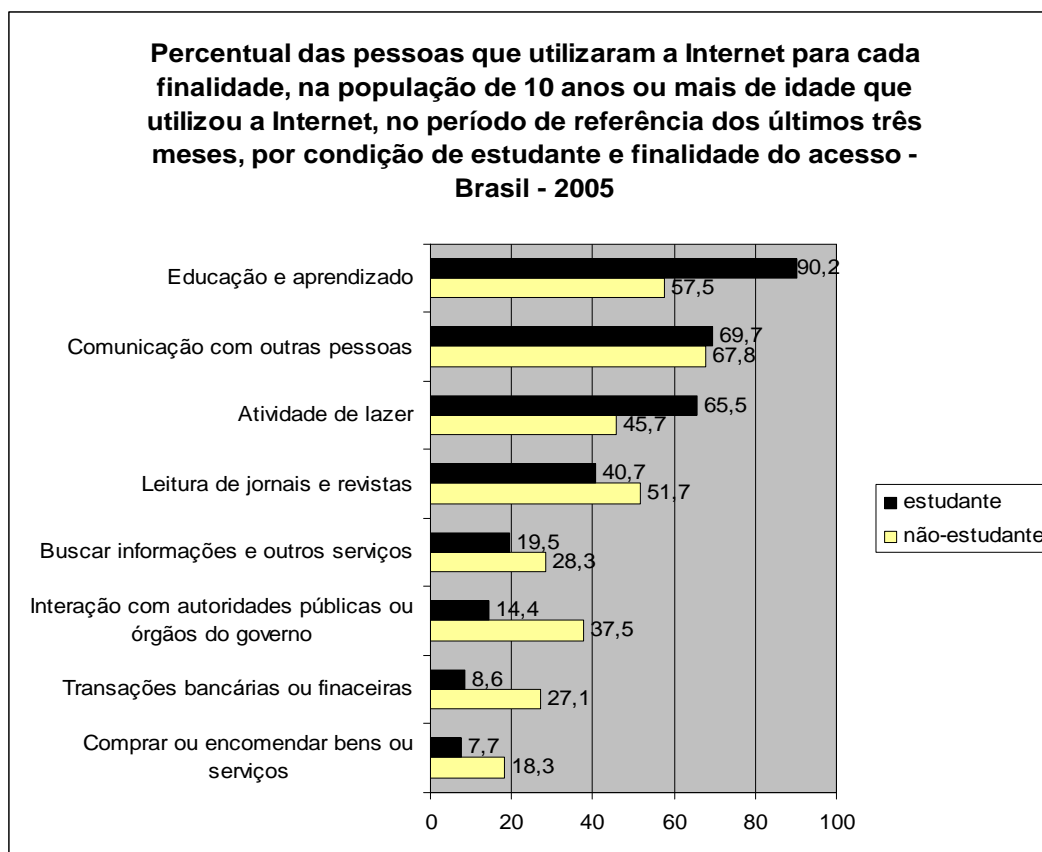


Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2005.

Como podemos constatar a menor idade média, os mais baixos rendimentos bem como o nível de instrução mais baixo foram das pessoas que utilizaram a Internet para atividades de lazer. Podemos inferir daí que os jovens mais pobres estão utilizando a Internet para o lazer e que tal fato, de certa forma, contribui incrementalmente para nossa crítica às perspectivas tecnicistas da inclusão digital que veem a Internet como a salvaguarda da cidadania e da melhoria da qualidade de vida dos usuários e que em face disso deva ser promovida e difundida deliberadamente em nossa sociedade. Segundo consta para os designatários dessa perspectiva, a tecnologia é um poder autônomo, possuidor de dinâmica própria e capaz de influenciar a sociedade. Essa visão se subdivide em duas vertentes de estudiosos, os *tecnófilos* (otimistas) e os *tecnófobos* (pessimistas). Os primeiros são os que creem que a tecnologia tem o poder de influenciar a sociedade positivamente, ao passo que os outros são

os que acreditam que a tecnologia influencia negativamente. Enquanto para os *tecnófilos* a época da máquina é uma época de esperança, na qual a tecnologia é igualada ao progresso de um mundo de abundância, livre de labuta; para os *tecnófobos* ela é uma época de horror, evocando uma visão de mundo enlouquecido e fora de controle (RÜDIGER, 2007, p. 14). Entretanto, cremos aí que seja preciso ponderar acerca das relações entre “potencialidades da Internet” e “realidades desencadeadas” pelo uso da mesma, portanto, o estudo de usuários é relevante. Um dado que será importante na comparação com Quissamã, que faremos mais a frente, refere-se aos estudantes. De acordo com o IBGE, na população dos estudantes usuários da Internet, a proporção dos que a utilizaram para educação e aprendizado foi destacadamente a mais elevada (90,2%), vindo depois, as dos que a acessaram para comunicação com outras pessoas (69,7%) e atividades de lazer (65,5%). Vejamos o gráfico a seguir.

Gráfico 3:



Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2005.

Apesar do propósito educacional e do aprendizado terem obtido maior expressão entre os estudantes, precisaríamos avaliar a frequência de cada tipo de acesso pois, como a pesquisa informa, ela considera três meses válidos para o respondente mencionar se utilizou a Internet para educação e aprendizado. Creio que se a medição levasse em conta a frequência dos modos de uso por parte dos jovens estudantes (o que eles mais fazem na Internet), vislumbro que poderíamos encontrar a comunicação com outras pessoas e as atividades de lazer figurando na primeira e segunda colocação respectivamente.

No contingente de pessoas ocupadas que acessou a Internet, a maior proporção foi a das que a utilizaram para comunicação com outras pessoas (69,4%), depois a das que a usaram para educação e aprendizado (65,1%). Em seguida temos os percentuais das pessoas ocupadas que a utilizaram para leitura de jornais e revistas (51,6%) e atividades de lazer (47,8%). Constatou-se que o menor percentual foi das pessoas ocupadas que usaram a Internet para comprar ou encomendar bens e serviços (18,4%). Já na população que não era ocupada, o maior percentual foi o dos usuários que acessaram a Internet para educação e aprendizado (82,5%). Figurando em segundo e terceiro lugar respectivamente, situaram-se os percentuais das pessoas não-ocupadas que utilizaram esta rede para comunicação com outras pessoas (67,4%) e atividades de lazer (65,0%).

Por fim tivemos a proporção das que usaram a Internet para leitura de jornais e revistas (39,3%). As proporções mais baixas foram as das pessoas não-ocupadas que usaram esta rede para comprar ou encomendar bens ou serviços (6,0%) e para efetuar transações bancárias ou financeiras (5,8%). Acreditamos que esses que não trabalham são os adolescentes e jovens que apenas estudam e usam a rede mundial prioritariamente para pesquisa escolar e comunicação com outras pessoas. Quem trabalha esta utilizando a rede primordialmente como meio de comunicação.

Quanto à frequência de utilização da Internet, para essa população considerada pelo IBGE, temos uma minoria que usou menos de uma vez por mês (3,1%) e uma grande maioria que fez uso pelo menos uma vez por semana. Desses, 36,3% acessaram pelo menos uma vez por dia e 47,3% pelo menos uma vez por semana, mas não todo dia. As regiões Sudeste, Sul e Centro-Oeste apresentaram níveis acima do restante do Brasil quanto a usuários diários da Internet. Relacionando a frequência de acesso com a idade, a partir dos dados do IBGE, temos a seguinte tabela.

Tabela 1:

Distribuição das pessoas de 10 anos ou mais de idade que utilizaram a Internet, no período de referência dos últimos três meses, por grupo de idade, segundo a frequência de utilização da Internet - Brasil - 2005

Frequência de utilização da Internet	Distribuição das pessoas de 10 anos ou mais de idade que utilizaram a Internet, no período de referência dos últimos três meses (%)				
	Total (1)	Grupos de idade			
		10 a 17 anos	18 a 24	25 a 39	40 ou mais
Total (2)	100	100	100	100	100
Pelo menos uma vez por dia	36,3	24,1	35,3	40,7	45,3
Pelo menos uma vez por semana, mas não todo dia	47,3	55,7	47,6	44,3	41,6
Pelo menos uma vez por mês, mas não toda semana	11,7	15,1	12,2	10,3	9
Menos de uma vez por mês	3,1	3,5	3,1	3	2,7

(1) Inclusive as pessoas com idade ignorada. (2) Inclusive as pessoas que não souberam informar ou sem declaração de frequência com que utilizaram a Internet.

Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2005.

A tabela nos mostra que a maioria dos mais jovens utiliza a Internet toda semana e alguns chegam a usá-la todos os dias. Com o aumento da faixa etária, foi crescente o percentual de pessoas que utilizaram a Internet com mais frequência; o mesmo se deu para o aumento da renda⁸. Desse modo, podemos pensar que os mais velhos estejam acessando no trabalho durante a semana e em casa nos fins de semana, logo, todos os dias estariam utilizando a Internet.

⁸ Os dados indicaram também que conforme diminuía a renda, também diminuía a frequência do acesso.

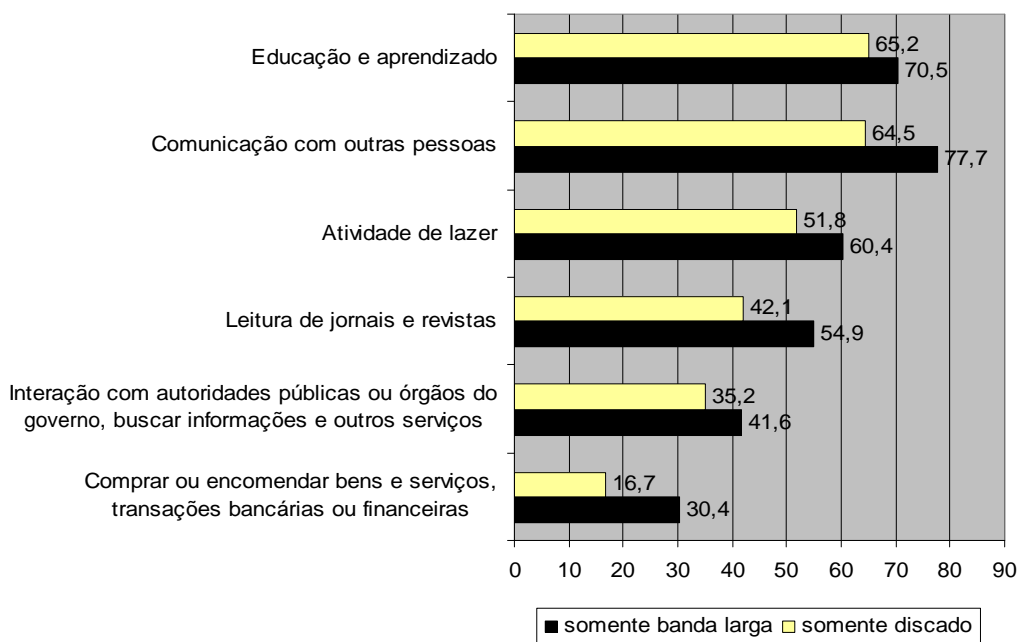
Há uma espécie de consenso entre as pessoas de que computador e Internet são coisas de gente nova, de menos idade (estudantes jovens, adolescentes e mesmo crianças). Entretanto, segundo essa pesquisa do IBGE os estudantes utilizaram a Internet com menos intensidade que as pessoas que não eram estudantes. Na população estudantil, 32,3% acessaram a Internet pelo menos uma vez por dia, enquanto na das pessoas que não eram estudantes este indicador subiu para 39,3%. Esse mesmo comportamento foi observado em todas as Grandes Regiões. Apesar disso, como vimos, o quantitativo de usuários estudantes foi superior ao de não-estudantes.

Quanto ao tipo de conexão à Internet no domicílio, no tocante a população usuária de internet no domicílio em que morava, temos que 52,1% tinham somente a conexão discada, 41,2% unicamente por banda larga e 6,7% ambas as formas de acesso. Os usuários da banda larga concentraram pessoas de rendimento mensal domiciliar *per capita* mais elevado que os da conexão discada – à medida que crescia o rendimento mensal domiciliar, aumentava o percentual de pessoas que tinham conexão à Internet no domicílio somente por banda larga.

Entendemos que quem “pode pagar” escolhe a Internet banda larga assim como, essa, através das empresas que exploram esse nicho de mercado, chega primeiro aos bairros onde essas pessoas que “podem pagar” moram. Portanto, quem ganhava mais acessava mais por banda larga e tinha maior frequência no acesso. A correlação entre as finalidades do acesso e a forma do mesmo pode nos indicar algumas distinções. Vejamos o gráfico.

Gráfico 4:

Percentual das pessoas que usaram a Internet para cada finalidade, na pop. de 10 anos ou mais de idade que a utilizou somente no próprio domicílio, no período de referência dos últimos três meses, por tipo de conexão e finalidade do acesso - Brasil - 2005



Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2005.

Quem acessava por banda larga o fazia com mais frequência e, portanto, com mais tempo na Internet, mais coisas podia fazer. Como podemos ver, em todos os quesitos do gráfico acima as pessoas que acessaram somente por banda larga formaram um quantitativo superior às pessoas que usavam somente pelo acesso discado. Tal fato pode ter a sua explicação numa prática comum de quem acessa somente discado. Muitos que assim o faziam aguardavam a meia-noite chegar para se conectarem a rede, pois assim a companhia telefônica só computava um pulso independentemente da quantidade de horas que a pessoa ficasse, entretanto essa forma de cobrança se esgotava as seis da manhã. Sendo assim, a pessoa com menos renda, “refém” da Internet discada, tinha que acessar após a meia-noite ou aos finais de semana e feriados, para conseguir ser econômica sem deixar de usar a Internet. Logo, depender somente do horário da madrugada para ter acesso à rede pode comprometer a disponibilidade da pessoa em realizar tal atividade. Esse tipo de

prática foi detectada na pesquisa de Sorj e Guedes, *Internet na Favela*. Eles relataram o caso de um jovem como exemplo: “*Ele acessa a Internet durante a madrugada para baratear o custo, utilizando o ICQ ou sala de batepapo com os amigos [...]*” (SORJ E GUEDES, 2005, p. 51).

No tempo em que a Internet banda larga ainda era pouco acessível, lembro que toda vez em que frequentava as salas de bate papo da UOL (Universo Online), essas só enchiam de gente após a meia noite. De alguns anos para cá as empresas de telefonia fixa começaram a oferecer pacotes com preços diferenciados para que os clientes de Internet discada pudessem continuar acessando por esse meio em horários mais flexíveis. Sendo assim, não sabemos o que ocorreu com esse tipo de prática de usar depois da meia noite, ou mesmo se ela atualmente ainda existe entre os que acessam pela Internet discada.

Ainda com relação ao tipo de conexão à Internet, dados referentes ao ano de 2008 mostraram que o Brasil superou a marca de 10 milhões de conexões domésticas banda larga. O *10º Barômetro Cisco de Banda Larga*⁹, revela que o Brasil fechou o primeiro semestre do ano com 10,04 milhões de conexões banda larga. O número representa um crescimento de 48% sobre mesma medição feita no ano passado. Com o dado, a Cisco calcula que 13% dos lares brasileiros já tenham uma conexão banda larga disponível. Com 10 milhões de conexões, o Brasil é o país da América do Sul com mais infraestrutura de Internet. Quando levado em conta o critério conexão por grupo de 100 mil habitantes, no entanto, o país fica atrás do Chile e Argentina em acesso à Internet. Logo, vemos que o acesso banda larga para uso doméstico está se difundindo no Brasil.

Voltando à pesquisa do IBGE, quanto aos que não utilizaram a Internet os motivos indicados com mais frequência para não usar foram: não tinham acesso a microcomputador; não achavam necessário ou não queriam; e não sabiam utilizar a Internet. Os indivíduos que indicaram esses três motivos, em

9 Ver: <http://info.abril.com.br/aberto/infonews/082008/20082008-24.shl>.

conjunto, representaram 78,6% das pessoas que não acessaram a Internet. O “alto custo do microcomputador” só apareceu como argumento na quarta colocação tendo obtido 9,1% das respostas. Dentre os que não utilizaram a Internet, a idade média ficou em 37,5 anos, sendo de 17,5 anos para a parcela dos estudantes e 42,7 anos para os não estudantes.

Em vista de uma comparação ao longo dos anos temos que, se em 2003 havia 12,7% de usuários considerando a população toda, em 2005 tivemos 21% desses só considerando as pessoas com 10 anos ou mais. Por outro lado, dados de 2007 do IBGE mostraram que 79% dos brasileiros nunca acessaram a Internet – esse percentual já foi maior, em 2001 era de 87,34%. No entanto, apesar das dificuldades em ter acesso à Internet no Brasil, ainda sim houve um crescimento expressivo do número de usuários: de 9,8 milhões em 1998, passamos para 12 milhões em 2001, depois para 22 milhões em 2003 e 32,1 milhões em 2007¹⁰.

Algumas informações mais atuais, porém menos detalhadas que as do IBGE, revelam alguns dados relevantes acerca do uso da Internet no Brasil. Em 27 de agosto de 2008 o *site* de notícias Plantão Info¹¹ divulgou a seguinte notícia: *Acesso doméstico à Web é recorde, diz Ibope*. O Relatório mensal do Ibope sobre o uso da Internet no Brasil indicou que em julho, 23,7 milhões de brasileiros acessaram a Internet a partir de suas casas. A análise aponta que existem 35,5 milhões de brasileiros com acesso doméstico à *Web*. O número de usuários ativos anotado em julho é 3,5% maior que o apurado em junho e 28% superior ao registrado há um ano. Segundo o instituto, as férias escolares ajudaram os brasileiros a bater outro recorde, o tempo médio de permanência *online*. Em setembro de 2000 o tempo era de 8h07min, para o mesmo mês no ano de 2002 saltou para 10h16min. Em julho de 2008, os brasileiros ficaram, na média, 24h54min conectados a partir de suas casas. Este é o valor mais alto já medido pelo Ibope e mantém o Brasil na liderança dessa estatística no mundo. O segundo país com a maior média usuário/horas *online* é a Alemanha com 21h06min. Em terceiro lugar aparecem os Estados Unidos com 20h51min.

10 Ver: <http://info.abril.com.br/aberto/infonews/082008/27082008-14.shl>.

11 Disponível em: <http://info.abril.com.br/aberto/infonews/062008/27062008-6.shl>.

Em face a esses dados e enfocando o público jovem, de acordo com o levantamento Norton *Online Living Report* conduzido em 12 países¹², incluindo o Brasil, feito pela Harris Interactive a pedido da empresa californiana líder global de softwares de infraestrutura, Symantec¹³ (2008), as pessoas entre 8 e 17 anos no Brasil são os que mais passam tempo conectadas à Internet, em torno de 70 horas mensais. Boa parte desse tempo, afirma o estudo, cerca de 13 horas por mês, são utilizadas pelos jovens para a prática da sociabilidade pela Internet.

Em virtude desses dados do IBGE bem como dos demais, acreditamos que não podemos falar de um perfil do usuário brasileiro, mas sim de “perfis” pois os desníveis socioeconômicos, raciais, etários, de escolaridade e de gênero que nosso país apresenta estão se apresentando também na Internet na medida em que os meios de acesso se expandem e o número de usuários cresce. Como nossa pesquisa empírica abordará os usuários mais jovens, sobretudo os frequentadores dos centros públicos de acesso gratuito, utilizaremos um perfil de “usuário jovem” para as devidas comparações que faremos posteriormente. Assim sendo, podemos inferir que os brasileiros, principalmente os mais jovens, gostam da Internet, de navegar pela Web e vivenciar diversas experiências nessa, sobretudo quando essas envolvem lazer e relacionamentos. No espectro de outras possíveis inferências demos relevo a essa, pois a mesma se aproxima de algumas percepções que tenho obtido em meu trabalho de campo com os usuários jovens de Internet de Quissamã. Nas palavras de uma adolescente que entrevistamos: “a Internet pra mim é tudo!”. Esse mesmo padrão do “jovem utilizador da Internet para diversão e comunicação” também foi detectado na pesquisa *Internet na Favela* de Sorj e Guedes (2005).

Como demonstraremos, os jovens quissamenses estão acessando a Internet para entretenimento, relacionamentos e pesquisas escolares, o que, como

12 EUA, Canadá, Reino Unido, França, Alemanha, Itália, Suécia, China, Japão, Índia, Austrália e Brasil.

13 Disponível em: http://www.nortononlineliving.com/documents/NOLR_studyreport031609.pdf. Acessado em: 2 de junho de 2009.

vimos, se aproxima em grande medida da visão dos usuários jovens mostrada pela pesquisa do IBGE (2005) e de Sorj e Guedes (2005). Adiante, quando formos relatar detalhadamente os usos da Internet pelos jovens de Quissamã, realizaremos algumas oportunas comparações tendo como base essas pesquisas. Entretanto, antes disso, apresentaremos mais pormenorizadamente a cidade onde se deu nossa pesquisa, relatando um pouco de sua história e características gerais de sua formação social. Assim, finda então que o perfil do jovem usuário retratado pela pesquisa do IBGE apresenta um usuário proveniente das regiões sudeste e sul, prioritariamente residente dos grandes e médios centros urbanos, estudante, possuidor de maior escolaridade que pessoas não-usuárias, frequentador semanal da rede e disposto a desenvolver ali suas atividades de educação e aprendizado, lazer e comunicação com outras pessoas.

1.2. QUISSAMÃ: UM JOVEM MUNICÍPIO “RICO”

Para que o leitor possa entender melhor nosso argumento explicativo e interpretativo acerca da sociabilidade dada na Internet entre os usuários de telecentros públicos de Quissamã, precisaremos expor um pouco da formação social da cidade e de como esta se apresenta atualmente no que concerne a sua estrutura social. Portanto, nesse sentido, tentaremos correlacionar posteriormente o modo de vida comunitário, interiorano e com fortes resquícios de uma sociedade rural que se apresenta em Quissamã às características da sociabilidade virtual dos pesquisados das Quissanetes, o que chamaremos de *comunitarismo virtual*.

O município de Quissamã está localizado na mesorregião do Norte Fluminense e microrregião de Macaé, estando próxima dessa cidade bem como de Campos dos Goytacazes. A área do município é de 724,2 km² compreendendo quatro rios, onze lagoas, cinco praias e uma parte do Parque Nacional da Restinga de Jurubatiba. A história da região de Campos e Quissamã começam por volta de 1627 quando a Coroa portuguesa concedeu sete sesmarias aos “sete capitães” – em reconhecimento à participação dos mesmos na luta contra

os franceses, travada no Rio de Janeiro. Ao tomarem posse da terra os capitães iniciaram a pecuária para atenderem os engenhos de açúcar da região da Guanabara com carne e animais de trabalho. A ocupação se deu em 1633, com a instalação de currais para a criação de gado na Freguesia do Furado, 35 localidade hoje chamada de Barra do Furado. Posteriormente, substituíram a pecuária pelo plantio de cana. Demoraria mais de um século para que a ocupação se tornasse efetiva, com a exploração em larga escala da lavoura canavieira e a construção dos primeiros engenhos de açúcar. Todo esse mundo que se vai construindo em Campos dos Goytacazes, Quissamã e região, era essencialmente rural; os senhores de engenho ricos, porém rudes, residiam no campo – a cidade era ainda um vilarejo com casas de pau-a-pique e tijolos (MARCHIORI, 1987).

No engenho vigorava, evidentemente, o regime patriarcal, onde o senhor de engenho desempenhava papel central como responsável pela esposa, filhos e dependentes, bem como por todos os trabalhadores assalariados e por todos os escravos. Mesmo em crônicas do século XVIII, designava-se a *família* como a totalidade de indivíduos tutelados pelo senhor de engenho. Era, portanto, em Quissamã, mais especificamente nas fazendas, que se desenvolvia a vida social dos moradores (MARCHIORI, 1987).

A partir de 1850 foi ganhando força entre os senhores de engenho, a ideia de que era necessário melhorar tecnicamente as unidades produtivas para enfrentar a concorrência estrangeira. A solução adotada foi a implantação de engenhos centrais. A produção da cana continuaria descentralizada enquanto que o beneficiamento industrial centralizaria a produção do açúcar. Nessa política de centralização dos engenhos, o primeiro a ser estabelecido na província fluminense foi o de Quissamã, localizado no município de Macaé; foi também o primeiro do Brasil. Ele foi constituído a partir dos capitais advindos da família do 1º Visconde de Araruama – sem subvenção do Governo.

O projeto dos engenhos centrais deve ser compreendido como parte do processo de modernização por que passou a economia e a sociedade brasileiras da segunda metade do século XIX. Objetivavam fundamentalmente

a melhoria do processo produtivo do açúcar e a qualificação deste para concorrer no mercado internacional. Por volta da década de 1980 a vida no distrito de Quissamã ainda girava em torno do engenho central. As fazendas da região possuíam como atividade econômica principal a plantação de cana-de-açúcar destinada ao fornecimento ao engenho central, que em seu complexo agroindustrial empregava grande parte da população ativa do distrito; de modo que, de uma forma ou de outra, o distrito de Quissamã gravitava em torno da Companhia Engenho Central (MARCHIORI, 1987, p. 26). Acompanhemos o trecho ilustrativo:

A sociedade que se desenvolveu em torno desse empreendimento agrícola era bastante simples em sua organização. Possuía as características típicas da tradicional sociedade rural: de um lado, os senhores de engenho, chamados de fazendeiros na região, de outro, os escravos. Entre os dois extremos havia um número elevado de pequenos proprietários e os moradores da vila. Em 1845, a população da Freguesia de Quissamã era de 2500 habitantes, “entrando neste número os escravos de ambos sexos que andam por 1800” (MARCHIORI, 1987, p. 30).

A “Quissamã de hoje” trás como herança diversas marcas e contextos causados por seu passado ligado ao modo produtivo agrícola monocultor patriarcal e escravista¹⁴. Apesar de sua recente emancipação e do atual “desenvolvimento econômico” do Norte fluminense (arcado em grande medida pelo petróleo), enxergamos ela como uma “pequena cidade do interior”. Assim, temos a cidade atual como resultante de antigas fazendas de cana escravistas que passaram por diversos processos modernizadores ao longo de sua história: começando com a centralização e modernização produtiva a partir dos engenhos centrais; passando pela urbanização do rural, ou seja, formação da freguesia de Quissamã, assim como pelo remodelamento arquitetônico desta (com início em 1920 e posterior retomada a partir de 1950 e 1970); chegando a descoberta de petróleo na região e sua decorrente exploração¹⁵. Como veremos posteriormente, diversas características resultantes desses processos

14 Em Quissamã, no século XIX, um engenho ou fazenda de açúcar representava, com todo o seu aparato, a casa-grande, a capela, as senzalas e a unidade fabril, quase que um pequeno estado, atento às necessidades dos que o cercavam ou o serviam (MARCHIORI, 1987).

15 Para saber mais: MARCHIORI, Maria Emília Prado [et al.]. Quissamã. Rio de Janeiro: SPHAN. Fundação Nacional Pró-Memória. 6 ed. Diretoria Regional, 1987. 200 p. Assim como: CRUZ, J. L. V. da; PINTO, A. B. M. Quissamã: um município petro-rentista. In: PIQUET, R.; SERRA, R> (Org.). Petróleo e Região no Brasil: o desafio da abundância. Rio de Janeiro: Garamond, 2007. p. 319-346.

podem estar relacionadas às formas peculiares que as sociabilidades dos jovens quissamenses irão conformar tanto *offline* quanto *online* atualmente.

A cidade de Quissamã atualmente possui aproximadamente 17 mil habitantes e com pouco menos de vinte anos de emancipação, é uma das nove cidades produtoras de petróleo, sendo privilegiada com os maiores quinhões das rendas petrolíferas (royalties), no norte do Estado do Rio de Janeiro (CRUZ e PINTO, 2007). O PIB per capita anual da cidade calculado pelo IBGE¹⁶ em 2006 foi de R\$147.312,00. Atualmente a cidade ganha relevo pelos investimentos públicos na proteção social, associados às políticas de infraestrutura e serviços urbanos, de geração de trabalho e renda e de fomento ao desenvolvimento econômico. Essas ações, apesar do pouco tempo de vida do local enquanto município, já apresentaram indícios de impactos positivos significativos nos indicadores referentes aos componentes essenciais de um processo de desenvolvimento (Sen, 2000)¹⁷.

1.3. UM BREVE OLHAR SOBRE A POLÍTICA PÚBLICA: AVALIANDO A EFICÁCIA DA “INTERNET CIDADÃO”

Em relação ao desenho institucional da política e os entrelaçamentos dela com outras políticas e diretrizes do governo municipal de Quissamã, é preciso esclarecermos um fato que impactou essa pesquisa. No ano de 2008 ocorreram eleições para prefeito em todo o Brasil. As conversas, os pedidos de entrevista, bem como o acesso a outras informações e pessoas do governo local foram imensamente dificultadas em virtude do pleito. Qualquer informação que saísse de dentro da prefeitura, por canais oficiais ou não, estava sendo encarada como um possível “tiro no pé” na reeleição do prefeito. Sendo assim, as fontes secaram, os contatos se emudeceram e nosso cronograma de pesquisa foi violado por diversas vezes. Desse modo, muitas informações que

16 Extraído de: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>. Acessado em 14 de janeiro de 2009.

17 Apud CRUZ e PINTO, 2007, p. 321.

poderiam contribuir para as análises que se desenvolverão nesse tópico, não nos foram dadas.

Contanto, em certa medida tive um pouco de sorte pois fui apresentado ao responsável técnico do programa por uma antiga amiga dele que veio a ser minha amiga posteriormente, ela quem fez essa ponte. Assim consegui um pouco mais de aproximação e bom trato, encontrando nesse profissional a figura do “informante local”, resultando em alguns dados e informações extra-oficiais, porém nada espetacular. O que tive acesso foi mais em termos da infraestrutura implantada pela política.

Nesse tópico trataremos do que convencionamos chamar de política pública de Internet de Quissamã. Essa avaliação levará em conta duas entrevistas concedidas pelo consultor da tecnologia da informação da prefeitura de Quissamã, diversas conversas (formais e informais) com o responsável técnico¹⁸ da mesma, bem como informações repassadas pela prefeitura, podendo algumas serem encontradas em seu *website*. Procuraremos enfocar a forma de funcionamento da política e a infraestrutura da mesma.

Segundo fomos informados por ambos entrevistados, a prefeitura local nunca avaliou esse projeto, o mesmo foi planejado em 2005, implementado em 2006 e até março de 2008 ainda não tinha sido oficialmente avaliado. Além disso, cabe ressaltar que a cidade de Quissamã foi a primeira a desenvolver um projeto desse tipo no estado do Rio e devido a isso, acreditamos que possíveis erros, ingenuidades, retrocessos e percalços possam ser, em certa medida, relativizados. Esperamos que esse trabalho, nesse sentido, possa servir de subsídio para os gestores do Internet Cidadão bem como para outras experiências de políticas de massificação do acesso à Internet.

Os dados e informações que trabalharemos agora nos foram passados pelo Consultor da Tecnologia da Informação da Prefeitura de Quissamã em duas entrevistas realizadas no mês de março de 2008 com permissão verbal do

¹⁸ Essas e outras informações foram obtidas ao longo do trabalho de campo em 2008.

secretário Municipal de Governo e Administração. Segundo o relato do Consultor, antes da Internet Cidadão o município não possuía provedor local de acesso e os desejosos de Internet eram obrigados a realizar a conexão discada por interurbano para Macaé ou Campos dos Goytacazes. A Prefeitura tendo se disposto a desenvolver esse projeto foi, para ele, uma oportunidade bem aproveitada. Então ela estipulou como objetivo base desse projeto, “*oferecer Internet para a cidade entrar na sociedade da informação*”.

Ainda de acordo com o Consultor, a tecnologia de Internet apropriada para esse município de relevo predominantemente plano era a *wireless* (sem fio e difundida por ondas de rádio). O sinal de Internet seria transmitido e distribuído por 11 torres localizadas na cidade. No primeiro ano (2006) o projeto contava com apenas 4 torres mas no ano seguinte já eram 8. Essas distribuem o sinal para os usuários domésticos, para as Quissanetes e empresas da cidade. O sinal vem de Campos dos Goytacazes, onde chega o sinal da Embratel via satélite, e é retransmitido até Quissamã. De acordo com o entrevistado, o alcance do sinal de cada torre que redistribui a Internet para a cidade é de em média 5 km ao redor dessas e que devido à distribuição espacial das mesmas, até mesmo na área rural se tem possibilidade de acesso¹⁹.

A estrutura física da Internet cidadão foi organizada da seguinte maneira pela PMQ, acompanhemos a figura:

Figura 2:

19 De acordo com ele tem-se notícia de pessoas que mesmo à 9 km da torre conseguem receber o sinal em suas casas.

Estrutura da Internet Quissamã



O sinal de Internet que chega pelo satélite é redirecionado às torres para que essas disponibilizem um maior alcance e espriamento do sinal para empresas instaladas na cidade, para a própria Prefeitura, para os Quiosques de Serviços desta, para os hospitais e escolas bem como para as Quissanetes e usuários domésticos.

Quanto aos custos do projeto, a instalação dos equipamentos e serviços e a manutenção e ampliação dos mesmos, custou em 2006 aproximadamente R\$284 mil, em 2007 cerca de R\$420 mil e em 2008 R\$305 mil aos cofres públicos²⁰. De acordo com o Consultor os custos não diminuiram mais para a PMQ pois o projeto ainda está em expansão. Atualmente o custo médio desse é de aproximadamente R\$500 mil anuais. Se tomarmos o número aproximado de pessoas utilizando a Internet em Quissamã atualmente, cerca de 30% da população²¹, o que daria aproximadamente 5 mil e cem pessoas, e dividirmos o custo mensal atual do projeto (cerca de R\$41 mil) pelo número de usuários,

²⁰ Os custos do projeto estão disponíveis em: http://www.quissama.rj.gov.br/contas_publicas.asp, acesso em janeiro de 2009.

²¹ A PMQ ao divulgar esse dado em um dos balancetes referentes ao andamento da política, estampou-o ao lado do correspondente à média nacional, que seria de 16%.

teríamos um custo mensal por usuário de aproximadamente R\$8 reais. Esse custo é muitíssimo menor do que é cobrado pela iniciativa privada em cidades como Vitória/ES e Campos dos Goytacazes/RJ²². Logo, ainda que entendamos que em Quissamã a prefeitura possa pagar, temos que mesmo se essa fosse dividir os custos entre os usuários, o valor de custo desse serviço seria muito baixo e, acredito, bastante acessível aos estratos mais pobres da população.

Quando eu perguntei ao Consultor porque a PMQ (Prefeitura Municipal de Quissamã) não quis cobrar pelo acesso doméstico da Internet, ele me respondeu com a seguinte problemática. Ela não poderia cobrar pois isso se configuraria uma concorrência com a Embratel (único órgão público que pode cobrar por tal serviço) e que se a PMQ resolvesse cobrar teria de estruturar uma fundação e assim adequar a burocracia para tal. Sendo assim ela resolveu disponibilizar em termos de política pública, dando caráter universal e gratuito à essa.

A velocidade da Internet que chega aos cidadãos que possuem o acesso doméstico é de 128 kbps (velocidade que já pode ser considerada “banda larga”), para as empresas, a velocidade varia de 256 à 512 kbps dependendo do porte da mesma. Para as Quissanetes a velocidade é de 512 kbps. O custo de adesão da Internet Cidadão para os usuários domésticos limita-se aos equipamentos necessários para receber o sinal: 1 antena de grade 2,4GHz; 8 metros de cabo RGC (em média); 1 *pig tail*; 2 conectores N; 1 suporte para a antena; 1 placa PCI *wireless*. O kit custa ao todo em média R\$ 350,00 no comércio local. Tendo um computador e o kit, o acesso à Internet é gratuito, no entanto, é preciso comprovar que se reside no município para ser cadastrado.

É divulgado pela PMQ, e sobretudo pelo Consultor entrevistado, que a cobertura do sinal na cidade de Quissamã abrange 100% do território habitado. Entretanto, o próprio reconheceu, depois da insistência do entrevistador, que há ainda duas pequenas áreas que o sinal não cobre e que nessas os moradores tem reclamado. Ele disse que já está previsto no projeto de

²² Em ambas os custos dos planos mais simples de Internet variam entre 50 e 70 reais.

expansão do sistema a inclusão dessas áreas. Esses dois locais “descobertos” são áreas rurais de pequenos aglomerados de moradores, espécie de vilarejos.

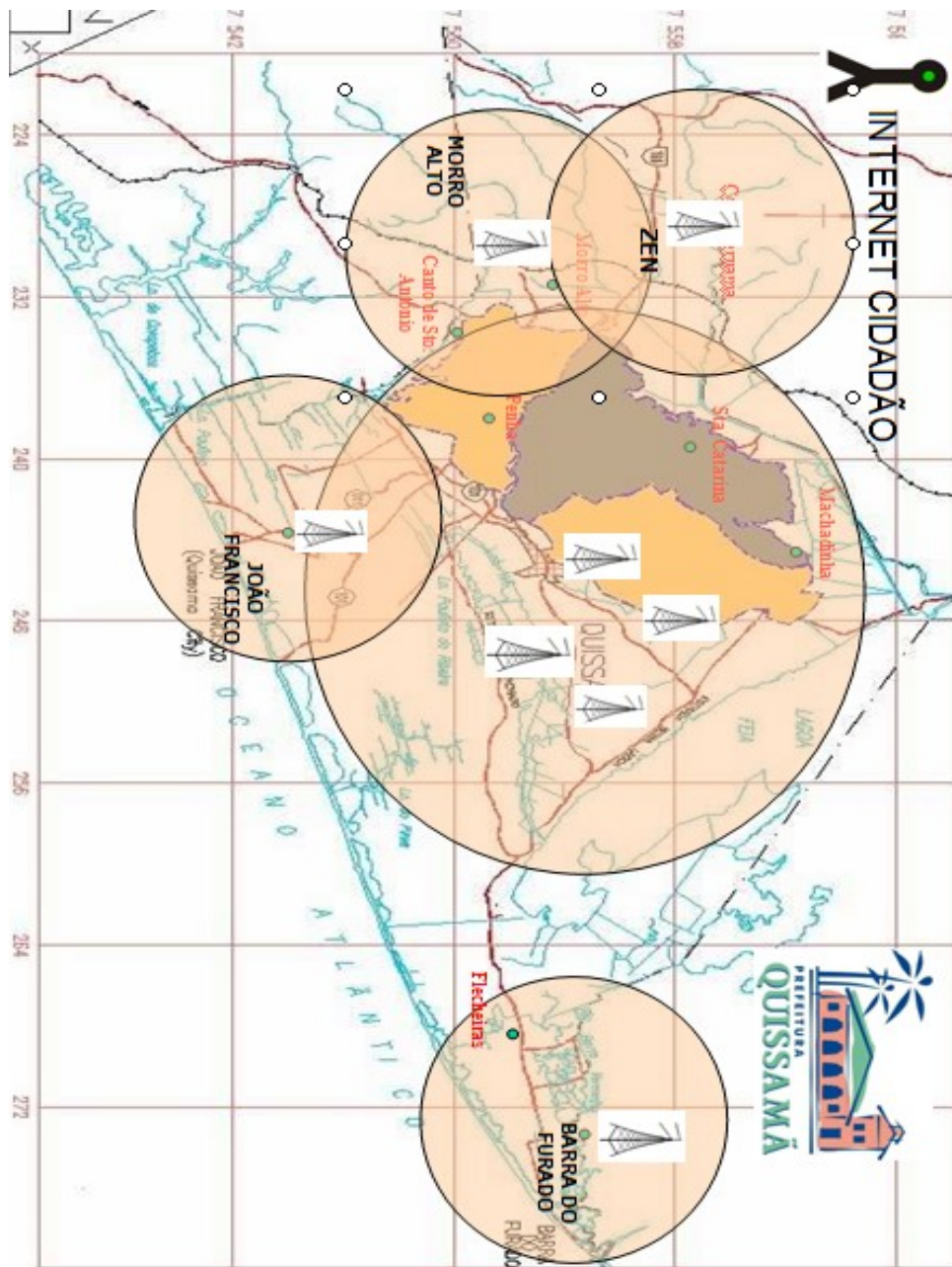
Em face dessa “divulgada” cobertura total do município, encontramos duas notícias veiculadas em dois diferentes jornais impressos de Quissamã, que nos dão um parecer confrontado da situação. No dia 05 de março de 2008 o jornal local Ponto de Vista veiculou a seguinte notícia²³: “Deficiência da Internet Cidadão é questionada na Câmara”. No dia 21 de agosto de 2008 foi a vez do também jornal local Diário de Quissamã estampar a seguinte manchete²⁴: “*Vereadores querem Internet Cidadão para Conde e São Miguel*”. De acordo com o primeiro jornal, a Câmara de Vereadores de Quissamã, mais precisamente na figura do presidente dessa, o vereador Junio Selem Pinto, questionava e cobrava esclarecimentos da prefeitura quanto a qualidade e estabilidade do sinal de Internet na cidade: “*Tenho recebido muitas reclamações de pessoas que dizem que a torre não está funcionando, ou que a internet está fora do ar. Quero saber por que isto está acontecendo com tanta frequência [...]*” (PONTO DE VISTA, 2008).

Já na Segunda reportagem, um grupo de vereadores pleiteava a implantação de Quissanetes em duas comunidades rurais do município, as localidades de Conde de Araruama e São Miguel do Furado. Segundo os vereadores, algumas localidades rurais ainda sofrem com o problema de disponibilidade de sinal o que dificulta o acesso, sobretudo domiciliar, à Internet Cidadão. Isto posto, e somando-se as opiniões dos usuários que exporemos mais a frente nesse trabalho, vemos que apesar do programa Internet Cidadão ter avançado muito de 2006 para 2008, não podemos acreditar nem divulgar que 100% do município já esteja coberto pela Internet. Entretanto, como nos disse o responsável técnico do programa ao ser questionado por essa contra-argumentação: “*estamos trabalhando para colocar o município totalmente coberto pelo sinal da Internet*”. Acompanhemos então a figura:

23 Deficiência da Internet Cidadão é questionada na Câmara. Ponto de Vista, Quissamã, 05 de março de 2008.

24 Vereadores querem Internet Cidadão para Conde e São Miguel. Diário de Quissamã, Quissamã, 21 de agosto de 2008.

Figura 3:



Vê-se que a concentração maior de torres dá-se no centro da cidade ao passo que nas zonas rurais mais afastadas, tais como as regiões entre Barra do Furado e o Centro, bem como entre João Francisco e Morro Alto e João Francisco e Barra do Furado, o quantitativo de torres e o alcance do sinal é menor. Tanto o mapa como a constatação dos usuários das regiões rurais mais afastadas e da Assembléia Legislativa apontam para essa concentração do

sinal no centro da cidade. Portanto, vemos que não há uma cobertura de 100% do sinal tal como apregoa a PMQ.

A PMQ não promove nenhum tipo de política de subsídio ou financiamento para a compra do computador pessoal e do kit de acesso à Internet Cidadão, nem mesmo para a população mais carente do município. Existem na cidade diversas *Lanhouses*, umas até fazem uso do sinal da Internet Cidadão. A PMQ até vê com maus olhos essa apropriação: “tem gente ganhando dinheiro com algo que é oferecido de graça”, disse o Consultor que entrevistamos. Ainda de acordo com esse, para as pessoas carentes a prefeitura criou, até o momento, sete Quissanetes. Essas são salas públicas de acesso gratuito à Internet, possuem de seis a dez computadores cada, o sistema operacional dos computadores é o Linux e os programas são todos software livres.

Levando em consideração a tipologia dos telecentros feita por Sorj (2003) temos que esses podem ser simplificados nos seguintes modelos:

- Telecentros de acesso: disponibilizam serviços básicos de Internet e, eventualmente, fax, fotocopadora, impressora e telefonia;
- Telecentros monopropósito: oferecem um único tipo de conteúdo e serviço, como informações governamentais ou educacionais;
- Telecentros de formação: incluem, além dos serviços mencionados no primeiro tipo, cursos de formação em telemática e orientação ao usuário;
- Telecentros comunitários multipropósito: cuja característica é a de aglutinar vários destes serviços: acesso, informações locais, serviços públicos, cursos de informática e educacionais, rádio comunitária, produção de conteúdos e serviços à comunidade.

Em vista dessa tipologia, temos que as Quissanetes estão enquadradas no primeiro tipo, pois basicamente elas só oferecem acesso à Internet. Apesar de em algumas haver impressora e possibilidade de cada usuário imprimir até 3 páginas por dia, quase sempre não encontramos esse serviço funcionando. Avaliamos isso como uma oportunidade desperdiçada, ou seja, em Quissamã já há uma rede estruturada de Internet para a população acessar em casa ou

nos telecentros públicos e nós não constatamos o funcionamento de nenhum tipo de treinamento especializado ou alfabetização digital nem mesmo outros serviços públicos vinculados à Quissanet.

Há no projeto da Internet Cidadão a proposta de vinculação de políticas públicas setoriais através da modalidade *online*, ou seja, o desenvolvimento do chamado governo eletrônico, contudo, não encontramos na prática usuários/cidadãos fazendo uso desses serviços por meio das Quissanetes – esses serviços nem ao menos foram mencionados ao longo da pesquisa. Outras funcionalidades e potencialidades da Internet que poderiam ser oferecidas pela Prefeitura local através de treinamento ou capacitação não foram constatadas, por exemplo: cursos de sistema operacional, montagem e manutenção de computadores, cursos de Office, projetos educativos (e-aprendizagem), cursos profissionalizantes à distância, etc.

Nesse sentido, de acordo com Sorj:

[...] deve-se levar em consideração que investimentos em acessos coletivos devem ser acompanhados de capacitação humana local. Representa um desperdício de recursos gastos em infraestrutura de comunicação e equipamentos de acesso se, no local onde se encontram os usuários potenciais, não existem pessoas capacitadas para o aproveitamento adequado da informação transmitida. A Internet permite alcançar lugares remotos com excelentes programas educativos, mas essa possibilidade não substitui nem resolve a falta de professores com uma formação mínima – típica dos locais distantes –, e capazes de fazer bom uso do material disponível (SORJ, 2003, p. 74).

Assim, apesar dos entrevistados terem relatado que utilizam a Internet para fazer suas pesquisas e trabalhos escolares, nos cabe problematizar esse tipo de prática em face dessa “carência” em treinamento e alfabetização digital. A Prefeitura local afirmou que há nas escolas do município aulas de informática. Alguns poucos entrevistados confirmaram tal informação. Entretanto, em nossa pesquisa nas Quissanetes notamos como muitos jovens apresentam dificuldades e limitações quanto aos recursos básicos de informática e Internet: dificuldades em realizar buscas na rede, salvar documentos em disquetes, salvar conteúdo da Internet, dentre outros. Além disso, alguns jovens usuários colocaram a “necessidade” da disponibilização de treinamento e capacitação

nas Quissanetes. Sendo assim, o programa de ensino em informática das escolas nos parece ser algo ainda insipiente em virtude dessas observações. Não priorizar as Quissanetes como meios de ensino e capacitação para a população, configura, para nós, um desperdício de oportunidade.

Os computadores das Quissanetes não são dos mais modernos, mas além de bem conservados, são rápidos e funcionais. Eles possuem entrada para disquete, entrada USB e alguns têm drive de CD-rom e outros de DVD. Ainda que todas as Quissanetes tenham monitores para ajudar os usuários no trato com a informática e a Internet, escutamos muitas reclamações tanto daqueles quanto desses a respeito do mau uso do equipamento gerando problemas técnicos. Mais uma vez a transformação das Quissanetes em locais de ensino de informática e Internet se mostra estratégica para a política, pois entendemos que usuários qualificados poderiam conservar melhor os equipamentos – poupando recursos ao passo da educação digital – fazendo bom uso do *software* e do *hardware* bem como desenvolvendo atividades mais variadas, explorando e contribuindo de uma melhor maneira para a rede mundial de computadores.

A Internet nas Quissanetes é bloqueada para certos *sites*, programas, ações e conteúdos (pornografia, Voip, *downloads*, *uploads*, jogos em rede, compartilhamento de arquivos, etc.), além disso, a navegação é monitorada, a PMQ sabe em quais *sites* os usuários estão navegando. Ela afirma ainda que essa limitação à Quissanet é proposital no sentido que a intenção deles era criar ali um espaço para realização de trabalhos e pesquisas escolares/acadêmicas, portanto um espaço para o aprendizado, e não um local para divertimento e lazer na *web*.

Quanto aos usuários domésticos, apesar de também terem que se cadastrar, não tem a navegação monitorada e ou bloqueada para os diversos conteúdos e *sites* da Internet, o que lhes permite, por exemplo, ter acesso ao acervo cultural audiovisual da humanidade na Internet por meio dos downloads e do compartilhamento de arquivos. Nesse sentido, entendemos que o usuário doméstico goza de mais liberdade e privacidade em seu acesso à rede e pode

desfrutar de mais coisas nessa; já a pessoa mais pobre e que é dependente da Quissanet tem sua gama de possibilidades de navegação reduzida e tem um campo de navegação e utilização da rede também restringido. Além disso, como veremos mais adiante, essas pessoas encontram outros problemas na utilização das Quissanetes. Caso essas pessoas despossuídas de computador queiram realizar ações na Internet que não sejam possíveis na Quissanet, precisam utilizar uma *Lanhouse*. Assim, ou os mais pobres têm uma “Internet reduzida” nas Quissanetes, ou têm que pagar por um serviço mais completo.

Partindo então para a avaliação, temos que a razão fundamental de um projeto ou política pública é produzir mudanças em alguma parcela da realidade, solucionar um problema social, ou prestar um serviço a um determinado subconjunto populacional. Nesse sentido, a eficácia é o grau em que se alcançam os objetivos e metas do projeto na população beneficiária, em um determinado período de tempo, independentemente dos custos implicados (COHEN e FRANCO, 1993, p. 102). Nesse sentido, quais seriam os objetivos do Internet Cidadão? Que metas ele se propôs? Como constatamos através do consultor da política, esse programa nunca fora avaliado, nesse sentido, não temos dados e informações oficiais. Portanto, valerá aqui nosso esforço.

Segundo esse mesmo consultor bem como o responsável técnico do programa, o objetivo da Internet Cidadão era “oferecer Internet para a cidade entrar na sociedade da informação”. A nosso ver esse objetivo é bastante impreciso, pois o que seria “entrar na sociedade da informação”? Possibilitar acesso à Internet a todos os munícipes como diz fazer a Internet Cidadão? Creio que não. Problematizando a universalização do acesso, Sorj e Guedes reforçam minha visão ao afirmarem o seguinte:

Nos países em desenvolvimento, as políticas de universalização do acesso à Internet serão uma quimera, se não estiverem associadas a outras políticas sociais, em particular às de formação escolar. Não haverá universalização de acesso às novas tecnologias da informação e da comunicação, sem universalização de outros bens sociais (SORJ E GUEDES, 2005, p. 152).

Bem, pensando de forma mais pragmática, uma das metas do Internet Cidadão era cobrir 100% da cidade até junho de 2007, porém isso ele ainda não atingiu. Uma outra meta inicial era nos seis primeiros meses alcançar 400 usuários, ao final do prazo já haviam 600 e em um ano 700 usuários. Em termos de usuários o programa já ultrapassou a faixa de 30% da população ao final de 2007. Se uma das metas era prestar um serviço de qualidade, sobretudo em termos da qualidade das Quissanetes e da Internet Domiciliar, entendemos que o programa está no caminho, mais ainda não podemos afirmar que atingiu essa meta. Acreditamos que esteja no caminho pois ainda está investindo no programa tanto ampliando a infraestrutura, como adquirindo mais velocidade de Internet junto a Embratel e a Rede Rio de Computadores. Esse empenho em fazer crescer o programa sinaliza para a universalização do acesso no município e indica uma preocupação com a qualidade do sinal de Internet.

Conforme expusemos anteriormente, em termos das propostas de uma política pública, temos então que a política Internet Cidadão conseguiu resolver claramente um problema (falta de Internet na cidade), conseguiu prestar alguns serviços de forma contínua (Internet domiciliar, pública e empresarial; desenvolvimento do governo eletrônico local) e também produzir algumas mudanças na realidade (as crianças e jovens estão se familiarizando com a informática e a Internet; os trabalhos escolares podem ser feitos com a ajuda da Internet; mais de uma dezena de *sites* surgiram com propostas e temáticas referentes à Quissamã; várias empresas de informática se instalaram na cidade; diversas práticas de gestão e administração pública agora perpassam pela Internet; etc.). Entretanto, espera-se que uma política pública consiga se fazer usar pelo público alvo desejado, assim, em termos das relações inter-políticas no Município de Quissamã, aspecto esse componente da Internet Cidadão, podemos dizer, pela insuficiência de indícios, que isso não foi constatado nas Quissanetes.

Em outras palavras, não presenciamos e nem ficamos sabendo de nenhuma pessoa que tenha utilizado a Quissanet para interagir com o Governo e os serviços públicos atrelados à Internet Cidadão que esse disponibiliza na rede. Por exemplo, apesar de ter sido dito a nós que era possível se marcar

consultas médicas pela Internet, não vimos ninguém fazendo isso nas Quissanetes e nem ficamos sabendo de alguém que o tenha feito.

Como vimos, a Câmara de Vereadores e, como veremos, os usuários estão se posicionando em relação ao programa; por vezes criticando, incentivando e desejando/aguardando a melhoria do mesmo. Porém, apesar disso tudo, não temos subsídios para dizer que Quissamã esteja entrando na sociedade da informação, e nem creio que os gestores da política também o tenham, até porque esse termo é um conceito impreciso e muito questionado entre os estudiosos do tema; logo, a eficácia aí perde o sentido: “como vou saber se atingi um objetivo que não está definido?”.

Então, a eficácia do programa em termos de metas auferidas no discurso do consultor da política e do responsável técnico, está se constituindo, a meu ver se gestando; alguns números sendo alcançados e outros perseguidos. Sobretudo vale destacar que uma cidade que não tinha provedor local de Internet e que conseguiu em 3 anos colocar mais de 30% de sua população em condições de navegar nessa rede merece nossa atenção. Basta-nos então apenas fixar um período temporal limite para definirmos a eficácia ou não da política Internet Cidadão. Nesse sentido, como se trata de um serviço em implementação, ou seja, que está ainda sendo ampliado, mas do que fixar o tempo é importante destacarmos que o mesmo tem caminhado para o cumprimento de algumas metas, logo, sua eficácia nesses termos está, como dissemos, em constituição.

1.4. O USUÁRIO E A “INTERNET CIDADÃO”: AVALIANDO A SATISFAÇÃO

No contexto de abundância de meios de acesso à rede mundial de computadores e de um elevado nível de usuários ativos é que Quissamã foi escolhida como campo de pesquisa. Essa iniciou no mês de junho de 2008 e terminou em outubro do mesmo ano. Entrevistamos cerca de 70 usuários jovens de Internet (entre 12 e 25 anos) abrangendo todas as seis Quissanetes

da cidade²⁵. Desse modo, delinhamos como “público alvo” os adolescentes e jovens usuários de Internet, como “campo” as Quissanetes e como “prática comum” dos usuários a sociabilidade virtual. Nesse momento, trataremos de como os usuários avaliaram o sistema público de acesso à Internet da cidade e do quão estão ou não satisfeitos com o mesmo. Basicamente as perguntas feitas giravam em torno de dois eixos: para os que tinham acesso domiciliar era perguntado sobre a qualidade do serviço e para os que não tinham tal acesso era perguntado sobre a qualidade das Quissanetes.

Dentre os entrevistados, praticamente todos faziam uso das Quissanetes, sobretudo os que possuíam o acesso domiciliar. Além disso, como apenas 24,2% dos entrevistados possuíam internet domiciliar, a avaliação da satisfação quanto a esse serviço não foi tão abrangente quanto o das Quissanetes. O que conseguimos apreender em relação a essa minoria foi que o acesso doméstico era visto como “melhor” que o público. Não o era em velocidade de Internet, uma vez que a Prefeitura priorizava a largura de banda para as Quissanetes, mas sim em termos de privacidade, liberdade e tempo de acesso, sem contar a possibilidade de se ter um computador mais potente que os públicos. Dentre as justificativas para se acessar as Quissanetes ainda que tendo o acesso doméstico, encontramos usuários que reclamaram da instabilidade do sinal domiciliar e da superlotação do sistema que fazia com que a velocidade de banda fosse dividida entre muitos usuários (ocasionando lentidão). Tais posições justificavam a ida à Quissanet para não ficarem sem acessar a Internet. Além disso, o desejo de acessar em “turma”, ficando cada colega em um computador lado a lado, levava jovens possuidores de computador e Internet domiciliar à acessarem na Quissanet.

De um modo geral apreendemos que o acesso doméstico possuía suas vantagens que, apesar das “limitações” do sistema, era uma possibilidade atraente para a população que pode pagar o custo de um computador pessoal e do kit de acesso à Internet Cidadão. Entretanto, boa parte dos usuários desejava melhoria e expansão do sistema de acesso domiciliar, possibilitando

25 Apesar de terem sido feitas 70 entrevistas, apenas 66 foram validadas em virtude do recorte estabelecido para o público alvo.

um cenário em que o aumento de usuários não significaria a diminuição da velocidade da Internet. Cabe ressaltar que boa parte dos entrevistados que tinham computador em casa mas que não tinham Internet (aproximadamente 18%) além dos que nem computador possuíam (57,5%), afirmaram que estavam esperando o sistema melhorar para que pudessem acessar/adquirir o serviço com uma qualidade melhorada.

Com relação aos usuários das Quissanetes (como dissemos, praticamente todos os entrevistados) a esmagadora maioria (85%) as avaliou positivamente, sobretudo, isso não os impediu de criticar, sugerir e desejar mudanças e melhorias no sistema. Cerca de 10% avaliaram de forma negativa e o restante ou se posicionaram de forma neutra ou não responderam. Entre as proposições feitas pelos entrevistados a que mais se repetiu foi uma colocação positiva: *“as Quissanetes são uma boa oportunidade das pessoas usarem Internet”*. Apesar de outras posições positivas terem aparecido nas respostas, questionamentos em relação à infraestrutura das Quissanetes ganharam coro entre os entrevistados: *“a Internet podia ser mais veloz e estável”*; *“a Quissanet podia ser mais bem equipada”*; *“o tempo limite de acesso é pouco”*; *“tem fila de espera para acessar”*.

Em algumas localidades mais afastadas do centro de Quissamã, tais como Barra do Furado e Santa Catarina, por diversas vezes em que as visitamos, as encontramos sem sinal de Internet. As reclamações acerca dessa instabilidade no sinal apareceram em segundo lugar nas observações e comentários feitos pelos usuários.

A percepção que eu tive ao conversar com muitos dos usuários era que o fato de ser gratuito o acesso às Quissanetes aparecia como uma coisa positiva para os entrevistados, o que, de certa forma, não os deixava a vontade para criticar desmedidamente. É como se o dito popular valesse: *“a cavalo dado não se olham os dentes”* e, portanto, a *“Quissanet dada não se pode exigir tanto da potência do computador e da velocidade da Internet”*. Como a cidade não possuía acesso à Internet antes desse projeto da Prefeitura, ainda que o mesmo apresente limitações e obstáculos, os usuários são “gratos” pela

disponibilização gratuita. Mais do que desejarem computadores novos e Quissanetes maiores, os usuários querem a estabilidade do sinal. O que transpareceu do contato com os usuários é que as Quissanetes seriam uma porta de entrada para a informática e a Internet, um lugar onde a pessoa daria seus primeiros passos. Já para os usuários mais experientes, para aqueles que quisessem mais da Internet e da informática, a opção mais indicada seria adquirir o acesso doméstico ou acessar as *Lanhouses*.

Finda então que a avaliação do Internet Cidadão no geral é positiva, apesar disso, o conteúdo crítico e o desejo de melhoria são fatores presentes e pertinentes nos entrevistados o que, para nós, subsidia o entendimento da forma como os jovens quissamenses lidam com a Internet. Ou seja, apesar de serem muito gratos e de apresentarem modos de uso pouco policromáticos e bastante homogêneos (o que não exigiria uma tecnologia de ponta em termos de informática), eles são desejosos/esperançosos do aperfeiçoamento tecnológico da Internet Cidadão bem como dos computadores públicos da cidade. Ainda que seja para acessar Orkut, MSN e fazer trabalhos escolares, coisas que um computador mediano pode fazer e bem, os jovens quissamenses sonham com um bom serviço, uma Internet com sinal confiável e bons computadores, entretanto, o esforço da Prefeitura é sobremaneira louvável.

Mais recentemente, com a chegada do Velox, alguns usuários de melhor renda demonstraram interesse por esse sistema que, segundo eles, é melhor que o disponibilizado pela Prefeitura²⁶. Portanto, talvez em breve possamos ver o seguinte cenário: o sistema público deficiente porém gratuito prioritariamente utilizado pelos mais pobres, ao passo do sistema privado Velox mais veloz e gabaritado para usuários mais exigentes e que possam pagar.

Ainda que ressaltemos o esforço da PMQ em oferecer Internet banda larga gratuita para seus munícipes, de modo geral não podemos conceber que essa

26 Tais informações a respeito da preferência do Velox foram captadas nas discussões da comunidade de Orkut "Quissamã – RJ". Disponível em: <<http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=330000>>. Acessado em 20 de dezembro de 2008.

somatória de ações públicas se configure em uma proposta de política de inclusão digital. Isso, pois não vemos um conjunto de ações coordenadas, impactantes e arranjadas por parte do poder público local através do uso das tecnologias da comunicação e informação que promovam mudanças substanciais nos modos de vida da população local promovendo melhoria da qualidade de vida e em demais aspectos da vida dos quissamenses. A prática das ações públicas não denota uma preocupação dessa magnitude, o que vemos, é um esforço em oferecer um serviço público com certa preocupação universalizadora e, apenas esparsamente, integrado a outras ações e políticas que não atingiram expressão na cotidianidade dos entrevistados.

O uso emancipador ou transformador da tecnologia acaba por depender enormemente do esforço pessoal e muitas vezes solitário do usuário. Esse, por sua vez, se depender do acesso público encontrará limitações externas maiores ainda para seu desenvolvimento (tempo limitado, navegação restringida, falta de treinamento etc.). Entretanto, tanto o usuário do sistema público quanto do doméstico receberam a oportunidade de usar a Internet e sua infinidade de ferramentas mas, a partir daí, estão sozinhos nisso.

1.5. INTERNAUTAS DE QUISSAMÃ: PERFIL E MODOS DE USO

Nesse momento iniciaremos o trato dos dados e informações referentes aos usuários do sistema público de Internet de Quissamã por nós obtidos através de duas fontes: primeiramente trataremos dos dados cadastrais e estatísticos quanto aos usuários fornecidos pela própria prefeitura, posteriormente lançaremos nossa pesquisa. Do ponto de vista da delimitação do campo da pesquisa, apesar de grande parte dos usuários que entrevistamos também serem frequentadores de *Lanhouses* em Quissamã, não empreenderemos um esforço analítico e descritivo sobre esse contexto especificamente pois preferimos focar nas Quissanetes bem como porque não está em nossos objetivos estabelecer comparativos entre os dois cenários.

De acordo com os dados fornecidos pela Prefeitura de Quissamã para essa pesquisa, em março de 2007 havia mais de mil cadastros de usuários residenciais e comerciais assim como cerca de 30% da população utilizando a Internet pelo sistema público, o que totalizava mais de cinco mil pessoas. De acordo com o responsável técnico pelo programa, esse quantitativo estava crescendo e em face às demandas por novos cadastros a Prefeitura já estaria providenciando a ampliação da capacidade do sistema.

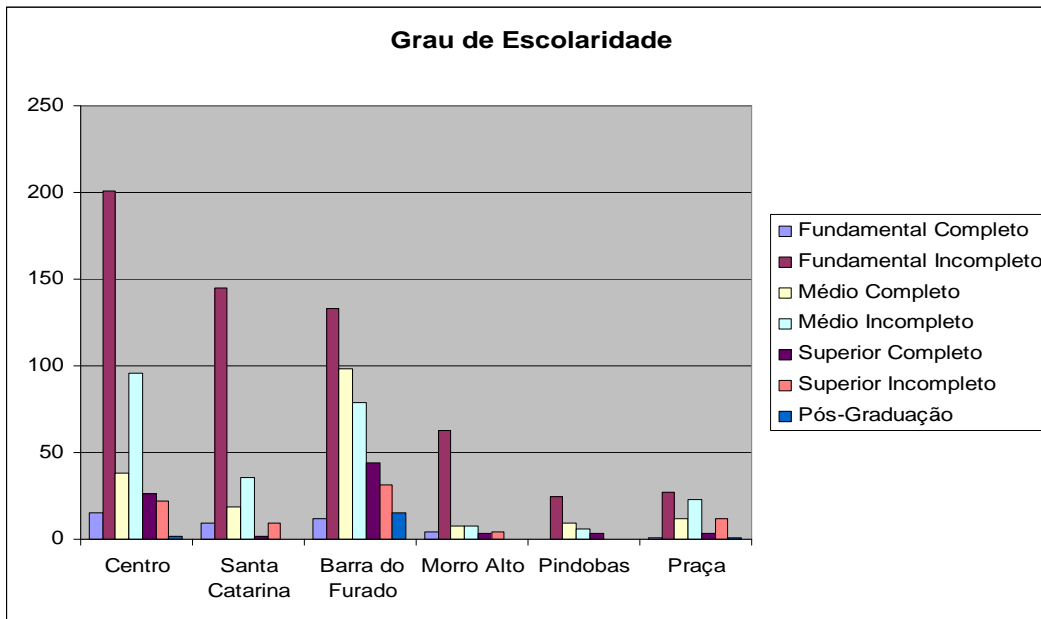
Entretanto, esse número corresponde ao total de usuários da cidade, tanto dos que utilizam no modo doméstico quanto no modo público. Nós nos ateremos apenas aos usuários cadastrados nas Quissanetes²⁷, que de acordo com as estatísticas recebidas do projeto somavam cerca de 1200 no início de 2008, 1800 cadastros²⁸ de usuários no segundo semestre do mesmo ano e, de acordo com o responsável técnico do projeto, já ultrapassaram os 2000 cadastros nesse ano de 2009. Entretanto só tivemos acesso ao pequeno controle estatístico referente aos 1200 cadastros do início de 2008.

Além disso, esse controle estatístico da PMQ refere-se a apenas seis Quissanetes, ficando de fora a de Caxias. Dos 1248 cadastros de usuários de seis Quissanetes referentes ao primeiro semestre de 2008, 52,6% são femininos e 47,4% masculinos. Essa pequena “vantagem” feminina nos usuários das Quissanetes contrasta em certa medida a constatação de Sorj e Guedes (2005) em sua pesquisa nas favelas do Rio de Janeiro. Lá a população de usuários de informática é majoritariamente masculina, sendo entre os homens cerca de um quarto do total e entre as mulheres nem sequer um sexto. Em relação à escolaridade dos usuários de Quissamã temos o seguinte gráfico:

Gráfico 5:

27 Localização: Centro, Santa Catarina, Praça, Barra do Furado, Morro Alto, Pindobas e Caxias.

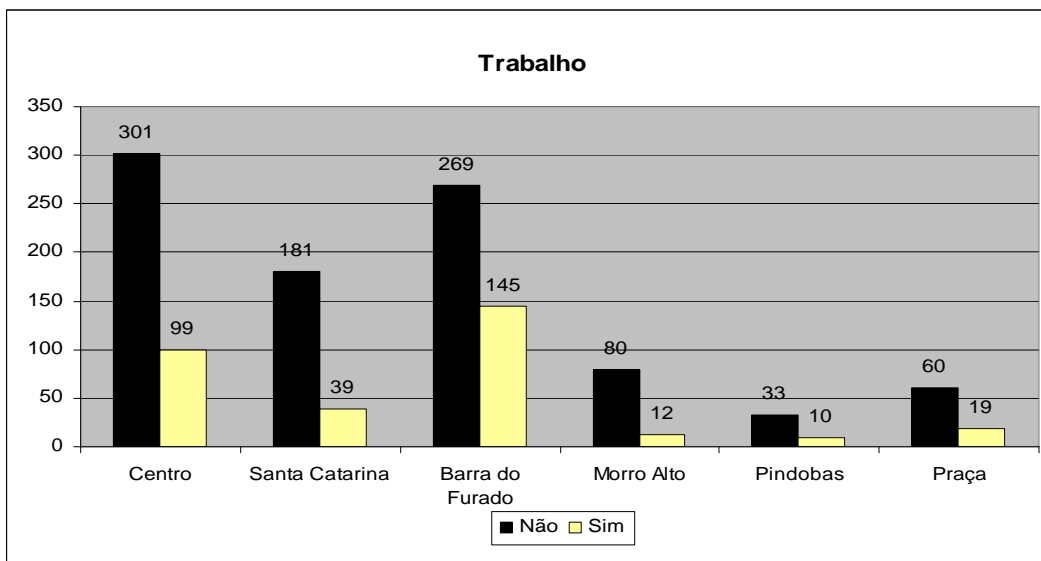
28 Dados extraídos do *site* da prefeitura em 14 de agosto de 2008. Disponível em: <http://www.quissama.rj.gov.br/content.asp?cc=1&id=1950>.



Fonte: informação obtida por e-mail através do responsável técnico da Internet Cidadão (QUISSAMÃ, 2008).

Como podemos observar, o quantitativo de usuários com o ensino fundamental incompleto supera os demais em todas as Quissanetes. Os usuários com ensino médio incompleto só ficam atrás dos que o tem completo em Barra do Furado e Pindobas. Entretanto nesse último eles quase empatam, como é o caso de Morro Alto. Em relação ao trabalho, temos o seguinte gráfico:

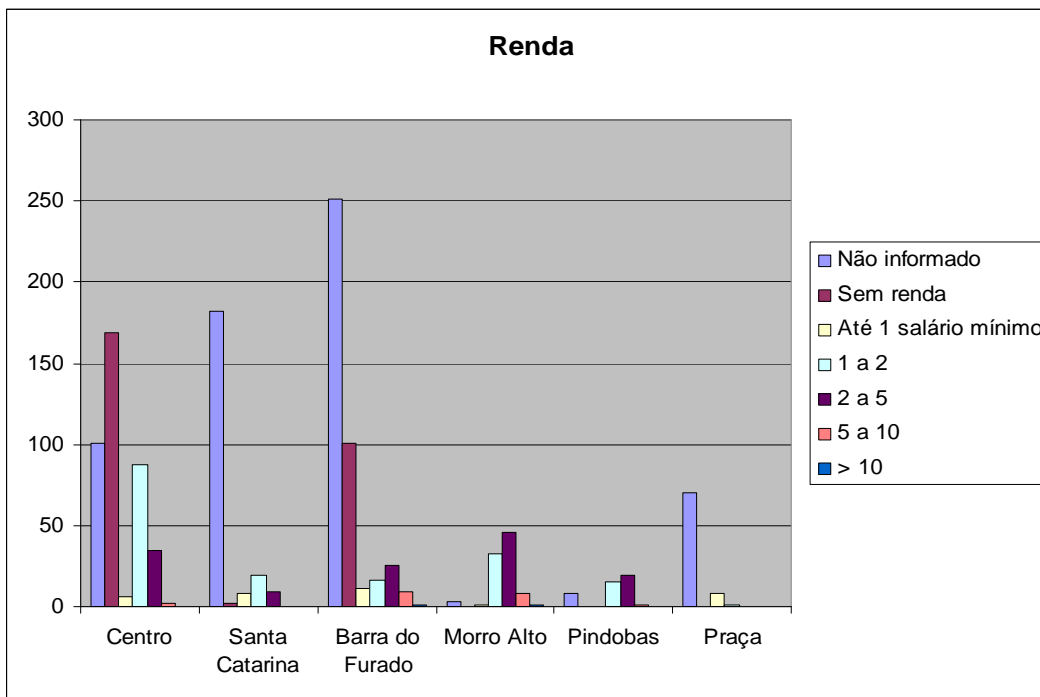
Gráfico 6:



Fonte: informação obtida por e-mail através do responsável técnico da Internet Cidadão (QUISSAMÃ, 2008).

No geral, o quantitativo dos que não trabalham supera em quase três vezes o dos que possuem trabalho. Em relação à renda temos o seguinte gráfico:

Gráfico 7:



Fonte: informação obtida por e-mail através do responsável técnico da Internet Cidadão (QUISSAMÃ, 2008).

O gráfico da renda fica comprometido em face da grande quantidade de não respostas, além disso, sabemos que esse tipo de informação é extremamente complicado de se obter em pesquisas. Somando-se as respostas “sem renda” à grande quantidade de “não informado” no quesito “renda”, o que totaliza aproximadamente 70% dos usuários, temos que os três gráficos (escolaridade, trabalho e renda) apontam, em certa medida, para o predomínio de crianças, jovens e adolescentes nos cadastros das Quissanetes; ou seja, pessoas sem renda, de baixa escolaridade e que não trabalham. Tal constatação poderia ter sido feita com um recorte por faixa etária, entretanto, a PMQ não me repassou esses dados. Essa visão acerca da primazia jovem foi confirmada durante as inúmeras visitas às Quissanetes, portanto, ratificada pelo olhar da pesquisa qualitativa.

Entendemos que Barra do Furado, por ser um balneário que recebe muitos turistas no verão, apresenta dados um pouco diferentes dos demais. Nessa localidade a escolaridade referente aos níveis médio completo, superior completo e incompleto e pós-graduação superam os dados das demais Quissanetes, o mesmo ocorre em relação aos que possuem trabalho. Essa disparidade nos dados ocorre pois muitos turistas se cadastram na Quissanet do local para acessarem a Internet durante as férias. Essa percepção foi posteriormente confirmada pelos estagiários que trabalham na Quissanet de Barra do Furado. Segundo eles, no verão o movimento de usuários cresce bastante e a feitura de novos cadastros é grande, sobretudo por parte de adultos que vem de fora da cidade.

Para construirmos com maior riqueza de detalhes o perfil do usuário das Quissanetes faremos uso da análise de nossas entrevistas nesse momento. Essas foram realizadas na área central da cidade (parte mais urbanizada e desenvolvida), em bairros mais afastados, (menos urbanizados e com moradores de baixa renda), na zona rural e em balneários de Quissamã. Como alguns bairros da cidade onde fizemos entrevistas são afastados do centro, o local de moradia dos usuários variou bastante, entretanto, fica o fato, aparentemente corriqueiro, de que os usuários frequentam a Quissanet mais próxima de sua residência ou mais próxima de sua escola.

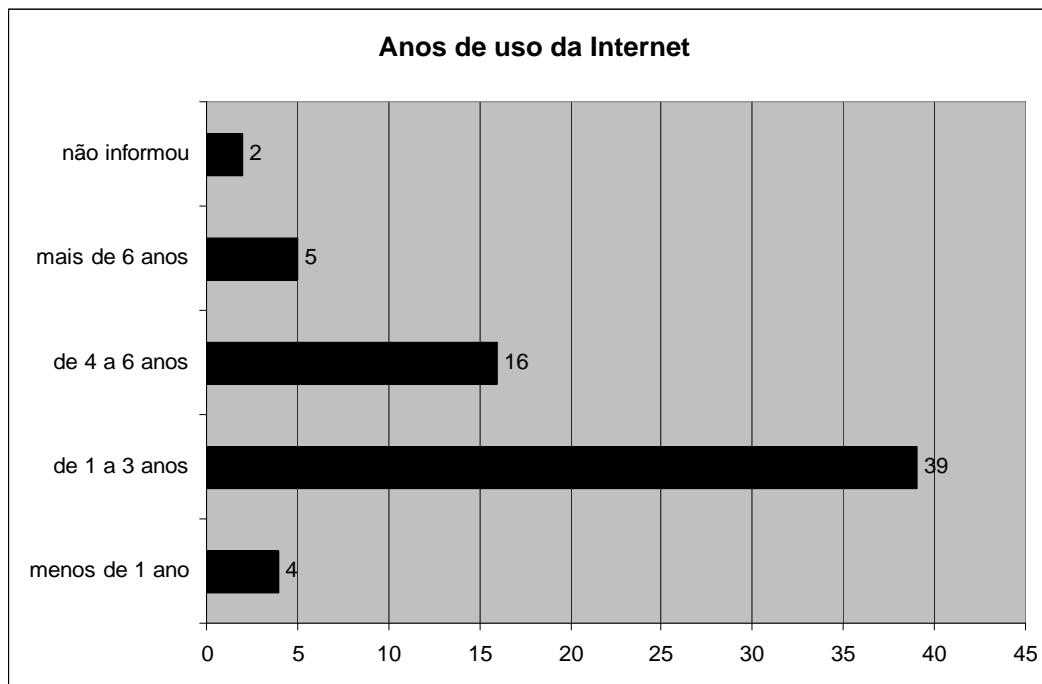
Como fiz mais entrevistas no centro da cidade, local de maior número de usuários frequentes, o bairro que mais apareceu como local de moradia dos entrevistados foi Caxias – bairro próximo ao centro. Apesar de haver uma Quissanet nesse bairro, esta, a nosso ver, deixa a desejar em termos de qualidade do computador e liberdade de navegação na Internet. Segundo o que eu presenciei até mesmo o acesso ao Orkut é bloqueado e, além disso, segundo o estagiário que ali trabalha, ainda que essa Quissanet possuísse um bom sinal de Internet – pois esse vem em convênio com a PRODERJ – os computadores são antigos e o bloqueio de *sites* desanima usuários mais experientes. Basicamente nessa Quissanet só encontrei crianças e alguns pré-adolescentes acessando *sites* de jogos. Desse modo creio que os moradores

adolescentes e jovens dali preferem a Quissanet do centro que a do próprio bairro.

Em relação à escolaridade não encontramos um entrevistado sequer que tivesse em situação de evasão escolar. Apesar de muitos estarem atrasados em relação às séries, todos ou estavam estudando ou já tinham terminado o ensino médio. Apesar da PMQ oferecer bolsa de estudos para faculdade, alguns entrevistados que já haviam terminado o ensino médio não se interessaram em levar os estudos adiante, entretanto, foi expressivo o percentual de jovens que estavam fazendo faculdade, cerca de 13%.

Aproximadamente a metade dos entrevistados acessa a Internet por mais de quatro dias na semana, 39,5% afirmaram utilizar de 2 a 4 dias por semana, 6% 1 dia por semana e 1,5% para os que utilizam menos que isso. É preciso destacar que a quantidade de vezes que a pessoa acessou num mesmo dia não está sendo especificada aqui. Em relação ao quesito “anos de uso da Internet” temos os seguintes dados:

Gráfico 8:



Fonte: pesquisa própria.

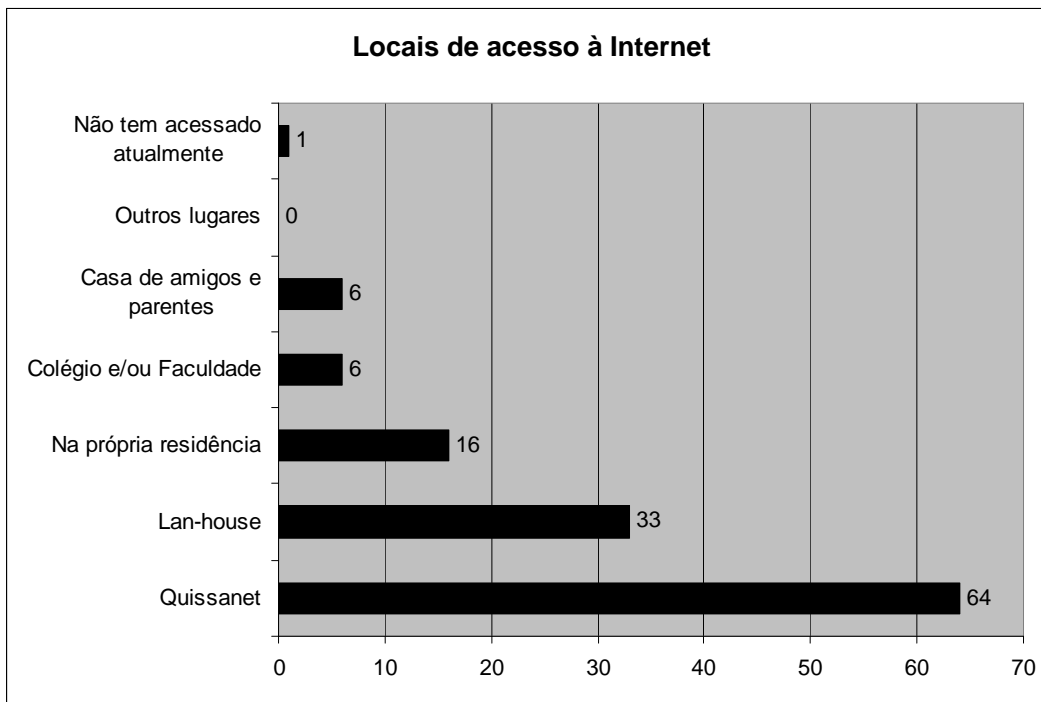
Como a Internet Cidadão é algo recente e a cidade anteriormente tinha problemas com a falta de meios de acesso, sobretudo nas zonas rurais e periféricas da cidade, o tempo de experiência da maioria dos usuários com a Internet não se mostrou tão grande. Além disso, como entrevistamos também crianças e pré-adolescentes, não poderíamos esperar que esses tivessem muitos anos de acesso à Internet em virtude mesmo da idade.

Um pouco mais da metade dos entrevistados não possui computador no domicílio, os que possuem computador mas não tem acesso à Internet somam 18% e aqueles que tem o computador e a Internet em casa ficam em 24%. Todos esses usuários, tanto os que têm acesso doméstico quanto os que nem possuem computador, foram entrevistados nas Quissanetes, utilizando-as. Em virtude disso pensei: por que os que têm acesso doméstico não usam apenas em casa, sem limite de tempo, sem fila de espera e sem bloqueio na navegação? Eles afirmam ter de recorrer àquela devido a problemas técnicos ocasionados por mau uso doméstico dos seus equipamentos bem como por deficiências²⁹ da rede de distribuição do sinal (ocasionam a perda do sinal). É preciso acrescentar aí que muitos costumam ir à Quissanet, mesmo tendo computador em casa, pois naquela podem acessar em grupos de amigos: cada um pega um computador e todos acessam ao mesmo tempo, mesclando assim as formas de sociabilidade numa diversão coletiva.

Apesar de termos realizado as entrevistas prioritariamente nas Quissanetes, nós perguntamos quais eram os locais em que a pessoa costumava acessar. Acompanhemos a sistematização das respostas:

Gráfico 9:

²⁹ Essas foram relatadas pelos próprios usuários: lentidão da Internet devido ao desequilíbrio na proporção entre o tamanho da banda de internet e a existência de muitos usuários; sai do ar com frequência; entre outros.

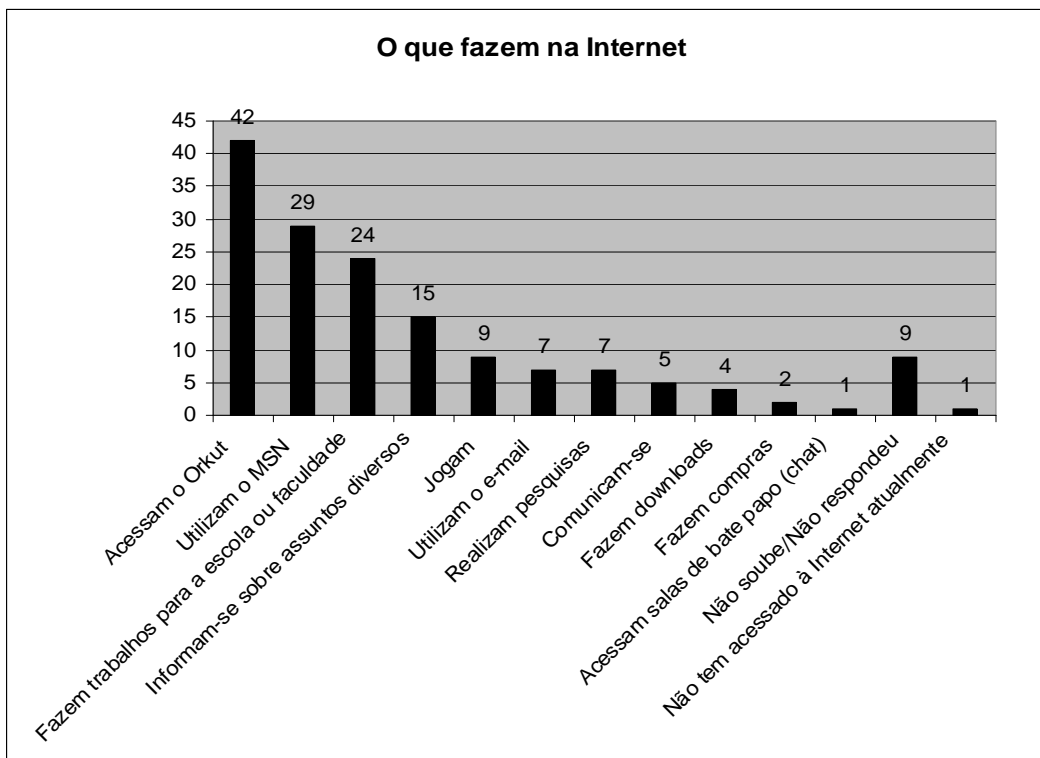


Fonte: pesquisa própria.

Como podemos ver os lugares mais utilizados foram as Quissanetes e *Lanhouses* e só posteriormente o acesso doméstico. A pessoa podia responder mais de um local de acesso nesse caso e muitos o fizeram, mas o que nos chamou a atenção é que mesmo tendo acesso doméstico muitos usuários afirmaram acessar em outros lugares tais como Quissanet e *Lanhouse*. O que eles buscavam no acesso fora de casa, pelo que pudemos perceber, era companhia para atividades lúdicas e estudantis (jogar, fofocar, navegar, pesquisar, etc.), ou seja, promoviam o acesso coletivo à Internet. Cada um em um computador próximo navegando em *sites* e redes conjuntamente, num exercício de distanciamento e aproximação de suas mentes (comunicando-se pelo MSN e pelo Orkut ou jogando em rede), uma vez em que os corpos permaneciam lado a lado. Essa utilização fora do domicílio por parte dos mais pobres é também destacada na pesquisa *Internet na Favela*, de Bernardo Sorj e Luís Eduardo Guedes (2005). Segundo eles, o domicílio não é o local principal de acesso ao computador e a Internet para os moradores das favelas, e tem mais, o acesso fora do lar aumenta na medida em que a renda diminui. Portanto, quanto mais pobre a pessoa mais dependente ela é das *Lanhouses* e telecentros.

Através de uma pergunta simples e direta sobre o que a pessoa faz na Internet, sem sugerir alternativas de resposta, chegamos ao seguinte resultado:

Gráfico 10:



Fonte: pesquisa própria.

Apesar de “jogar” ter ficado apenas na 5ª posição entre as atividades mais citadas, as duas primeiras configuram-se, a nosso ver, como atividades lúdicas, porém também dialógicas. E isso pois o Orkut e o MSN não são apenas utilizados como ferramentas de comunicação, mas sim também como meios de divertimento e entretenimento. Tal modo de uso por nós destacado aponta para uma aproximação com os resultados da pesquisa do IBGE que expusemos anteriormente. Segundo a pesquisa os mais jovens com menor renda e escolaridade foram os que utilizaram a Internet mais para atividades de lazer. Apesar do peso do uso para feitura de trabalhos escolares ser relevante, sobretudo destacado por Sorj e Guedes (2005), bem como pelo IBGE (2005), os mesmos autores afirmaram a partir de sua pesquisa que os *sites* preferidos

pelos jovens entre 16 e 22 anos moradores das favelas do Rio de Janeiro eram os vinculados à diversão.

Após esse primeiro momento em que o entrevistado estava livre para se lembrar e comentar sobre o que faz na Internet, nós começamos, num segundo momento, a destrinchar perguntas acerca de modalidades de uso como *e-mail*, youtube, *blog's*³⁰, *chat's*, jogos em rede, etc.

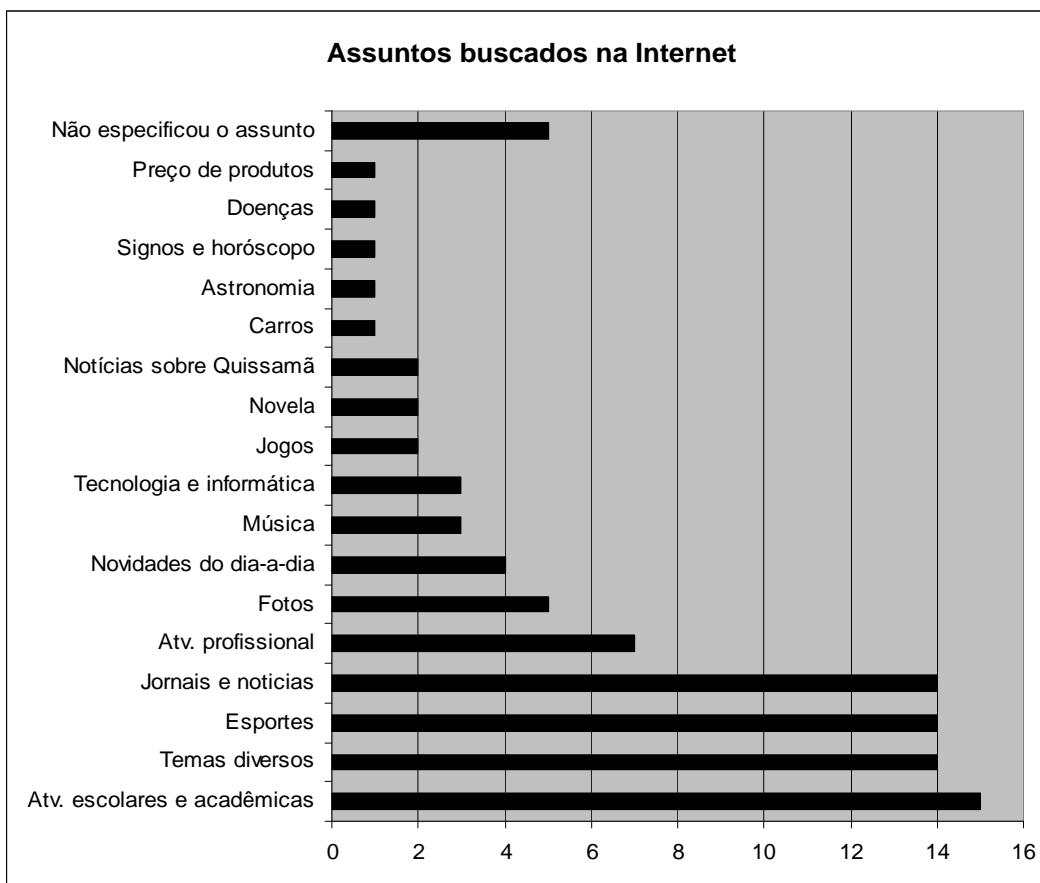
Em relação ao *e-mail*, 89,4% dos entrevistados possui pelo menos um. Entretanto quanto ao uso, a maior parte das respostas indicaram *e-mails* apenas figurativos ou feitos para se cadastrar em *sites* como o Orkut e o MSN. Em relação aos que de fato utilizam o *e-mail* (mandam e recebem), temos que a resposta mais repetida foi o uso para “comunicação com parentes e amigos”, seguido de “contato profissional” e “contato escolar/acadêmico”. Entretanto não percebemos o *e-mail* como a ferramenta de comunicação principal na Internet para nossos entrevistados.

Em relação ao uso de *sites* de busca, apenas 12,1% dos entrevistados afirmaram não utilizar esse tipo de ferramenta da *Web*. O serviço desse tipo mais acessado pelos entrevistados foi o *site* de busca da Google, que por sinal foi citado quatro vezes mais que o segundo colocado, o Cadê. Em relação a isso, o controle estatístico que a PMQ havia nos passado já apontava o *site* da Google como o mais acessado em todas as Quissanetes. Pegando o gancho sobre a utilização de *sites* de busca nós perguntamos sobre que tipo de assuntos a pessoa costumava pesquisar nesses *sites*, basicamente o questionamento girava em torno do uso da Internet como fonte de informação.

Nesse sentido, encontramos uma minoria que afirmou não se informar pela Internet, cerca de 20%. Sobre a maioria que procura se informar pela Internet nós encontramos os seguintes tipos de assuntos buscados por eles:

30 Um weblog, blog ou blogue é uma página da Web cujas atualizações (chamadas posts) são organizadas cronologicamente de forma inversa (como um diário). Estes posts podem ou não pertencer ao mesmo gênero de escrita, referir-se ao mesmo assunto ou ter sido escritos pela mesma pessoa.

Gráfico 11:



Fonte: pesquisa própria.

Conforme havíamos indicado anteriormente, para nossos usuários as atividades referentes à escola e faculdade encontram na Internet uma forte aliada. A busca de informações e notícias sobre temas diversos também aparece com relevo não apenas através da categoria “temas diversos”, mas também em pelo menos cinco outras categorias próximas. Os esportes apareceram em terceiro lugar pois, creio eu, durante boa parte da época em que estava realizando as entrevistas ocorriam os jogos olímpicos de Pequim. Tal fato foi muito citado pelos jovens, e somando-se aos jovens do sexo masculino que acompanhavam o andamento do campeonato brasileiro de futebol fez com que o tópico “esportes” tivesse grande projeção.

Com relação à utilização de salas de bate papo na Internet, os famosos *chat's*, temos que 86,4% dos entrevistados não o utilizam. Dos apenas 13,6% que frequentam essas salas, a maioria já disse ter feito “amizades virtuais” ali. Essa

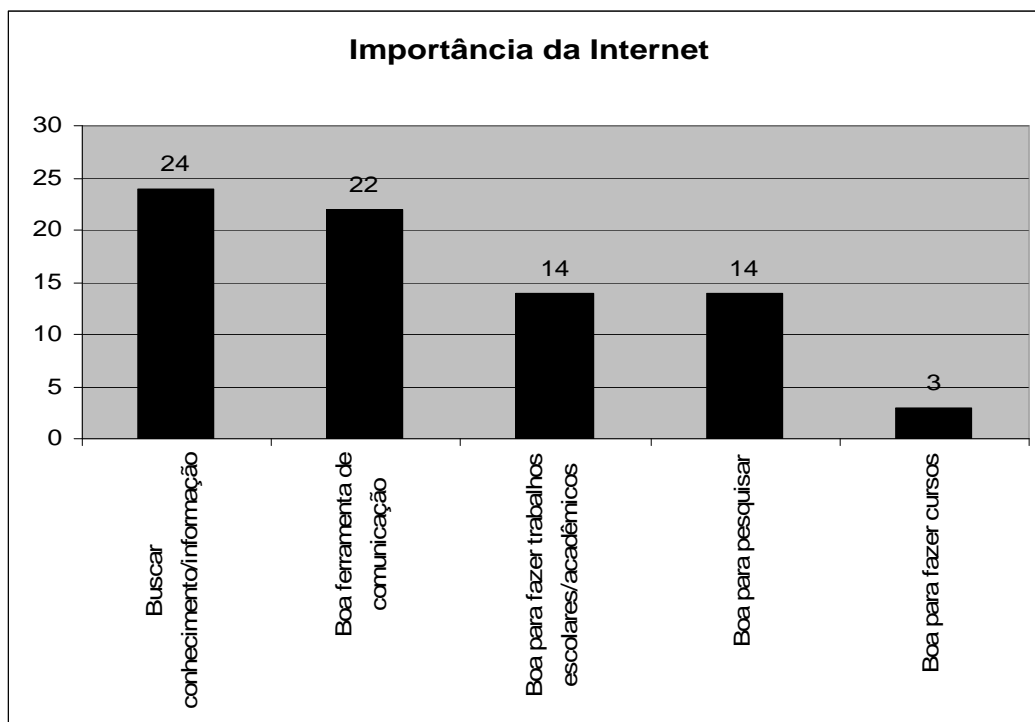
proporção entre os que utilizam e os que não utilizam os *chat's* é bastante próxima à utilização dos *blog's* por parte dos entrevistados. Temos que 80,3% desses não acessam *blog's*, dos 19,7% que costumam acessar, a maioria o faz no de amigos e parentes. Dessas poucas pessoas que visitam *blog's*, uma pequena minoria relatou possuir um desses.

Em relação aos jogos de computador em rede tivemos entre os entrevistados um percentual dos que não o praticam em torno de 85%, e dos que o praticam em 15%. Quanto à utilização do *site* de vídeos mais famoso da Internet, o Youtube, ainda sim o percentual dos que não o acessam foi maior do que os que acessam, tivemos 54,5% para o primeiro grupo e 45,5% para o segundo. Dentre os que acessam essa ferramenta, a maioria somente acessa, não postando nenhum vídeo próprio ou pessoal. Apenas uma pessoa relatou já ter postado vídeos pessoais no Youtube.

Esse padrão de modo de uso da Internet do jovem quissamense de baixa renda demonstra uma *utilização restrita* e, como afirmamos outras vezes, pouco policromática. Ele, a princípio, se aproxima do padrão apercebido na pesquisa do IBGE em relação aos jovens de menor renda e escolaridade. Nesse sentido, Sorj e Guedes (2005) também chegaram a constatações parecidas com essa ao destacarem que na medida em que se observava as camadas mais altas de renda e escolaridade a tendência era de uma maior diversificação de tipos de programas de computador utilizados e *sites* da Internet visitados. Talvez essa *utilização restrita* seja o traço marcante do jovem internauta pobre brasileiro, alguém que utiliza a Internet por vezes para feitura de trabalhos escolares, mas prioritariamente para lazer e comunicação através de poucas porém populares ferramentas da *Web*, como Orkut e MSN. Nesse sentido, perguntávamos qual era a importância da Internet na vida dessas pessoas. Ou seja, onde residira a importância dessa ferramenta na vida dessas pessoas que nos demonstravam uma utilização prioritariamente lúdica e pouco diversificada? Estaria na própria essência do lazer e da comunicação com outras pessoas?

Com relação à importância da Internet na vida do entrevistado, tivemos para 7,6% desses que a Internet não foi tida como algo importante em suas vidas. Tirando os 4,6% que não souberam ou não responderam, encontramos um percentual próximo dos 88% que apontaram a Internet como algo importante em suas vidas. As cinco razões mais citadas foram as seguintes:

Gráfico 12:



Fonte: pesquisa própria.

Como podemos ver, a utilização da Internet como fonte de conhecimento, informação e pesquisa ocupa todas as categorias com exceção da segunda. Entretanto, apesar dos entrevistados citarem esse modo de utilização para o “saber”, o nosso trabalho de campo aponta para certo formalismo nas respostas por parte dos jovens que, no nosso entender, queriam que eu soubesse (ou pensasse) que eles não utilizam a Internet apenas para se divertir e que a importância dessa residiria em outro modo de uso da mesma, um modo de uso para o “saber”, para o conhecimento.

Porém, por trás desse formalismo nossas observações pelas Quissanetes da cidade nos mostraram como é pequena essa utilização para o saber e como é

esmagadoramente maior o uso lúdico e voltado para o lazer por parte desse público usuário de Internet. No geral, temos então a primazia do “uso lúdico-dialógico” em face ao “uso para o saber”. Entendemos que através do uso lúdico algo de informática e Internet possa ser aprendido e que o mesmo possa servir como porta de entrada para a Internet e para outros usos mais diversificados, entretanto fizemos esse tipo de distinção para ilustrar o propósito do internauta – sobretudo o demonstrado por suas práticas cotidianas – justamente para distinguir lazer na Internet de busca do conhecimento. Entretanto, essa possível passagem para modos mais complexos e diversificados de uso da Internet é algo um tanto quanto “nebuloso” e pouco esclarecido, inclusive na bibliografia que tivemos acesso. Ou seja, reconhecemos que o uso lúdico pode abrir portas e pode aperfeiçoar o usuário, entretanto não sabemos bem como.

Em relação ao uso de ferramentas de comunicação mediada por computador de forma instantânea, tal como o MSN, observamos que 84,8% dos entrevistados afirmou utilizá-lo com certa frequência em face de 15,2% que afirmaram não usar tal ferramenta. Dentre os que utilizam o MSN, 53,5% afirmaram que só adicionam e conversam com pessoas conhecidas do seu dia-a-dia (parentes e amigos), 44,6% afirmaram que também conversam e adicionam pessoas desconhecidas (conhecidos na Internet) e 1,9% não especificaram como utilizam o MSN. Dentre o contingente de entrevistados que afirmou que também adicionam desconhecidos, temos a seguinte distribuição interna conforme a categoria: 52% para os que possuem no seu MSN uma maioria de conhecidos, 32% para os que tem uma maioria de desconhecidos e 16% para os que não sabem qual é o tipo da maioria em seu MSN.

Nesse sentido, a investigação da forma como os entrevistados constroem suas relações na Internet fará parte, mais adiante no trabalho, do esforço interpretativo acerca da sociabilidade virtual que os jovens quissamenses tem desenvolvido na Internet. Por hora, assinalaremos que a sociabilidade virtual pautada na ferramenta MSN aponta não tão expressivamente para uma tendência à sociabilidade virtual endógena, ou seja, o estabelecimento de laços

sociais na Internet prioritariamente entre entes já conhecidos fora da Internet em dinâmicas de bairro, comunitárias e familiares.

Esse apontamento do MSN à sociabilidade endógena não é tão expressivo quanto o que observamos através do Orkut. Mais adiante falaremos mais do assunto, por hora ressalvemos o fato que, devido ao MSN não ser tão expositivo da personalidade e da “figura” do usuário, seu uso é mais aberto e menos controlado no sentido de entrar em contato *online* com desconhecidos. Já pelo Orkut a possibilidade de exposição é maior uma vez em que há espaço destinado a colocar fotos, dados pessoais, preferências, gostos e demais informações e conteúdos pessoais do indivíduo. No MSN basta se desconectar para interromper ou não iniciar a sociabilidade com os adicionados, já no Orkut, mesmo sua pessoa estando *offline* a sua *persona orkutiana* está sempre *online*, ali expressa pelo seu perfil de Orkut, sempre disponível para receber recados, ter suas fotos visitadas e sua intimidade, na virtualidade, invadida. Portanto, a grande possibilidade de se expor perante estranhos contribui para a não aproximação e o “não-adicionar” desses. Essa análise receberá nossa atenção mais adiante no trabalho.

Com relação ao Orkut, temos entre os entrevistados uma esmagadora maioria que utiliza tal ferramenta (95,5%), aproximadamente 3% que não utiliza e 1,5% que já utilizou no passado tal ferramenta. Nesse sentido, como viemos afirmando ao longo desse tópico, o jovem internauta mais pobre de Quissamã está bastante voltado para a sociabilidade na Internet. Seu perfil indica alguém interessado e impelido à comunicação mediada por computador, que utiliza a Internet como auxílio para o conhecimento, mas que tem nas atividades lúdicas seu foco principal, inclusive a comunicação é encarada assim. Conforme também viemos assinalando, o perfil do jovem internauta traçado pelo IBGE se aproxima em alguns pontos do nosso jovem quissamense e nos propõe o exercício de pensar e indagar acerca das modalidades de uso da Internet dentro da faixa etária jovem propondo recortes por renda e escolaridade. Nesse sentido devemos falar de juventudes na Internet?

Tal como nos aponta a pesquisa do IBGE que expusemos mais acima, a maioria dos frequentadores dos centros públicos de acesso gratuito à Internet são adolescentes entre 10 e 17 anos e jovens entre 18 a 24 anos, todos prioritariamente de baixa renda, com baixa escolaridade e com propósitos de acesso à informação e pesquisa (para quem está estudando), comunicação com outras pessoas e entretenimento. Esse perfil se aproxima, em larga medida, do perfil dos usuários das Quissanetes bem como o destacado por Sorj e Guedes (2005) para os jovens das favelas do Rio de Janeiro. A divergência mais significativa entre o perfil do IBGE e o dos usuários de Quissanet foi que no segundo houve a primazia do modo de uso lúdico-dialógico (para entretenimento e comunicação) em detrimento do uso para acesso à informação e pesquisa por parte dos adolescentes e jovens mais pobres que utilizam os centros públicos de acesso gratuito à Internet.

Antes de fecharmos esse capítulo e a discussão dos usuários e seus perfis, quero chamar a atenção para as seguintes questões. Por vezes pode parecer ingenuidade da nossa parte pensar e esperar que os jovens e adolescentes usuários de Internet, de um modo geral, façam outras coisas na rede que não a comunicação e as atividades de lazer. Isso, sobretudo para a parcela de menor renda e escolaridade da população. Entretanto, quando fazemos esse destaque do uso lúdico, e por vezes transparecemos uma “condenação” dessa forma de uso como “menos importante”, é que estamos querendo chamar a atenção para o seguinte fato: pela forma como se constrói o discurso que defende a inclusão digital, o que se espera dos usuários é mesmo o uso transformador e emancipador das ferramentas computacionais e da Internet.

Ou seja, a defesa que se constrói como argumento para investimentos nessa área perpassa por aí, pela visibilidade da Internet enquanto tecnologia potencialmente capaz de promover o desenvolvimento humano e social. Entendemos que essa visão liga-se ao discurso dominante da modernidade, sobretudo através das vertentes marcadamente *tecnófilas*, onde a prosperidade, o progresso e o desenvolvimento da sociedade seriam passíveis de serem alcançados através do desenvolvimento da tecnologia e do poder que essa promoveria sobre o social (RÜDIGER, 2007).

Isso posto, nossa análise dos usuários, tanto em nossa pesquisa quanto pela análise bibliográfica, nos permite entender que aquele usuário que no discurso defensor da inclusão digital, precisaria da Internet para promover seu desenvolvimento, é justamente um dos mais fragilizados, se não o mais, dentre o universo de usuários encontrados na Internet. É o que encontra problemas e dificuldade no acesso, que em virtude das suas condições sociais e materiais de existência acaba realizando uma *utilização restrita* dessas tecnologias o que não corroboraria o, dito assim, “esperado” pelos defensores da inclusão digital.

Portanto, esse destaque que damos quanto ao uso lúdico é, em certa medida, denunciador de uma realidade que não condiz com a interpretação dos impactos esperados feita pelos defensores da inclusão digital e da massificação do acesso. E a coisa vai além, esse discurso é incorporado pelos usuários que acabam acreditando que a disponibilização do acesso para eles os promoverão socialmente e por vezes economicamente. Sorj e Guedes detectaram no discurso de seus entrevistados essa visão da informática e Internet como fatores importantes na promoção socioeconômica da pessoa: *“praticamente todos os usuários de informática consideram que saber computação ajuda a encontrar emprego”* (SORJ E GUEDES, 2005, p. 99).

A par dessa perspectiva desejada pelos usuários, sobretudo os jovens quissamenses utilizadores das Quissanetes, a situação em que eles se encontram ali não condiz, a nosso ver, com essas expectativas criadas pelos mesmos quanto ao que a informática e a Internet possam fazer por eles. O uso lúdico é facilmente aprendido na sociabilidade que se dá entre os jovens usuários nas Quissanetes, mas e a outra forma de uso da Internet e do computador que serviria para atender aos anseios de promoção socioeconômica dos usuários? Essa outra forma de uso é ensinada, propagada ou socializada? Como vimos, eles não recebem treinamento ou capacitação, não possuem computador e Internet em casa, dependem de um serviço público com limitações e certas falhas e assim acabam saindo atrás na “corrida” competitiva do conhecimento em informática e Internet. Portanto, se encontram sós e fragilizados diante de um computador público ligado à rede mundial de

computadores. Em outras palavras, eles têm o potencial em forma de maquinário e rede (ainda que limitados), podem desenvolver a partir do modo de uso lúdico outros modos mais sofisticados, especializados e aprofundados, entretanto têm de fazer só, no máximo, socializando conhecimentos entre si.

CAPÍTULO II

2. MODERNIDADE, INTERNET E SOCIABILIDADES: INTERAÇÕES VIRTUAIS NUM MUNDO REAL

A proposta desse capítulo é dar embasamento teórico às discussões acerca da sociabilidade virtual que serão desenvolvidas no capítulo seguinte. Como iremos trabalhar com sociabilidade de jovens na Internet, inicialmente conceituaremos o termo sociabilidade, em seguida, sob o foco da modernidade, trabalharemos com o individualismo e o comunitarismo enquanto expressões da sociabilidade encontrada na rede. Basicamente discutiremos o individualismo em rede enquanto paradigma da sociabilidade virtual na modernidade e de como o comunitarismo se apresenta nas relações sociais da Internet. A partir daí esperamos estar credenciados para contextualizar, apresentar e debater a sociabilidade dos jovens quissamenses no Orkut.

Então, nesse momento tomaremos conceitualmente a sociabilidade bem como suas três formas, para que o entendimento das relações que desenvolvermos adiante não se comprometa.

2.1. A SOCIABILIDADE E SUAS TRÊS FORMAS

A sociedade, para Simmel³¹, seria “a modalidade de interação entre indivíduos: o processo geral e os processos particulares de associação”. O *status nascendi* dessa residiria nos processos de interação microssociológicos através dos quais se constituiriam associações (ou sociações), não bastando apenas a interação. Isso pois seria preciso ainda que os indivíduos em interação “uns com, para e contra os outros” formassem uma unidade, uma sociedade e estivessem conscientes disso. Um dos conceitos que permitiriam aprofundar a compreensão do modo como se organiza a sociedade através de uma associação básica é justamente o de *sociabilidade*.

31 Apud, FRÚGOLI JR., 2007, p. 09.

Para Simmel³² (1983), o caráter social das interações, ou seja, o que lhes confere natureza social, está nas *formas* das sociações humanas. Logo, a sociabilidade surge como estrutura sociológica das sociações, nas quais se torna necessária a demarcação de *forma* e *conteúdo*. Em Simmel³³ sociabilidade é um tipo ideal entendido como o “social puro”, forma lúdica arquetípica de toda a socialização humana, sem quaisquer propósitos, interesses ou objetivos que não a *interação pela interação*. Outra modalidade básica de sociabilidade é a *conversação*, cujo conteúdo não é o propósito, mas sim o meio pelo qual o vínculo social se mantém enquanto forma: os participantes através das trocas de palavras zelam pela relação em curso. Decorre daí, que

[...] as formas de sociabilidade tipificam de modo mais evidente: as ações de reciprocidade consciente entre os indivíduos, ainda mais porque [...] não há coisa ou evento que tenha um significado intrínseco ou fixo, mas que emerge apenas através da interação com outras coisas ou eventos (FRÚGOLI JR., 2007, p. 10 e 11).

De um outro ponto de vista, para Jonatas Dornelles (2004) a sociabilidade é a associação de indivíduos na qual ocorrem trocas simbólicas. Nesse caso são trocadas diversas experiências, informações e pontos de vista. Posto isso, em decorrência das variáveis “tempo e espaço”, existem três formas de se expressar a *sociabilidade* e mesmo a *conversação*: *face a face*, *presencial não-física* e *atemporal não-física*. Passemos a elas.

Face a face

Essa forma ocorre quando as pessoas compartilham o mesmo tempo e espaço em um contato; exemplo de uma conversa frente a frente onde as pessoas podem se tocar, sentir o cheiro da outra e partilhar da presença física uma da outra. Essa modalidade está ligada de certa forma à classe social, pertencimento de grupo, ocupação espacial, campo profissional dentre outras esferas da vida do indivíduo. Basicamente o ponto que permeia e delimita essa

32 Apud, REIS, 2007, p. 07.

33 Op. cit.

sociabilidade tem a ver com o “lugar social” do indivíduo. Por exemplo, apesar de ser possível mandar um *e-mail* para o Presidente da República, é bastante provável que eu não consiga ter uma audiência oficial, ou mesmo um mero bate papo face a face com ele. Enquanto que o Presidente da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo, devido ao lugar social que ocupa, poderá ter maiores chances de estabelecer tal contato direto. Outro ponto notável para essa sociabilidade, para Dornelles (2004), é que o encontro social pode surgir mediante certa afinidade de estilo de vida e preferências (exemplo de roqueiros que se encontram em eventos e shows de rock). Por fim, as condicionantes básicas são aqui o “tempo” e o “espaço”; a grosso modo é dizer que indivíduos praticam essa sociabilidade porque estão no mesmo local e no mesmo horário. Essa proximidade física, para os interacionistas simbólicos, coloca frente a frente pessoas numa interação mais rica em subjetividade e trocas simbólicas. Portanto, para eles, a sociabilidade face a face tem grande relevo no acervo do conhecimento comum do cotidiano. Mais adiante retomaremos essa questão do *face a face* com maior profundidade.

Presencial não-física

Ocorre quando as pessoas partilham o mesmo tempo, porém não o mesmo espaço físico. Esse tipo de sociabilidade carece de meios tecnológicos para promover a interação; exemplo dos *chat's* da Internet, dos jogos em rede e das conversas pelo telefone. No caso da Internet os sujeitos até compartilham o mesmo espaço (ciberespaço), mas esse é imaterial e não permite a aproximação física (corpo a corpo) e a experiência tátil dos interagentes, o que de fato desqualifica uma interpretação de sociabilidade *face a face* via NTIC's. No ambiente da Internet, sobretudo dos *chat's*, o indivíduo também está inserido em uma massa (assim como aquele indivíduo em um contexto urbano), entretanto, o espaço dedicado ao encontro social é virtual. Um ponto importante aqui é que as pessoas que dificilmente entrariam em contato no contexto urbano – já que possuem pertencimentos diversos, ocupam o espaço de maneira diferenciada ou em horários próprios, ou seja, basicamente possuem lugares sociais diversos – podem se esbarrar em um *chat* de Internet,

bate papo de telefone³⁴ (DORNELLES, 2004, p. 04 e 05) ou comunidade do Orkut.

Atemporal não-física

Quando as pessoas se relacionam sem estar no mesmo tempo e espaço físico. Exemplo do *Orkut*, dos *blog's* e dos grupos de *e-mail*. A tecnologia do mural inaugura a terceira forma de sociabilidade, na qual as dimensões de tempo e de espaço não são compartilhadas pelos indivíduos em seus contatos. Nessa, a comunicação se dá de forma assíncronica e o momento do encontro social se torna dilatado; é como se as conversas se dessem por meio de recados postados em murais (DORNELLES, 2004, p. 06). No caso do Orkut, que discutiremos adiante, o grande mural de sociabilidades estaria no ciberespaço.

Nessa forma de sociabilidade, o lugar social e espacial bem como os pertencimentos das pessoas, em alguns casos, podem não importar no estabelecimento do contato, sobretudo pois a transitabilidade no ciberespaço pode ser muito maior do que por exemplo, no meio urbano: pode-se ir de um “lugar” a outro rapidamente bem como estar em vários ao mesmo tempo apenas clicando, estando sentado em frente à um computador; ou mesmo pode-se acessar pelo celular estando em vários lugares físicos e virtuais no decorrer do seu trânsito. Entretanto, os pertencimentos e lugares sociais podem influenciar na continuidade das sociabilidades. Como veremos no caso do Orkut, a sociabilidade é algo em potencial entre todas as pessoas presentes daquela rede social *online*, basta clicar em alguns ícones e *links* bem como digitar algumas palavras para estabelecer o contato.

De acordo com Heitor Frúgoli, o conceito de sociabilidade foi retomado e resignificado pela Escola de Chicago³⁵ a partir da definição simmeliana. Com essa:

34 Esse bate papo é um serviço telefônico oferecido em várias cidades, onde a pessoa liga para um dado número e escolhe a sala de conversação que deseja e assim interage com várias pessoas. Ex: disk amizade; disk namoro, etc.

[...] o conceito de sociabilidade teria adquirido uma abordagem eminentemente empírica, “entendida como uma consideração dos modos, padrões e formas de relacionamento social concreto em contextos ou círculos de interação e convívio social”. Um de seus principais fundadores, Robert Park (1864-1944) [...] propunha uma reflexão sobre a cidade a partir de duas dimensões constitutivas: uma organização física e uma ordem moral, com a nítida preocupação, portanto, de circunscrever espacialidades ou territorialidades específicas onde tais relações teriam lugar (FRÚGOLI JR. 2007, p. 17 e 18).

A partir daí o autor propõem duas tipologias básicas quanto à sociabilidade. Na primeira leitura a sociabilidade adviria enquanto possibilidades de construção temporária do próprio social entre estranhos ou atores sociais de condições diversas, em que a interação em si constituiria o principal intuito. Seria a *interação pela interação* como postula Simmel, algo intenso e frequente nas áreas urbanas mais centrais (em alguns casos, desde pelo menos o final do século XIX). Na Segunda leitura, a sociabilidade adviria de sua qualidade “intraclassista”, implícita em Simmel, ligada à ideia de que tais relações seriam praticadas principalmente entre “iguais”.

Essa segunda leitura, para Frúgoli Jr., teria levado à ênfase em pesquisas sobre espaços sociais circunscritos onde predominariam condição social, valores e sentidos de certo modo compartilhados. Talvez tenha resultado no enfoque empírico em bairros residenciais marcados por determinada homogeneidade, onde haveria uma significativa articulação entre sociabilidade e vizinhança ou comunidade. Nesse sentido, a pesquisa que empreendemos para esse trabalho repercute de certa forma a segunda leitura do termo sociabilidade: algo dado entre indivíduos que se conhecem e/ou interagem regularmente dentro de uma espacialidade. Como veremos, em Quissamã temos encontrado esse tipo de sociabilidade se dando através da e na Internet entre os adolescentes e jovens do local. O comunitarismo arraigado por tradições históricas e sociais comuns dos quissamenses estaria se expressando no ciberespaço. Um dos pressupostos seria que a coesão

35 De acordo com o autor, essa foi pioneira na prática etnográfica voltada ao contexto urbano e a primeira a tomar a cidade como laboratório de análise da mudança social e a formular uma “concepção espacializada do social” e reciprocamente, “socializada do espaço”.

comunitária estabeleceu relações de reciprocidade assentadas em uma localidade específica.

Posto o debate e as diversas visões, partiremos do princípio que a sociabilidade (vista como *interação pela interação* bem como *trocas simbólicas*) expressa-se de três formas (que por sua vez se relacionam com as variáveis tempo e espaço de modo diferenciado), assume duas feições (dando-se entre desconhecidos e entre conhecidos) e pode apresentar conteúdos variadíssimos.

2.2. MODERNIDADE E INDIVIDUALISMO

Postas e debatidas as formas de sociabilidade bem como a delimitação conceitual desse termo, nesse momento realizaremos uma breve explanação teórico-conceitual acerca da temática do individualismo e do comunitarismo na modernidade para que possamos posteriormente abordar os desdobramentos desses fenômenos na forma e no conteúdo das sociabilidades virtuais³⁶ largamente encontradas na Internet. Estabeleceremos uma ancoragem da perspectiva da modernidade em face ao caso brasileiro (sobretudo em contextos não-metropolitanos) e dialogaremos com o individualismo (incluindo o individualismo em rede) e o comunitarismo encontrado na Internet.

A partir desse debate e da análise de nossa pesquisa empírica iremos propor como contraponto a ambos, o *comunitarismo virtual*: prática social dada na Internet por meio de ferramentas interativas da *Web* entre pessoas que moram em uma mesma localidade (geograficamente próximos), que partilham identidade e pertença grupal/comunitária, que mantêm tanto no *on* quanto no *offline* sociabilidades entre entes próximos conhecidos do dia-a-dia e que pouco procuram relações sociais fora dos círculos comunitários locais. As relações sociais dos nossos entrevistados parecem resultar muito mais do

36 Mais uma vez utilizamos o termo virtual para designar que tais sociabilidades se dão *online*, ou seja, na Internet, e não como algo que se contraporá ao “real”, ou que estivesse em potencial.

encontro prévio *offline* bem como de dinâmicas comunitárias/grupais demarcadas pela localidade do que de agregação de interesses e ou identidades em comunidades virtuais geodeslocalizadas.

Apesar da breve exposição desse conceito aqui, mais adiante é ele que nos conduzirá à adaptação ou desenvolvimento de outro arcabouço teórico, que não o individualismo em rede e as comunidades da Internet, para dar conta de explicar as sociabilidades dos jovens internautas de Quissamã bem como de outros contextos que comunguem certas características captadas nessa cidade.

A modernidade, de acordo com Habermas³⁷ (1973) situa-se no tempo e no espaço, seu início está marcado por três eventos históricos ocorridos na Europa: a Reforma protestante; o Iluminismo; e a Revolução Francesa. Ela abrange historicamente as transformações societárias ocorridas nos séculos XVIII, XIX e XX, no ocidente. O autor entende que seus efeitos propagaram-se posteriormente pelo hemisfério norte, especialmente pelos países do atlântico norte, e depois para outras partes do mundo. A modernidade não estaria somente na coleção dos signos do moderno que atravessam de diferentes modos a vida de todos nós; ela seria também a realidade social e cultural produzida pela consciência da transitoriedade do novo e do atual (MARTINS, 2000, p. 19).

Para José Maurício Domingues as explicações para o fenômeno do individualismo da modernidade podem ser enquadradas, em geral, em três vertentes: a materialista, a funcionalista e a cultural. Para os designatários da primeira, o desenvolvimento das forças produtivas teria engendrado a destruição das comunidades originariamente inclusivas e coesas; para os pensadores da segunda vertente o desenvolvimento da divisão do trabalho social ou a diferenciação em geral – levando ao “pluralismo de papéis” – teriam oferecido a variável explicativa fundamental para o individualismo; já para os enquadrados na terceira, certos processos e matrizes culturais estariam na

37 Apud, FREITAG, 2005, p. 163.

base dessa concepção do indivíduo como agente moral soberano (DOMINGUES, 2002, p. 56).

Partindo então do princípio da facticidade do fenômeno do individualismo na modernidade ocidental e, em que pese às contribuições das variadas vertentes, nós aqui estamos muito mais interessados nos desdobramentos do individualismo em relação à sociabilidade, do que em debatê-lo teoricamente ou destrinchar as causas do mesmo. Entretanto, ainda que brevemente, trataremos do conceito.

Em seu clássico trabalho, *Comunidade e Sociedade*, de 1887, Ferdinand Tönnies³⁸ – corroborando o legado dualista de seus contemporâneos – entende a sociedade (*Gesellschaft*) por oposição à comunidade (*Gemeinschaft*) através da observação do contexto europeu. Além disso, identifica a primeira com o tema da modernidade. Para o autor, na sociedade há um alto grau de divisão do trabalho, as relações sociais são formais, artificiais, se baseiam no interesse individual e na impessoalidade. Já a comunidade é marcada pela extensão limitada, as relações sociais são fundadas sobre a afetividade e o espírito de grupo: a família, as redes locais de conhecimento são os seus dois exemplos típicos. Ainda que sob uma perspectiva evolucionista, o autor entende que na passagem da comunidade para a sociedade há a separação entre os seres humanos traduzida por um incremento na troca de coisas, por um desenvolvimento das práticas contratuais e bem como do desenvolvimento da vida urbana. Essa evolução, entende Tönnies, irá definitivamente destruir os laços comunitários entre os homens. Portanto, é na sociedade, logo, na modernidade, que o homem racional, contratualista e individualista emerge (LALLEMENT, 2003, p. 169-171).

Para Domingues (2002), a par de visões que localizam o indivíduo em períodos mais longínquos da humanidade, temos nas mais tradicionais o apontamento do protestantismo como o momento em que o indivíduo assumiu uma feição moderna e generalizada. Nesse sentido, alguns estudiosos da modernidade

38 Apud, LALLEMENT, 2003, p. 169-171.

vêm nos alertando sobre um processo em ocorrência na contemporaneidade ocidental, o individualismo. Ainda segundo o autor, o individualismo contemporâneo, embora se possa traçar origens históricas mais longínquas, surge a partir de mecanismos especificamente modernos, que possibilitam aos sujeitos uma autonomia aparentemente sem precedentes na história humana. Para ele, a crescente complexidade da vida social, configurada mediante uma diferenciação social que, por sua vez, não excluiu os processos de desdiferenciação, multiplicou as possibilidades de engajamentos, projetos e identidades individuais. Essa autonomia que coube ao indivíduo, crê o autor, é gerida cada vez mais pelas faculdades reflexivas dos mesmos.

Esse fenômeno tende a liberar o indivíduo dos laços “estáveis” da vida comunitária e a soltá-lo em um mundo onde ele terá a “liberdade/obrigação” de “controlar” sua vida, em diversos âmbitos, através de suas próprias escolhas. Nesse sentido Anthony Giddens (1991) vê que as certezas dos modos de vida pré-modernos são solapadas e o indivíduo arrancado dos contextos tradicionais, locais e relativamente estáveis de existência. Com a radicalização da modernidade, em parte devido à recente globalização, isso foi içado a patamares superiores de extensão e intensidade.

De acordo com Norbert Elias, as funções de proteção e controle do indivíduo, previamente exercidas por pequenos grupos, como a tribo, a paróquia, o feudo, a guilda ou o Estado, foi sendo transferida para Estados altamente centralizados e urbanizados. Nas sociedades estatais maiores, centralizadas e urbanizadas, o indivíduo teve que trabalhar muito mais por si, a mobilidade espacial e social das pessoas aumentou e seus envolvimento com a família, o grupo de parentesco, a comunidade local e outros grupos dessa natureza antes inescapável pela vida inteira, viu-se reduzido. As questões da escolha e da autonomia das quais esse individualismo faz jus, aparecem assim em Elias:

[...] à medida que os indivíduos deixam para trás os grupos pré-estatais estreitamente aparentados, dentro de sociedades nacionais cada vez mais complexas, eles se descobrem diante de um número crescente de opções. Mas também *têm* que decidir muito mais por si. Não apenas *podem* como *devem* ser mais autônomos. Quanto a isso, não têm opção (ELIAS, 1994, p. 102).

Apesar dessa “liberação” do indivíduo, Beck³⁹ (1986) propõe que os processos contemporâneos de individualização não devam ser vistos como possuindo sinal negativo, levando à atomização, ao narcisismo e ao isolamento. A individualização não conduziria ao total distanciamento dos indivíduos condenando-os ao esvaecimento de suas sociabilidades, fato esse que é de certa forma encontrado em Castells (2007) em sua ideia de individualismo em rede. No entanto, mais uma vez Elias (1994) se faz presente no debate e, quanto a essa questão relacional, postula:

Considerados como corpos, os indivíduos inseridos por toda a vida em comunidades de parentesco estreitamente unidas foram e são tão separados entre si quanto os membros das sociedades nacionais complexas. O que emerge muito mais nestas últimas são o isolamento e a encapsulação dos indivíduos *em suas relações uns com os outros* (ELIAS, 1994, p. 103).

Não apenas a teoria de Elias, mas também algumas outras que temos tido acesso pintam um quadro da sociabilidade urbana na modernidade, até certo ponto, com cores frias. Ou seja, a cidade é vista como um local onde os estranhos até se encontram, mas que só às vezes conhecem uns aos outros; é vista também como um local de redes esparsas, nas quais afinidades podem ser descobertas, mas não assumidas; e mais exatamente como uma estrutura fluida, onde a trajetória de vida das pessoas não é inteiramente previsível. Entretanto, encontramos em Hannerz⁴⁰ (1982) um contraponto. Para o autor a cidade tende a ser o local onde relações de distância e curta distância coexistem com uma intensificação das interações a partir da combinação das mesmas. A cidade, para ele, não é apenas o quadro frio retratado acima, embora ele considere que não se possa dizer que tal quadro seja uma ficção decorrente de nossa imaginação. Em certa medida, temos então duas espécies de enfoque quanto ao individualismo da modernidade no contexto urbano: um que afirma e outro que nega o isolamento e esfriamento das relações sociais.

É preciso ponderar acerca do contexto para os quais escreveram vários desses autores. Por exemplo, quando da análise das comunidades de parentesco,

39 Apud, DOMINGUES, 2002, p. 56.

40 Apud, FRÚGOLI JR., 2007, p. 47.

Elias cita estudos de exemplos africanos, ou seja, alguns em modos de vida tribal e outros pós-tribal. Já para os estudos das sociedades nacionais complexas ele se pauta no exemplo europeu. Desse modo, em face desse construto europeizado da modernidade, nós que estudamos o caso brasileiro precisamos fazer algumas devidas ressalvas quanto à modernidade e o individualismo no Brasil e os seus desdobramentos na sociabilidade. Para José de Souza Martins o tema da modernidade é um tema europeu uma vez em que se liga à questão do progresso. Entretanto, para o caso brasileiro o autor faz o seguinte comentário:

No caso latino-americano e, sobretudo, brasileiro, a crítica constitutiva da modernidade vem do “hibridismo” cultural, da conjunção de passado e presente, do inacabado e inconcluso, do recurso ao tradicionalismo e ao conservadorismo que questionam a realidade social moderna e as concepções que dela fazem parte e a mediatizam; a opressão e os absurdos do moderno, da racionalidade, da quantidade, do modismo, do transitório e passageiro como maneira permanente de viver e de ser. O inacabado e inconcluso, a modernidade que não se completa, produziu no Brasil uma consciência social dupla, o diverso segmentado e distribuído nos compartimentos da cultura e da vida (MARTINS, 2000, p. 24 e 25).

Para o autor, o que teríamos no Brasil seria modernidade sim, mas teríamos uma cuja constituição e difusão são enredadas em referenciais do tradicionalismo. Desse modo, como essa modernidade híbrida se relaciona com a sociabilidade?

Individualismo e sociabilidade

Em vista desses enfoques e dos desdobramentos da modernidade na sociabilidade, acreditamos que o que ocorre é o fato das relações sociais estarem assumindo outras formas, e não sumindo: a sociabilidade sob a dinâmica do individualismo se distinguiria da que ocorre em situações “pré-modernas”; no primeiro o indivíduo seria compelido a decidir sua vida e sua rede de relações sociais mesmo que sob diversas contingências; na segunda, a vida estável e as redes de sociabilidade são definidas e também contingenciadas pelo grupo ao qual se pertence, sobretudo se esse for fundacional. Logo, entendemos que a mudança está na forma como a

sociabilidade se expressa, passando, cada vez mais, do automatismo concebido pelo grupo, para a obrigatoriedade da escolha individual. No entanto, essa distinção que fizemos dá-se enquanto tipos ideais. Entendemos que ambos possam conviver, dialogar e mutuamente se influenciar na composição das realidades sociais contemporâneas, sobretudo quando temos como campo de observação a modernidade híbrida brasileira.

Para avançarmos mais quanto ao individualismo da modernidade ocidental e as subseqüentes formas de sociabilidade, é preciso que tomemos o contexto urbano como o principal, pois são nas grandes cidades e metrópoles que os fenômenos considerados modernos apresentam-se com mais intensidade. A modernidade está nas cidades e, assim sendo, os indivíduos também. Estes, cada vez mais individualizados e dependentes de suas próprias escolhas, convivem com outros indivíduos na cotidianidade urbana. Para Heitor Frúgoli Jr. (2007), as cidades modernas representam a confluência histórica do individualismo quantitativo (referente à livre concorrência liberal do século XVIII) com o individualismo qualitativo (relativo à divisão do trabalho instaurada no século XIX), cujo alargamento das redes de relações transforma o indivíduo em pólo de tensões e relações.

Em seus estudos Park⁴¹ (1952) consolida algumas noções recorrentes sobre a dimensão urbana e a sociabilidade. Para o autor os processos de segregação estabelecem distâncias morais que fazem da cidade um mosaico de pequenos mundos que se tocam, mas não se interpenetram. Isso possibilita que indivíduos passem rápida e facilmente de um meio para outro e encoraja o experimento fascinante, mas perigoso, de viver ao mesmo tempo em vários e diferentes mundos contíguos, mas amplamente separados. Ou seja, a cidade é o lugar da possibilidade da pertença múltipla a vários contextos, por vezes colocada como o ambiente onde a polietnicidade se exacerba consideravelmente.

41 Apud, FRÚGOLI JR., 2007, p. 19.

Já para Joseph⁴² (1998) – que retoma criticamente a Escola de Chicago – a cidade não seria apenas um mosaico de territórios, já que pautada por relações entre duas ou mais populações num mesmo meio ou sistema de atividades, presente em fenômenos, como a economia da mobilidade residencial, problemas sociais de co-habitação residencial ou de co-presença no espaço público. Para o autor a cidade põe em contato, num espaço diferenciado, sociedades heterogêneas. Nessas cidades, os cidadãos constroem relações ampliadas como *peçoas*, sobretudo aquelas estabelecidas a partir do bairro de moradia marcado por uma densidade de interações. Entretanto, Frúgoli Jr. (2007) em certa medida contrapõe Joseph ao postular que em várias outras situações nas cidades, principalmente quando em circulação por outros espaços urbanos, os mesmos enfrentam contextos de reserva, estranheza e distanciamento que, embora sejam por vezes condições para o início de interações, muitas vezes mantém os mesmos anônimos, aproximando-os de uma condição de impessoalidade que também pauta o mundo urbano. Ou seja, na cidade é possível vivenciar contextos onde somos *peçoas*, onde temos enraizamento e somos reconhecidos, bem como outros onde somos *indivíduos*, apenas mais um na multidão.

Logo, a cidade é um lugar onde *proximidade* e *distância* (re)dimensionam a sociabilidade, ou como propõe a escola de Chicago, *proximidade física* e *distância social*. Como veremos mais a frente nesse trabalho, em Quissamã a proximidade física está mais relacionada à proximidade social do que nas modernas metrópoles. Dessa monta, temos em Giddens (1991) que a retirada da atividade social dos contextos localizados, reorganizando as relações sociais e também a sociabilidade através de grandes distâncias tempo-espaciais, comporia o que ele denomina como os *mecanismos de desencaixe* na modernidade.

Posto o debate, entendemos tipificadamente que através dos grupos tradicionais (por vezes considerados “pré-modernos”), sobretudo nos fundacionais, a sociabilidade tende a se originar e dar-se endogenamente,

42 Apud, FRÚGOLI JR., 2007, p. 22.

através de laços consanguíneos, de compartilhamento da territorialidade, da identidade grupal, de tradições, dentre outras, que se iniciam dentro do grupo. Já pelo individualismo da modernidade, a sociabilidade tende a se originar pelos processos de “escolha” desse indivíduo que habita os centros urbanos e que em razão da sua locomoção por diversificados espaços (reais ou virtuais) entra em contato frequentemente com diferentes tipos de pessoas e realidades. Essas escolhas não necessariamente são racionais e reflexivas, muitas vezes são pré-reflexivas. Elas também são contingenciadas pela capacidade de locomoção pelos variados espaços urbanos (do pagode no subúrbio até o restaurante francês no bairro mais nobre da cidade), pelo capital cultural da pessoa, pela classe social a qual pertence e, inclusive, pela própria tradição. As escolhas podem se pautar nos interesses do indivíduo, gostos, preferências, identidade, etc.

Assim, o espaço urbano se configura pela multiplicidade de sociabilidades entre pessoas diversas, “unidas” por meio das razões de suas escolhas⁴³, sejam quais forem essas, e pela ação de suas contingências. Contudo, entendemos que mesmo no contexto citadino onde predominaria o individualismo, as sociabilidades tradicionais podem ocorrer (por exemplo: comunitarismo, familismo, neo-tribos, etc.). Com essa distinção tipificadora que fizemos anteriormente, não estamos querendo dizer que no contexto urbano não existam sociabilidades pautadas em aspectos comunitários expressos pela territorialidade, pela consanguinidade, pela identidade ou pelas tradições. Também não queremos erroneamente afirmar que em cidades pequenas, subúrbios e em contextos rurais (regiões não-metropolitanas) não encontremos um “quê” de modernidade, de individualismo e das escolhas.

Para o contexto urbano acreditamos que tanto a sociabilidade pautada no individualismo quanto a pautada nas relações comunitárias, grupais e tradicionais, possam conviver. Assim, é possível enfrentar situações na cidade onde nos apresentamos como *indivíduos* e em outras como *pessoas*.

43 Essas escolhas, por sua vez, se dão de maneira reflexiva como afirmam Beck (1986) e Giddens (1991), mas também se dão de forma pré-reflexiva, o que lhes aufere certo automatismo.

Entretanto, esse comunitarismo e as tradições que ocorrem no contexto urbano não são fundacionais, mas sim criadas na própria dinâmica moderna urbana por meio de diversas formas de agregação (interesses, escolhas, identidades, cultura, herança histórica, etc.) e retraditionalização no espaço físico das cidades; logo, produzido pela modernidade. A título de exemplo, Frúgoli Jr. em um estudo antropológico sobre sociabilidade de jovens em distintos *shopping centers* de São Paulo encontrou algumas condicionantes para o estabelecimento de grupos e sociabilidades pautados na escolha e na partilha.

[...] constatou-se desde redes juvenis assentadas na seletividade de consumo e pertencimento, definindo um rol mais restrito de participantes, onde se desenvolviam “relações entre iguais” (com base na posse do mesmo capital cultural), até outros casos (principalmente em shoppings direcionados para certa massificação), onde predominavam códigos de interação entre grupos de jovens provenientes de distintos bairros, situados em diferentes posições socioculturais [...] (FRÚGOLI JR., 2007, p. 25).

Esse enfoque no “poder de escolha” aparece, em alguns estudos sobre o Orkut, como ponto chave da sociabilidade nesse *site* de relacionamentos. Uma vez nele, “independentemente” das variáveis tempo e espaço, podemos escolher com quem vamos interagir dentre uma gama infindável de pessoas disponibilizadas e interligadas através de redes. Ainda que não conheçamos a tal pessoa com a qual pretendemos nos relacionar, a interação pode ocorrer, mesmo que seja minimamente para decidir, mutuamente ou não, se a interação irá continuar. Entretanto, como demonstraremos, podemos encontrar no Orkut tradicionalismos que, apesar do contraste face ao individualismo em rede e seu império das escolhas por vezes identificados no ciberespaço, não deixa de ser moderno, sobretudo para o caso brasileiro. Portanto entendemos que o Orkut se assemelha a uma metrópole moderna, em geral um lugar onde somos mais um na multidão mas também um lugar onde podemos vivenciar contextos de reconhecimento e forte personalidade.

Seguindo-se a linha de raciocínio por nós delineada quanto ao debate da modernidade, temos que o individualismo é um fenômeno que se apresenta com maior intensidade em sociedades onde a modernidade assim também se apresenta (por exemplo, em contextos urbanos e metropolitanos) e, logo,

liberando o indivíduo para poder escolher, deixando-o, no limite, obrigado a “decidir” os passos de sua própria vida. No entanto, a modernidade ainda que radicalizada, como vimos, não exclui a tradição (GIDDENS, 1991). Além disso, embasados por José de Souza Martins (2000), vemos como no caso brasileiro a modernidade se apresenta de forma híbrida, configurando cenários onde outros fenômenos coexistem com o individualismo. Logo, pensando sobre o contexto brasileiro, temos individualismo, a sua configuração em rede, tradicionalismos, familismo, comunitarismo, etc. Nesse sentido, segundo o autor, mesmo a economia e as tecnologias modernas (incluem-se aqui as NTIC's) acabam viabilizando em seu proveito formas tradicionais de organização da sociabilidade e da vida. Acreditamos que esse tipo de relação entre as tecnologias modernas e o tradicionalismo esteja também presente no caso dos jovens usuários de Orkut de Quissamã, no entanto, apresentando aí maior relevo.

2.3. A PROEMINÊNCIA DO INDIVIDUALISMO EM REDE

Como é de praxe nos trabalhos que envolvem pesquisa empírica, há um momento em que o arcabouço teórico estudado é debatido em relação às descobertas empíricas. Apesar de ainda não ser o grande momento desse debate entre teoria e empiria, vamos introduzir o contexto do mesmo para apresentar ao leitor nossa questão de pesquisa. Assim, de início, abordaremos o paradigma que permeia nosso campo de estudos e posteriormente contraporem nossas descobertas em busca da conformação de um novo conceito que dê conta de explicar alguns fenômenos apercebidos em Quissamã/RJ.

Nas cidades, sobretudo nas grandes e desenvolvidas, é bastante comum que as pessoas pouco se relacionem e muitas vezes nem conheçam seus vizinhos da rua ou do condomínio, mas possivelmente elas interajam com grupos e pessoas geograficamente dispersos, culturalmente distintos, e de certa forma ligados por diversos propósitos, por vezes convergentes. É assim que o individualismo, através de seu imperativo das escolhas, exerce contingência

nas sociabilidades nas grandes cidades. Entretanto, no avançar da modernidade estamos vendo a sociabilidade e a formação de agrupamentos humanos com o uso das NTIC's darem origem ao que se convencionou chamar de comunidades virtuais. E como elas se formam? Mais adiante responderemos a essa pergunta mostrando as relações do individualismo em rede na conformação das sociabilidades que compõem essas comunidades virtuais.

Maria Beatriz Almeida Sathler Bretas (2000) em seu estudo sobre interações telemáticas de jovens internautas em Belo Horizonte constatou que grande parte dos adolescentes pesquisados formava turmas na *Web* e com elas se encontravam no espaço urbano. A Internet estava servindo para cultivar amizades criadas pelas afinidades observadas nas salas de bate-papo da Internet. Ao analisar o conteúdo das *Homepage* desenvolvidas por esses jovens, Maria Beatriz percebeu que estes não queriam apenas se tornar conhecidos, mas também tinham um objetivo bem prosaico: *entrar em contato com quem mora na mesma cidade e frequenta lugares parecidos*. Ela procurou mostrar que a rede não funcionava apenas como espaço diferenciado de sociabilidade, mas ajudava a criar relações reais e a reforçá-las. Logo, o estudo da professora nos mostra que sociabilidades eminentemente virtuais podem deflagrar encontros póstumos onde ocorrerá a sociabilidade *face a face*. E mais, essas, sobretudo nos grandes centros urbanos desenvolvidos onde a princípio o individualismo se encontraria mais disseminado, dão-se pela agregação de interesses, identidades, preferências, dentre outras, resultadas, em grande medida, pelas escolhas do indivíduo e pela contingência de seu lugar na sociedade.

Em meio a esse contexto, a possibilidade que se coloca perante o indivíduo é a do estabelecimento de redes de relacionamentos onde as sociabilidades *presencial não-física e atemporal não-física* assumem grande relevo em virtude da dificuldade cada vez maior em estabelecer uma sincronia tempo-espacial entre os interagentes, vide, segundo Giddens (1991), os mecanismos de desencaixe. *Tempo* e *espaço* aparecem como contingenciadores da sociabilidade, mas isso não significa a morte do *face a face*. O que se dá é que

as NTIC's aparecem como bons meios de estabelecimento e manutenção dos vínculos sociais, dando ao indivíduo "alternativas" à individualização da modernidade, podendo aquele, "tecer" suas redes de relações sociais e filiações em comunidades virtuais dos mais diversos propósitos.

Nesse sentido Castells (2007) acredita que o potencial interativo e integrador das redes telemáticas possam significar uma espécie de contrapeso ao exacerbamento do individualismo e sua consequente ação sobre o envolvimento social em nossas modernas sociedades. Para esse autor as redes telemáticas, das quais a Internet é a mais expressiva, colocariam as pessoas em contato, ainda que sob a agregação de interesses, e o individualismo não as alijaria da interação social.

Temos então a conformação do que Castells (2003 e 2007) chama de individualismo em rede. Este é um padrão social: indivíduos montam suas redes, *online* e *offline*, com base em seus interesses, valores, afinidades, identidades e projetos; e por causa da flexibilidade e do poder de comunicação da Internet, a interação social *online* desempenha crescente papel na organização social. Em outras palavras, nesse sistema as ações coletivas, a interatividade e os laços sociais se dariam pela agregação de interesses, identidades e preferências comuns entre pessoas que não estariam necessariamente próximas temporal e espacialmente ou no mesmo contexto social e cultural. Essa "reaproximação" poderia conformar comunidades virtuais que, em certa medida, tentariam fazer um pouco do papel que cabia às comunidades territoriais (integração, acolhimento, partilha, pertença, provimento, proteção, etc.). Nesse sentido, para André Lemos (2007) a Internet se caracterizaria pela utilização da tecnologia telemática por parte de uma sociedade em busca de religação, potencializando agregações sociais dos mais diversos tipos. Desde o uso mais banal, passando pelos ativistas e profissionais, até a efervescência hedonista dos *chat's* e *MUD's*⁴⁴, o que está em jogo é o uso do ciberespaço como ferramenta de vínculos sociais.

44 Em termos de jogos de computador, um MUD (sigla de Multi-user dungeon, dimension, ou por vezes domain) é um RPG multijogadores, que normalmente é executado em uma BBS ou em um servidor na Internet.

Para Manuel Castells (2007), a *era da informação* encontrou na internet a base tecnológica para a sua forma organizacional, a rede. Para o autor essa era corresponderia ao pós-industrialismo e significaria uma era em que, em virtude das revoluções tecnológicas informacional e computacional, estaríamos já vivendo uma era em que a informação ganha grande relevo enquanto base do sistema produtivo capitalista predominante, o que o autor chama de capitalismo informacional.

Nesse contexto as redes se tornam ferramentas de organização em virtude de sua flexibilidade e adaptabilidade inerentes, características essenciais para se sobreviver e prosperar num ambiente em rápida mutação, caso dessa era. As demandas da sociedade por liberdade e comunicação aberta, as exigências da economia por flexibilidade e globalização bem como os avanços tecnológicos da computação e telecomunicações encontram na sociedade em rede, o atendimento de suas demandas. Este fenômeno recente, o individualismo em rede, para Castells (2007) permite a modificação das formas de sociabilidade dos indivíduos. Ele crê que hoje, cada vez mais as “redes” estão substituindo os “lugares” como suportes da sociabilidade nos bairros e nas cidades.

Nesse sentido, os indivíduos podem “tentar” escolher com quem irão se relacionar em virtude de inúmeros motivos e não somente pela localidade, pela tradição ou consanguinidade. Logo, as relações sociais na modernidade, sobretudo nos grandes centros, estruturam-se em forma de redes não estáveis, fragmentadas e com composição variada. Por exemplo, tenho minha rede de relações a partir do meu trabalho, outra a partir dos meus familiares, uma outra a partir da universidade em que estudo, outra a partir do meu interesse por futebol, além de outras formadas na Internet (com jogadores de vídeo game, com fãs do cantor Sérgio Sampaio, dentre outras). Por vezes essas redes se cruzam e por vezes estabelecem outras a partir do contato com estranhos.

Aquela forma de sociabilidade “pautada no lugar” que eu tinha quando morava numa cidadezinha do interior no fim dos anos 80, hoje se mantém pelo Orkut assim como minhas redes sociais urbanas montadas depois que passei a

morar numa cidade grande. No entanto as duas se diferem claramente: na da cidadezinha do interior, a sociabilidade era pautada no *lugar* e “todos” se conheciam e se relacionavam pois moravam ali e se viam todos os dias na escola, na igreja, nos velórios, no clube, na rua, no bairro, na vizinhança e nas festas, ou seja, havia uma (con)vivência comunitária e uma cotidianidade estável; já na cidade grande, as agregações resultadas do compartilhamento de gostos, interesses, preferências, identidades e de uma vivência/circulação múltipla e fragmentada pelos espaços e grupos variados é que geraram minhas redes me dando uma vida múltipla de caminhos e, portanto, escolhas.

Em nossa pesquisa em Quissamã, temos visto a existência de um padrão social diferenciado quanto ao que preconiza o paradigma do individualismo em rede. Nessa cidade temos constatado o potencial das redes virtuais de relacionamento na Internet – as quais, de acordo com Castells (2003 e 2007) serviriam para amenizar o individualismo – servindo como suporte para as dinâmicas sociais comunitárias dos adolescentes e jovens. Ou seja, estes estão utilizando a mesma rede (Orkut) que, em geral, as pessoas usam para formar comunidades e relações com pessoas através da agregação de interesses e outras partilhas, para interagirem apenas com pessoas do contexto local que foram conhecidas *a priori*, fora da Internet. Ou seja, ainda que Castells atente para a mudança, podemos dizer que os *lugares* ainda são suportes da sociabilidade e, conforme nos propomos a demonstrar nesse trabalho, podem se expressar no ciberespaço.

Esse comunitarismo se diferencia do comunitarismo costumeiramente debatido, pois ele tem raízes territoriais e comunitárias locais que estabelecem uma espécie de “norma” comum que é adotada em intensidades não tão distintas: “*na Internet me relaciono com as pessoas que já conheço no dia-a-dia fora da Internet*”. Essa norma tem implicações para as redes sociais desses jovens.

Esse tipo de norma, por ocorrer nessa pequena cidade do interior, até certo ponto distante de grandes centros urbanos, “limita” a sociabilidade desses

jovens às pessoas da mesma cidade⁴⁵. Pois vejamos, sendo a sociabilidade dos jovens quissamenses demarcada por uma predileção pelo *face a face* e por uma não-virtualidade, *a priori*, que exige *referências tradicionais* do outro, ela não estará aberta para sociabilidades com “pessoas virtuais”⁴⁶. Notamos que essas *referências tradicionais* têm uma forte conexão com a vida do dia-dia fora da Internet. Essas referências são demarcadas pela personalidade e localidade: saber em que bairro mora, se é amigo de alguém já conhecido, se mora perto, se é filho ou parente de conhecido, namora com quem, estuda em que escola, se a família é de Quissamã, etc.

Em outros termos, a sociabilidade virtual do jovem quissamense dar-se-á com grande peso com pessoas que tenham referências ligadas ao mundo *offline* e, sobretudo comunitário/local. Ou seja, pessoas que frequentam os mesmos lugares da cidade, que vão à mesma praia, estudam na mesma escola, moram na mesma vizinhança ou bairro, etc., ou seja, pessoas que moram na mesma (pequena) cidade. Assim, as relações sociais que vão se dando pela Internet com esses jovens ou se iniciam no dia-a-dia (fundadas em aspectos de vida comunitária local) ou se iniciam na rede mas tendo como pré-requisito as tais *referências tradicionais*. Logo, a *virtualidade* das sociabilidades dos jovens quissamenses carece da *realidade a priori* das mesmas, o *lugar* sobrepõe a *rede*.

2.4. AS COMUNIDADES VIRTUAIS

Conforme a pergunta que nos fizemos mais acima sob como se formam as comunidades virtuais face ao individualismo em rede, chegou o momento de perscrutarmos o assunto propondo a seguinte distinção a partir de dois tipos ideais: há o comunitarismo na Internet impelido pelo individualismo em rede e há o comunitarismo naquela impelido pelas relações comunitárias *offline*. Nesse momento tomaremos apenas o primeiro.

45 Incluímos aí também, as pessoas que eram da cidade mas que por diversos motivos tiveram que mudar.

46 Desconhecidos/estranhos da Internet que não têm como fornecer aquelas referências exigidas pelos quissamenses.

As comunidades virtuais são compostas de laços comunicacionais entre pessoas e se destinam a tarefas lúdico-dialógicas através de meios virtuais de comunicação mediada por computadores em rede e se caracterizam fundamentalmente pela construção colaborativa de mensagens e conteúdos que circulam internamente. Apesar de alguns autores se oporem ao fenômeno das comunidades virtuais expondo o descompromisso e o isolamento com tendências depressivas dos usuários, precisamos entender que elas são formas diferentes de comunidade, com leis e dinâmicas específicas, que interagem com outras formas de comunidade. O que ocorre é que as comunidades virtuais da Internet são mais “um” meio de sociabilidade; as que são geolocalizadas continuam a oferecer campo para a construção de laços sociais. Apesar das diferenças com as comunidades *offline*, ou seja, por não serem presenciais e não seguirem os mesmos modelos de comunicação e interação, não são “irreais”, mas funcionam em outro plano da realidade.

Encontramos em Castells (2003) um conceito base de “comunidade virtual” que as estabelece como redes sociais interpessoais, majoritariamente através de laços fracos, diversificadíssimas e especializadíssimas, também capazes de gerar reciprocidade e apoio por intermédio da dinâmica da interação sustentada. E mais, elas transcendem a distância, a baixo custo, geralmente são assíncronas, combinam a rápida disseminação da comunicação de massa com a penetração da comunicação pessoal, e permitem afiliações múltiplas em comunidades parciais.

Por essas e outras especificidades de sociabilidade desprendida no tempo e no espaço é que essas comunidades ganham notoriedade, ou seja, não fossem os aparatos tecnológicos que “unem” os distantes num mesmo lugar (ainda que virtual) boa parte do associativismo global e das ações coletivas em rede não seriam possíveis. E mais, como expusemos anteriormente, num mundo com tendências ao individualismo e a fragmentação as comunidades virtuais abrem uma janela de oportunidades para novas formas de associativismo e ação coletiva.

As comunidades virtuais baseiam-se em duas características fundamentais comuns. A primeira refere-se ao valor da comunicação livre, horizontal; a segunda é a formação autônoma de redes, ou seja, é a possibilidade de que qualquer pessoa possa encontrar sua própria destinação na Internet. Caso não encontre é possível criar e divulgar sua própria informação, induzindo assim a formação de uma rede. Assim:

[...] embora extremamente diversa em seu conteúdo, a fonte comunitária da Internet a caracteriza de fato como um meio tecnológico para a comunicação horizontal e uma nova forma de livre expressão. Assenta também as bases para a formação autônoma de redes como um instrumento de organização, ação coletiva e construção de significado (CASTELLS, 2003, p. 49).

É bastante improvável que os *internautas ativos*⁴⁷ (aqueles que acessam a Internet pelo menos uma vez a cada trinta dias) não pertençam a alguma rede específica. Caso haja alguém assim trata-se de uma singularidade de uso da Internet, alguém que tenha poucos propósitos na rede e que a utilize de forma bastante instrumental. Conforme vimos através da pesquisa do IBGE no primeiro capítulo desse trabalho, boa parte dos usuários utilizaram a rede para comunicação com outras pessoas. Ou seja, como há muita comunicação na Internet há uma grande possibilidade de redes e logo comunidades se formarem, portanto, se o internauta minimamente recebe e manda mensagens eletrônicas com frequência já é indício que pode caracterizá-lo como participante de uma rede. E de uma rede de troca constante de mensagens pode surgir uma comunidade virtual, basta que minimamente haja um sentimento de singularidade, pertença e/ou interesse que motive a troca permanente/temporária de mensagens e bens simbólicos entre interagentes.

De acordo com o exercício *netnográfico* empreendido por Cláudia da Silva Pereira (2007), as comunidades virtuais podem apresentar dois tipos diferentes de configuração. O primeiro consiste nas que se formam no modo *offline*, no “mundo real”, e são transportadas para o ambiente virtual; exemplo das comunidades de ex-alunos de uma dada faculdade, de frequentadores de um mesmo clube poliesportivo, dentre outras. Nelas, as possibilidades de

47 Conceito extraído de ECHEGARAY, 2003.

simulação das identidades são mais restritas, já que sua existência só é possível a partir de referências dadas, sejam elas históricas, sociais ou culturais. Em outras palavras, só faz parte dessas comunidades quem detém o conhecimento e quem não deixará de “existir”, como parte delas, ao se desconectar da Internet.

O segundo tipo são as comunidades estritamente virtuais, ou seja, não possuem uma preexistência, coexistência ou pós-existência no modo *offline*. Elas são formadas por indivíduos que compartilham de ideias, crenças e valores comuns que giram em torno de “um” tema. Por exemplo, em sua pesquisa Cláudia Pereira detectou comunidades estritamente virtuais compostas de auto-intituladas “praticantes da anorexia” (*amigas da “ana”*). Eram comunidades onde os participantes, primordialmente adolescentes do sexo feminino, partilhavam e expressavam uma “identidade anoréxica” somente *online*.

Esse exercício *netnográfico* de que falamos, é uma espécie de etnografia em comunidades da Internet. O método netnográfico, segundo Kozinets (1998)⁴⁸, é interpretativo. Nesse ponto, faz referências diretas a Geertz (1989)⁴⁹, chamando a atenção para a necessidade de uma total imersão do pesquisador no campo, ao ponto de ele ser reconhecido como um membro da cultura estudada. Para isso, é necessária uma “descrição densa”, assim como a compreensão da linguagem e dos símbolos dessa cultura, que deverão ser traduzidos através de uma interpretação com grande participação da subjetividade do pesquisador. Por esse motivo, lembra Kozinets, é tão importante a reflexividade na função de observador, além de um *savoir faire* interpretativo, que condiciona a qualidade de todo o trabalho de pesquisa (PEREIRA, 2007, p. 360 e 361).

Por fim, concordamos com a visão de Jean Segata (2008) acerca das comunidades virtuais. Para ele essas se formam, operam e se dissolvem com base em propósitos específicos, por vezes fluidos e variados. A multiplicidade

48 Apud, PEREIRA, 2007.

49 Idem.

de experiências possibilitada pela Internet permite a vivência de vários contextos e interações – muitas vezes contraditórios – e permite o desligamento entre os indivíduos com a mesma facilidade com que os conecta. Vemos assim que, mais do que estática, as comunidades virtuais caracterizam-se pela *transitabilidade e transitoriedade*. Além disso, acrescentamos a essa visão as dinâmicas do individualismo em rede como promotor dessas comunidades de Internet. Em que pesem essas colocações, passemos agora para uma apresentação e breve análise da comunidade virtual Orkut sob a qual, em certa medida, nos concentraremos.

2.5. O ORKUT

O *site* de relacionamentos Orkut, desenvolvido pelo engenheiro da Google *Orkut Büyükkökten*, está *online* desde janeiro de 2004 e não tardou a se tornar uma das maiores redes sociais da Internet. Menos de um mês após sua criação a comunidade reunia cerca de 50 mil pessoas. O crescimento exponencial elevou o número de cadastrados para 1,5 milhão no final de agosto de 2004, dentre os quais 51,82% eram de usuários que se diziam brasileiros ou residentes no Brasil. No mesmo período 54,82% dos usuários estavam na faixa dos 18 aos 25 anos, onde havia 7 brasileiros para cada 2 norte-americanos (BRAMBILLA, 2004, p. 11 e 12). Dados disponibilizados pela Google no fim de 2007 mostraram cerca de 68 milhões de cadastros no Orkut sendo 55,29% de auto declarados brasileiros. Nessa mesma época a cada oito dias 1 milhão de novos usuários ingressavam no Orkut. A par da maioria de brasileiros, é preciso pontuar que muitas pessoas podem possuir mais de um perfil e podem declarar outra nacionalidade que não a brasileira. Contudo, ainda que haja uma margem de erro nos dados eles são suficientes para mostrar a hegemonia tupiniquim.

Na página inicial de seu *site* encontramos a seguinte definição do Orkut:

O orkut é uma comunidade *online* criada para tornar a sua vida social e a de seus amigos mais ativa e estimulante. A rede social do Orkut pode ajudá-lo a manter contato com seus amigos atuais por

meio de fotos e mensagens, e a conhecer mais pessoas. Com o orkut é fácil conhecer pessoas que tenham os mesmos hobbies e interesses que você, que estejam procurando um relacionamento afetivo ou contatos profissionais. Você também pode criar comunidades *online* ou participar de várias delas para discutir eventos atuais, reencontrar antigos amigos da escola ou até mesmo trocar receitas favoritas. Você decide com quem quer interagir. Antes de conhecer uma pessoa no orkut, você pode ler seu perfil e ver como ela está conectada a você através da rede de amigos. Para ingressar no orkut, acesse a sua Conta do Google e comece a criar seu perfil imediatamente. Se você ainda não tiver uma Conta do Google, nós o ajudaremos a criá-la em alguns minutos. Nossa missão é ajudá-lo a criar uma rede de amigos mais íntimos e chegados. Esperamos que em breve você esteja curtindo mais a sua vida social. Divirta-se (=

Segundo nossa interpretação o Orkut é um *site* de relacionamentos interpessoais que permite a construção de um perfil virtual – ao estilo de uma planilha com fotos e informações do seu dono – que habitará um “lugar virtual” e poderá estar conectado a outros perfis de outras pessoas sob a lógica da rede. É como se nós todos tivéssemos uma ficha, com variados graus de informações pessoais, num grande arquivo público⁵⁰ onde todos podem interagir com todos tanto se referindo aos perfis pessoais quanto às comunidades formadas pelos integrantes. O *website* coloca em potencial a ideia de que qualquer um que nele esteja possa contatar e interagir com todos os demais e quando se encontra alguém que se deseja adicionar à rede pessoal, ele passa a ser um “amigo” e o *link* de seu perfil passa a constar no mural pessoal de amigos. Ainda que haja variações quanto ao nível dessa relação, desde “desconhecido” a “melhor amigo”, os “adicionados” são denominados genericamente pelos usuários como “amigos”.

Apesar de não ter sido criado no Brasil o Orkut atualmente faz mais sucesso nesse país do que em qualquer outro. Segundo dados atuais da Google⁵¹ (2008), 53% dos usuários são brasileiros; a comunidade com maior número de integrantes é brasileira (“*Eu amo a minha Mãe!*” possui quase quatro milhões de integrantes); o idioma mais comum das comunidades é o português, com mais de 10 vezes a quantidade de comunidades do segundo idioma mais

50 Apesar de ser um sistema privado, pois pertence a Google, é “público” para quem está no sistema, ou seja, as informações sobre cada um estão disponíveis, em variados graus de exposição, para todos os demais.

51 Dados disponíveis em: <www.orkut.com>. Acessado em: 23 de agosto de 2008.

comum, o inglês. Outro dado é a predominância de jovens (na faixa de 18 a 25 anos) com 61,49% das contas de usuários. O interesse mais comum relatado pelos usuários é em “amigos”, contando com 64,17% das respostas. Assim temos uma figura tipificada predominante do(a) *jovem brasileiro(a) interessado(a) em amigos*. Além disso, devido ao sucesso do *site*, muitos candidatos políticos, empresas e demais instituições estão aderindo ao Orkut como ferramenta de *marketing* e divulgação. Segundo veiculado na enciclopédia livre, Wikipédia⁵², o fenômeno de popularidade do Orkut no Brasil tem provocado muitos percalços judiciais para a Google, sobretudo em virtude de problemas provocados entre usuários (cibercrimes, calúnia, perseguição, dentre outros), que a empresa cogitou o fechamento do serviço no Brasil.

É relevante notarmos que a faixa etária entre 18 e 25 anos contabiliza também os “menores de idade”. Mesmo não sendo permitido pela Google a posse de perfis de Orkut por pessoas dessa idade, estes já estão aderindo à “moda do Orkut” e não é difícil encontrá-los participando de comunidades (muitas vezes criadas pelos próprios) e interagindo “abertamente” com os demais usuários. O Google também proíbe que uma mesma pessoa tenha mais de um perfil. Contudo, essas e outras proibições da empresa não são cumpridas; basta uma navegada mais aprofundada no Orkut para se constatar isso. Além disso, de acordo com os dados da *Symantec* (2008), 67% dos adolescentes pesquisados (referente aos 12 países incluídos no projeto), com idades entre 13 e 17 anos afirmaram que visitam *sites* de relacionamento constantemente ou frequentemente. Portanto, a presença de crianças e adolescentes nesses espaços é certa.

A sociabilidade que corre no Orkut é feita através de *recados (scraps)*, *mensagens*, *depoimentos* e por meio das *comunidades*. Todas elas se baseiam quase que exclusivamente na sociabilidade *atemporal não-física*. Os recados podem ser textos, fotos, vídeos e animações enviadas ao perfil do outro, mais especificamente para o campo dos recados deste e lá se tornam públicos. As mensagens funcionam como um *e-mail* interno do Orkut. Os depoimentos são

52 Obtido em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Orkut>, no dia 28 de maio de 2008.

textos enviados de perfil para perfil, carecem de aceitação do destinatário para que fiquem publicizados no perfil deste. Enquanto o destinatário não confirma o recebimento, o depoimento não se torna público. Assim, é comum encontrarmos usuários utilizando depoimentos para trocarem mensagens sigilosas.

Cada pessoa que está no sistema do Orkut pode criar comunidades e participar das que já existem. Na comunidade cada participante pode criar tópicos nos fóruns de debate, participar das discussões que por ventura ocorram ali, podem também elaborar enquetes assim como votar nelas e podem também anunciar eventos. Elas possuem dois espaços básicos importantes: os fóruns e as enquetes. Os fóruns são uma série de tópicos com temáticas variadas onde os integrantes da comunidade podem postar textos, emitir opiniões, brincar⁵³, brigar, comercializar produtos e serviços, publicizar arte, disponibilizar conteúdos⁵⁴ ou simplesmente debater. As enquetes trazem uma pergunta e algumas possibilidades de resposta, e, além disso, divulgam os resultados parciais e finais das votações; além disso, permitem aos votantes deixarem comentários. Diferentemente do jornalismo tradicional, caracterizado por uma desigualdade estrutural no tocante ao status de jornalistas (emissores, produtores e difusores ativos da informação) e dos seus leitores (receptores, consumidores passivos da informação), a lógica da veiculação de mensagens nas comunidades é colaborativa, de modo que todos os usuários podem se alterar nos papéis de veiculadores e consumidores dessas mensagens (ALBUQUERQUE, 2007).

Retomando o conceito base de “comunidade virtual” temos no Orkut uma boa visualização empírica dele. Esse *site* é uma *rede interpessoal*, majoritariamente composta de *laços fracos*, *diversificadíssima* e *especializadíssima*, capaz de gerar *interação* e *reciprocidade*, capaz de transcender o *tempo* e a *distância*, de combinar a *comunicação de massa* com a *comunicação interpessoal* e

53 As brincadeiras são muito comuns nas comunidades, basicamente elas são atividades e/ou tarefas que as pessoas devem fazer assim que lerem o que escreveram os participantes anteriores. Ex: “jogo do beijo: veja a foto da pessoa acima e diga se a beijaria na boca ou na bochecha!”.

54 Produtos e serviços de informação, dados, textos, imagens, sons, software entre outros.

permitir *afiliações múltiplas em comunidades parciais*. Em outras palavras, o Orkut é uma grande comunidade virtual de pessoas em rede agrupadas difusamente em milhares de outras comunidades e redes menores.

O Orkut pode também ser entendido como uma *esfera pública virtual*. O conceito esfera pública virtual é entendido aqui a partir da noção de *esfera pública de conversação*. Marques defende a compreensão da noção de esfera pública virtual enquanto espaço preferencialmente propício à realização do que se chama de *conversação civil*. Mesmo esta ocorrendo em situações cotidianas, sem a marca da formalidade, sendo pouco organizada e sem temática pré-estabelecida, ainda sim podemos propor a existência de espaços de debates não-deliberativos que conformam conversações civis (MARQUES, 2006, p. 166 à 170).

Apesar de o Orkut funcionar basicamente pela sociabilidade *atemporal não-física*, encontramos sequências de recados em perfis de duas ou mais pessoas que evidenciam que estes estejam batendo papo e por isso utilizando da sociabilidade *presencial não-física*. Isso é possível uma vez em que o sistema avisa quando um amigo (pessoa adicionada no seu perfil) está *online*, ou seja, está no mesmo momento que o seu navegando pelo Orkut. O sistema também avisa, instantaneamente, quando alguém lhe mandou um recado. Assim a conversa se dá por sucessivos recados trocados entre os interagentes. Inclusive, encontramos comunidades do tipo “*Faço do Orkut um MSN*”, ou seja, comunidades de pessoas que através de recados sucessivos batem papo praticamente em tempo real, como se estivessem em um *chat*.

Digitando juntamente as palavras “bate papo” e “Orkut” na ferramenta de busca das comunidades encontramos cerca de 130 resultados referentes a essa prática, ou seja, há mais de uma centena de comunidades de pessoas que interagem pela sociabilidade *presencial não-física* no Orkut. Há comunidades virando salas virtuais de bate papo. Assim, temos que acrescer à visão de Dornelles (2004), onde o Orkut funciona basicamente pela terceira forma de sociabilidade, a ideia do funcionamento também pela segunda forma.

Atualmente a Google disponibiliza através de uma ferramenta específica a possibilidade do bate papo instantâneo.

A título de exemplo, as comunidades dos perfis *fakes*⁵⁵ se destacam no tocante à sociabilidade *presencial não-física*. Nelas os *fakes* criam e simulam situações análogas as da vida *offline*, mas onde a representação de papéis e a manipulação das identidades são a tônica. Ou seja, as dinâmicas que lá ocorrem são delineadas pela *possibilidade de (auto)construção*. Encontramos na comunidade “*balada fake*”⁵⁶ (136.128 mil participantes) num tópico de discussão com mais de 3 milhões de postagens, a prática do bate papo (sociabilidade *presencial não-física*) entre pessoas que manipulavam personagens ou mesmo moldavam sua própria identidade em cenas construídas coletivamente de forma argumentativa.

Dentro deste tópico fui atualizando o navegador de internet repetidas vezes e vi como as pessoas postavam recados simultâneos, referindo-se aos anteriores, em conversas prolongadas. No caso, o tópico correspondia a uma festa imaginária onde os *fakes* argumentavam em cada postagem o que estavam fazendo, o que estavam conversando e com quem estavam na festa. Acompanhem o recorte:

14:52 (1 minuto atrás)

♥byanca ♥ (AGENTE)

.RUFFLES (INTERLOCUTOR)

'rindo

eu tb sou nao sou uma

grande dançarina

'ti puxa pela as maos

'poi tua mao na minha cintura

'rebolando

me acompanha

'ti olhando

55 O fake seria um perfil que, em virtude da disponibilização aleatória de caracteres visuais e descritivos em uma planilha *online*, a priori não poderia ser atribuído à pessoa que o controla/possui. Ou seja, as características do perfil não nos permitiriam visualizar/identificar a pessoa que está por trás daquele perfil de Orkut.

56 Consultada em 28 de maio de 2008.

'fazendo biquinho

 14:53 (1 minuto atrás)
 .RUFFLES (AGENTE)
Dociuho .de (INTERLOCUTOR)
te olhando ;~'

 14:53 (0 minutos atrás)
Дociнho .de (AGENTE)
.RUFFLES (INTERLOCUTOR)
mas perto
**beijo vc*

 14:54 (0 minutos atrás)
 .RUFFLES (AGENTE)
♥byanca ♥ (INTERLOCUTOR)
.olhando vc
AUHSUAHSU'. dançando /

Reparem que a pessoa que posta o recado (o agente) se refere à outra pessoa (o interlocutor) para dizer o que está fazendo e como está fazendo dentro da situação imaginária construída coletivamente. Observem que o tempo entre as mensagens é bastante curto. Entre essas três pessoas havia outras tantas conversando também. A primeira impressão é que ninguém está se entendendo, o visual é aparentemente caótico, mas recortando os fragmentos vê-se a conversa se desenvolvendo com certa coerência.

Com relação ao perfil de um *orkutiano*⁵⁷, uma esfera engendradora de sociabilidade é o álbum de fotos de cada um. Nesse espaço é possível postar uma infinidade de fotos⁵⁸ bem como dar-lhes títulos. Atualmente além de o sistema lhe avisar quando seus amigos atualizam as fotos deles, é permitido que se comentem as fotos das pessoas e assim, quem por ventura ali passar pode de certo modo interagir com o dono. Vale notar que outras atualizações no perfil dos amigos também são avisadas pelo sistema e é possível selecionar

57 Nome designado pelos próprios integrantes para as pessoas que estão no Orkut.

58 O sistema permite 100 mil fotos em cada perfil de Orkut. Fonte: www.orkut.com, acesso em 28 de maio de 2008.

de quais amigos ou grupos de amigos queremos receber a notícia da atualização.

No perfil é possível visualizar, caso esteja desbloqueada tal função, as pessoas que por ali passaram. E o interessante é que muitas vezes as pessoas não escrevem nada para a outra, e essa passagem em branco pode deixar uma lacuna de curiosidade que poderá ser a deflagradora de uma interação mais dialógica. Sob esse ponto Jonatas Dornelles afirma que “[...] se o encontro social no modo offline necessita de um evento, no Orkut (online) esse encontro se estabelece pelo desejo da interação e pela seleção de uma pessoa dentro de uma rede [...]” (DORNELLES, 2004, p. 09).

Contudo, essa passagem em branco do outro pelo seu perfil pode, a meu ver, ser encarada como um evento deflagrador da sociabilidade; seria a razão para o encontro social: *“Vou procurar saber o que ele/ela veio fazer aqui no meu perfil...”*. Se na rua interagimos com as pessoas em virtude dos eventos – caso de desconhecidos que conversam no ponto de ônibus sobre a demora deste – no Orkut mandamos um recado quando alguém desconhecido passa pelo nosso perfil ou mesmo apenas retribuímos a visita procurando saber quem era e porque nos visitou primeiro. Às vezes descobrimos amigos de amigos que ao verem nossos recados e fotos no perfil daquele, nos visitam para saber quem somos ou para ver nossas atualizações (fotos novas, vídeos, depoimentos recentes, etc.). Às vezes também encontramos pessoas, desconhecidas ou não, que visitam nosso perfil por terem nos visto participando em alguma comunidade. Assim, ambos os casos denotam a existência de um evento deflagrador da interação, ou seja, em nosso percurso virtual acabamos “esbarrando” em pessoas, seja atraído pela foto, nome ou comentário em alguma comunidade.

Vale destacar que o Orkut têm se constituído enquanto sistema para incentivar o aumento dos contatos entre as pessoas, ainda que por meio de laços fracos. Ele funciona como uma secretária eletrônica aperfeiçoada (*“amigo, passei no seu Orkut pra te avisar que o futebol amanhã será às dez horas”*). Induz-lhe curiosidade ao avisar quem passou pelo seu perfil (o que pode deflagrar o

contato); de modo análogo é como se você sempre ficasse sabendo quando alguém reparou em você na rua.

Nos recados deixados bem como nos tópicos⁵⁹ postados constam o dia, a hora e a foto do comunicante (com *link* para o perfil). Estar no Orkut é sempre estar disponível para a sociabilidade, quem está nele nunca está ocupado para receber uma mensagem, um convite ou uma foto pois seu perfil – sua *persona orkutiana*⁶⁰ – está sempre disponibilizada *online* ainda que você não esteja conectado à Internet. Em outros termos, está sempre “ali” virtualmente pronto para a interação. Nesse caso, se o dono do perfil bloquear a ferramenta que lhe avisa quem passou pelo seu perfil, automaticamente ele quando passar pelo perfil de outras pessoas também não aparecerá como visitante. O mesmo ocorre em outras opções de privacidade do sistema. Quando a pessoa bloqueia o próprio perfil para que os demais ou “não-amigos” não “futuquem” a vida alheia, ela também fica restrita. Esse “eu te vejo e você não sabe” e “você me vê e eu não sei” pode interferir nessa dinâmica da interação pela curiosidade sobre os visitantes recentes. Creio que, se fosse possível, muitas pessoas gostariam de bisbilhotar o perfil alheio sem se deixarem vasculhar pelos demais; talvez esse seja o motivo de muitas pessoas criarem um perfil *fake*.

Sempre estar “ali” – no Orkut – pronto para a interação, não significa mecanicamente uma vida social virtual intensa, isso dependerá muito mais do quão a *persona de carne e osso* se dedica à sua *persona orkutiana* e do quanto ela participa da vida social no Orkut (responde e envia recados, comenta fotos dos outros, visita perfis de outras pessoas, incrementa seu perfil, ou participa dos fóruns de suas comunidades). Há no Orkut muitas pessoas com poucos amigos, poucas comunidades e/ou com pouco tempo destinado à ativação da vida social virtual. A “prontidão eterna” para a sociabilidade dos *orkutianos* quando levada ao limite coloca situações deste tipo: segundo relatado por

59 Quando a opção de postar tópicos anônimos nas comunidades não foi proibida pelo dono da mesma, é possível interagir anonimamente.

60 Conceito extraído de ALBUQUERQUE, 2007.

Albuquerque, é possível existir no Orkut e ocupar um lugar social ali, mesmo após a morte física do dono do perfil.

Conviver com pessoas mortas é uma experiência perturbadora, mas certamente não excepcional para aqueles que frequentam o Orkut. Esta é uma consequência não prevista da particular forma de corporeidade que caracteriza a experiência orkutiana [...]. Dado que o perfil do usuário permanece ativo mesmo quando este está *offline*, é bastante provável que a persona orkutiana sobreviva ao usuário, pelo menos naqueles casos em que este leva a sua senha para o túmulo. Em inúmeros aspectos, os mortos orkutianos se parecem muito com os vivos. Suas fotografias frequentemente apresentam pessoas cheias de vida, flagradas em festas, viagens e na companhia de amigos. Os seus perfis e comunidades indicam uma vida psicológica rica e diversificada: um gosto e uma sensibilidade próprios, sonhos, frustrações e planos para o futuro. As listas de amigos, recados e testemunhais dão ao morto um lugar nas relações sociais (ALBUQUERQUE, 2007, p. 05).

Em relação ao *ponto ótimo* de utilização da internet, através do qual o usuário não sofre com a perda de envolvimento social no dia-a-dia (*offline*), vemos que estando a pessoa no Orkut ou MSN (ou mesmo em outros ambientes virtuais interativos) a crucificação da vida social *offline* não pode ser definida *a priori*. Devido ao fato de a Internet ser também um local da sociabilidade e mais precisamente o Orkut ser um local onde esse fenômeno é levado ao extremo, a coisa vai depender do quanto a pessoa se predispõe *online* à sociabilidade e do quão essa modalidade possibilita a *offline*. Posso passar todo um dia me relacionando com amigos familiares e demais pessoas ainda que pela Internet. Além disso posso conhecer novas pessoas no Orkut e encontrar com elas posteriormente em situações face a face. Assim, estabelecer uma relação direta entre uso da Internet e perda de envolvimento social (o *ponto ótimo*), assim como fez Nie e Erdring⁶¹ (2000), não pode merecer nosso crédito se for tomada como padrão generalizado. É preciso investigar a navegação do usuário bem como o contexto (*online* e *offline*) em que ele se insere.

Por exemplo, temos encontrado em Quissamã usuários de Internet que acessam a rede todos os dias durante várias horas para fazer uso, dentre outras coisas, do Orkut e do MSN. Logo, são “usuários pesados” da grande rede que não sacrificaram suas sociabilidades. E mais, a grande maioria dos

61 Apud, CASTELLS, 2003, p. 103.

entrevistados usa a Internet primordialmente para Orkut e MSN e só depois para trabalhos escolares e demais atividades. A virtualidade não descredencia o envolvimento social. Um outro exemplo pode ser obtido em escala global, onde 70% dos adultos destacam que a Internet melhorou seus relacionamentos, contam com uma média de 41 amigos *online* e 49% afirmam ter uma página em um *site* de rede social. Esta tendência é ainda mais forte no Brasil, em que 82% dos brasileiros adultos afirmam que a Internet melhorou seus relacionamentos – acima da média mundial, mas atrás da Índia (90%) e China (87%) (SYMANTEC, 2008). Portanto, passar muito tempo na Internet não significa automaticamente perda de envolvimento social.

Com o Orkut também ocorre o que André Lemos designa como *publicização do privado e privatização do público* (LEMOS, 2007, p. 120). Ou seja, o espaço privado se imbrica no espaço público (Orkut) e vice-versa. Isso se dá, muitas vezes, por ação deliberada dos orkutianos. Isso ocorre quando alguém disponibiliza informações e conteúdos pessoais no ciberespaço. Nesse sentido, ocorre é que mesmo se você optar por não se expor demais no Orkut, você pode acabar sendo exposto por terceiros. Amigos e parentes podem colocar fotos em que você aparece, podem relatar acontecimentos em que você estava, criar comunidades sobre você bem como te expor de outras formas utilizando ou não da verdade.

Além disso, há casos em que pessoas têm sido difamadas por terceiros e têm visto suas vidas serem expostas no ciberespaço, o que tem rendido processos judiciais⁶². A fofoca virtual no Orkut, independente se for caluniosa ou não, nos coloca potencialmente expostos aos olhos de milhares de pessoas, faz com que nossas vidas sejam um “livro aberto” no ciberespaço. Isso gera desdobramentos para a vida *offline*, por exemplo, há empresas que “investigam” o Orkut de candidatos às vagas de emprego.

Encontramos num artigo de Diogo Lyra a respeito do Orkut, publicado na revista *Ciência Hoje*, um trecho onde ele expõe sua perspectiva da

62 Ver: Mulher xingada pela internet ganha 5 mil. A Tribuna, Vitória, p.10, 14 de maio de 2008.

sociabilidade comumente encontrada nesse ambiente que, para ele, pode ser representado como uma cidade e os usuários como cidadãos:

Embora haja um predomínio de usuários brasileiros no Orkut, é impossível ignorar que essa cidade virtual está estruturada a partir de uma concepção americanizada de vida urbana. Já nas primeiras linhas do texto de apresentação do portal, “Quem somos”, observa-se esse ponto de vista. A administração do Orkut revela a dinâmica da plataforma: “Você decide com quem interagir; é fácil encontrar pessoas que curtem os mesmos interesses que você; basta um clique para a plena liberdade de associar-se a uma das comunidades orkutianas”. Tem-se, em outras palavras, um controle social difuso, perfeitamente adaptado aos padrões da vida associativa norte-americana, em que os pontos de encontro das cidades foram trocados pela interatividade rápida e consumista propiciada pelos shopping centers (LYRA, 2006, p. 35).

Essa dinâmica “americanizada de ser” que o autor coloca é, a nosso ver, a mesma que trabalhamos nos tópicos acima deste trabalho quando debatemos a questão da modernidade, do individualismo e o seu modo em rede; ou seja, é a mesma sociabilidade dada pela agregação de interesses, escolhas, identidades, gostos e preferências no ciberespaço entre indivíduos por vezes livres, fragmentados, desenraizados e compelidos a escolher. Entretanto, não tão diferentemente do autor, vemos no Orkut um espaço onde dinâmicas distintas dessa “americanizada/individualista de ser” possam ocorrer. Até porque, entendemos que essa dinâmica é de certa forma incompatível com diversos contextos encontrados no Brasil. Nesse sentido, a seguir, quando formos abordar o comunitarismo virtual em Quissamã, veremos que há ali uma espécie de dinâmica “quissamanizada/comunitária de ser”.

Face aos diversos caminhos que o debate seguiu bem como outros tantos que poderia ter seguido, temos que um ponto chave quando se fala não somente do Orkut como de outras ferramentas disponíveis na Internet: é a cautela quanto aos prognósticos e às análises pretensamente “totalizantes”. Pelo fato de o Orkut ser um sistema em constante evolução de possibilidades e tecnologias assim como pelo fato de os usuários (re)ordenarem e (re)significarem os sistemas disponíveis neste compondo novos significados a partir da relação com outras mídias, ele segue o mesmo padrão da Internet, a

virtualidade do real, e por isso devemos ter muito cuidado. A virtualidade do real é para Castells:

[...] um sistema em que a própria realidade (ou seja, a experiência simbólica/material das pessoas) é inteiramente captada, totalmente imersa em uma composição de imagens virtuais no mundo do faz-de-conta, no qual as aparências não apenas se encontram na tela comunicadora da experiência, mas se transformam na experiência (CASTELLS, 2007, p. 459).

Em outras palavras, a separação daquilo que seria o *real* do *virtual*, compromete-se no bojo das experiências humanas. Isso pois mesmo a “vida” que se leva nos *chat's* e *MUD's* com a representação de papéis e a vivência em mundos imaginários é tratada como real pois compõe a vida cotidiana dos indivíduos através das interações e dialoga com as esferas da vida tidas como reais. Em certa medida é como dizer que o *on* e o *offline* se coadunam no entendimento do “mundo real”. Portanto não se deve tratar como realidade virtual o que se passa na Internet, mas sim de virtualidade do real, pois mesmo estando naquela, é feito por humanos e logo é pertencente ao mundo real composto por esses. O mundo real daí resultante é um só, como dissemos, coadunado pelo *on* e pelo *off*. Portanto, a par das idéias que tratam o Orkut como besteira, distração, brincadeira, fantasia, ou fingimento, é preciso pontuar que trata-se da vida real ali.

Retornando ao tema da sociabilidade no Orkut, hoje a tendência pode ser pela forma *atemporal não-física*, amanhã em face à percepção de uma demanda por *chat's* dentro do Orkut, o sistema pode disponibilizar a tecnologia e nós precisaremos rever certos posicionamentos quanto às feições da sociabilidade que virá a se constituir. Além disso, novos usuários adentram nesse ambiente todos os dias, carregando para dentro desse uma gama infindável de traços e marcas culturais que tornam o lugar mutável e complexo. Sendo assim, novos meios e novos usos desses meios podem gerar resultados diferenciados, logo novas interpretações podem surgir. A título de exemplo temos visto a presença de marketing empresarial no Orkut, a presença do compartilhamento de arquivos (mp3, vídeos e filmes) e conteúdos entre usuários bem como outras práticas e comportamentos.

Após essa apresentação e breve análise do Orkut bem como dos seus mecanismos e práticas sociais relacionadas, passaremos adiante para a discussão dos resultados da pesquisa sobre sociabilidade virtual dos adolescentes de Quissamã no Orkut. Nos debates que se seguirão pretendo responder às perguntas que ficaram no caminho (propositadamente), dar coesão ao trabalho com a junção dos debates feitos anteriormente bem como discutir nossa pesquisa no que tange especificamente à sociabilidade virtual, propondo e definindo o conceito de *comunitarismo virtual*.

Posto o debate desenvolvido ao longo desse capítulo, de forma resumida temos que nosso objetivo aqui foi demonstrar que o individualismo enquanto fenômeno da modernidade tem se reconfigurado na sociedade e, face às transformações tecnológicas na informática (sobretudo face à difusão global da Internet) tem assumido características que Castells (2003 e 2007) retoma e estrutura a partir da noção de individualismo em rede. Este por sua vez, compõe transformações na sociabilidade humana que favorecem e impelem o surgimento de comunidades virtuais: agregação de interesses, identidades e gostos fragmentados entre pessoas não-necessariamente próximas onde os mecanismos de desencaixe da modernidade influem nas sociabilidades que se dão na Internet. Entretanto, encontramos tradicionalismos na Internet que o individualismo em rede não dá conta enquanto paradigma explicativo. Esses tradicionalismos expressam-se em formas de sociabilidades comunitárias, familísticas e territoriais pautadas não em redes e em escolhas e interesses, mas sim em lugares e vivência comunitária local.

No capítulo que se segue passaremos para o nosso estudo de caso onde as comunidades virtuais provêm das relações comunitárias *offline*. Nesse mesmo capítulo exploraremos a sociabilidade dos jovens quissamenses no Orkut e discutiremos as formas ali encontradas com o esforço teórico feito nesse capítulo. A proposta é discutir uma forma de sociabilidade que não condiz com o paradigma da sociabilidade virtual, o individualismo em rede. Além disso, será preciso avançar sobre as causas e razões dessa conjuntura apercebida em Quissamã.

CAPÍTULO III

3. DISCUTINDO A SOCIABILIDADE VIRTUAL

Como dissemos, em nossa pesquisa em Quissamã temos visto a existência de um padrão social diferenciado no qual o potencial das redes virtuais de relacionamento na Internet (precisamente o Orkut) estava servindo como suporte para as dinâmicas sociais comunitárias dos adolescentes e jovens usuários das salas públicas de acesso gratuito à Internet. Ou seja, estes estão utilizando a mesma rede que Castells (2003) crê que as pessoas usam para formar as comunidades virtuais sob o auspício do individualismo em rede; para interagirem apenas com pessoas do contexto local que foram conhecidas em sua grande maioria *a priori*, fora da Internet; ou seja, estão formando comunidades virtuais advindas das relações comunitárias *offline*. Essa forma a qual denominamos *comunitarismo virtual* se diferencia da costumeiramente debatida e, nesse momento, lançaremos as bases para o entendimento dessa distinção.

Segundo José de Souza Martins (2000), em vista da perspectiva da modernidade brasileira, mesmo as grandes cidades do Brasil estão cheias de sinais das anomalias da modernidade. Em um estudo sobre os sonhos de moradores de São Paulo, o autor encontrou traços vivos de referências estruturais comunitárias na base da consciência dos membros daquela sociedade, traços esses sobreviventes de um processo de modernização inconcluso, imperfeito e em transição para o mundo racional e moderno:

O *mundo do sonho* é clara e estruturalmente, no caso da população estudada, o mundo da tradição e das relações sociais tradicionais, por oposição à ideia de mundo racional e moderno. É um mundo que tem como referência o familístico e comunitário e a afetividade neles embutida (MARTINS, 2000, p. 74 e 75).

Logo, se essas grandes cidades que há tempos passam por processos de modernização e desenvolvimento apresentam determinadas características híbridas, sobretudo remanescendo nos sonhos dos indivíduos, as pequenas cidades do interior e regiões rurais, nas quais os processos da modernidade se

dão de forma mais lenta e menos intensa, ainda apresentariam tradicionalismos, traços culturais e práticas “arcaicas” não tão impactadas por aquela bem como pela globalização recente. No limite, é como se o que o paulistano “vislumbrasse” em seu sonho, o morador do subúrbio, do interior e da zona rural, vivesse em seu cotidiano. Acreditamos ser este o caso não somente de Quissamã, como também de outras regiões interioranas, rurais e suburbanas do Brasil.

O subúrbio designaria o território que no contorno da cidade tem uma relação íntima e cotidiana com ela, embora ali estejam os bairros rurais, sendo esses os lugares de moradia das populações rurais, dos descendentes de índios, dos mestiços, dos migrantes e imigrantes, conformando, como afirma José de Souza Martins, o *cinturão caipira*. A sociabilidade que ali se desenvolve é assim entendida pelo autor:

[...] o subúrbio, por essa sociabilidade produzida no isolamento relativo, nas dificuldades materiais de comunicação do passado, acabou por constituir um estilo de vida particular, marcado por uma peculiar mentalidade suburbana. O imaginário do subúrbio ainda hoje é um imaginário familístico e rural. Mais do que mudar, o subúrbio permaneceu (MARTINS, 2000, p. 140).

Dessa forma, a teoria do individualismo em rede enquanto paradigma das sociabilidades modernas, tanto *on* quanto *offline*, carece de ressalvas e ou mesmo revisões quando se trata de contextos sociais diversificados, até porque, como vimos, a modernidade no Brasil se apresenta de modo até certo ponto diferenciado do que em seu berço (Europa), face às características da formação social brasileira. O ponto base de nosso trabalho nesse sentido é mostrar e debater a permanência do *lugar* em coexistência com a *rede* enquanto fator delimitador da sociabilidade encontrada na Internet.

Encontramos interpretações do Brasil que não enxergam predominando em nossa realidade atual uma consciência social moderna e impessoal (DAMATTA, 1997). Entende-se que a *pessoa* continua no centro das relações sociais, não o *indivíduo* e a trama de relações contratuais de que ele é parte (MARTINS, 2000, p. 53). Quanto à *pessoa*, a construção da individualidade

estaria inserida em totalidades mais amplas de parentesco, religiosidade, moralidade, identidade e territorialidade. O *indivíduo*, mais precisamente o individualismo, representaria uma espécie de culto ideológico das sociedades modernas (FRÚGOLI JR., 2007, p. 53). Portanto, nesses termos, de forma tipificada podemos dizer que o *indivíduo* é o da dinâmica do individualismo em rede e a *pessoa* é a do comunitarismo.

Em que pesem as relativizações, críticas e ratificações acerca dessa predominância da pessoalidade na realidade social brasileira, nossa proposta aqui não é por em cheque a modernidade brasileira afirmando o imperativo das relações pessoais e nem muito menos negar a existência de traços tradicionais e “anti-modernos” em nossa modernidade. Portanto, esse trabalho objetiva, através de um estudo de caso, propor uma outra possibilidade explicativa para as sociabilidades virtuais que não apenas o individualismo em rede. Essa outra visão, a qual denominamos *comunitarismo virtual*, leva em consideração a modernidade híbrida brasileira e uma diferenciada apropriação social da informática, configurando assim cenários onde as sociabilidades virtuais (*online*) estão estritamente relacionadas às sociabilidades *offline*, oriundas de aspectos comunitários, tradicionalismos, familismos, personalismos, etc. Ao imperativo da escolha do individualismo contrapor-se-ia o “automatismo” e a estabilidade das relações sociais oriundas de contextos comunitários. Logo, a sociabilidade expressa pelo primeiro, o individualismo em rede, contrastaria a sociabilidade dada no *comunitarismo virtual*. Retomaremos mais a frente esse debate, porém, municiado com as análises dos dados de nossa pesquisa empírica.

Por fim, temos que o individualismo em rede bem como as comunidades virtuais são fenômenos que se correlacionam, mas que estão ligados a um tipo de sociedade específica, uma sociedade que é moderna, onde a impessoalidade, o desprendimento e a “liberdade” do indivíduo são a tônica. A Internet seria um palco privilegiado para esse tipo de sociedade estabelecer sua sociabilidade: *por meio de redes e em razão de suas escolhas os indivíduos interagem*. Pois como afirma Castells (2007), a Internet é um excelente meio para o desenvolvimento do individualismo moderno.

Entretanto, entendemos que outras formas de sociabilidade se desenvolvem na Internet e, como espero demonstrar, ligam-se a formas de vida e sociedades específicas. Digo *específicas* não no sentido de “casos a parte” ou “excentricidades em extinção”, mas sim enquanto correspondência às sociedades que apresentam peculiaridades e especificidades culturais, sociais e históricas que, conforme nosso entendimento, expressam-se nas formas como os internautas se comunicam na Internet. Logo, o *comunitarismo virtual* existe enquanto fenômeno social e é fruto de modos de vida característicos resultantes dos descompassos e gradações da modernidade refletida em diferentes lugares, por isso seu estudo é significativo.

Em outros termos, entendemos que a partir de diferenciadas pressões da modernidade e de seus fenômenos, sobretudo em sua radicalização (GIDDENS, 1991), encontraremos formas de sociabilidade específicas referentes aos modos de vida influenciados por aquela. Assim, como a modernidade trás como fenômeno o individualismo, quando falamos da sociabilidade que se dá na Internet temos uma “versão” daquele *em rede*. Entretanto, como já dissemos anteriormente, esse quadro não é totalizante e nem pode ser dado aos desníveis da modernidade nos variados espaços humanos. Assim, os aspectos comunitários e tradicionais encontrados em diversos contextos também se expressam na Internet tornando-a um espaço múltiplo ou como diz Pierre Lévy (2007), *universal e não totalizável*⁶³.

3.1. A SOCIABILIDADE VIRTUAL NO BRASIL E NO MUNDO

Com o propósito de contextualizarmos nossa pesquisa acerca da sociabilidade virtual dos jovens quissamenses, trataremos agora de alguns dados e informações acerca da sociabilidade que se dá na Internet no Brasil e no mundo. Tais dados são provenientes de duas pesquisas, sendo uma brasileira

63 Quanto mais o ciberespaço se amplia com a “entrada” de mais pessoas, mais ele se torna “universal”, e menos o mundo informacional e comunicacional que aquele comporta se torna totalizável (LÉVY, 2007, p. 111).

e outra estrangeira. A pesquisa brasileira, denominada *Internet na Favela* foi feita por Bernardo Sorj e Luis Eduardo Guedes (2005), já a estrangeira foi realizada pela *Symantec* (2008) em sua segunda edição do levantamento anual *Norton Online Living Report*⁶⁴. Apesar de termos encontrado algumas pesquisas sobre usuários de Internet, nós tivemos dificuldades de encontrar estudos e pesquisas realizados acerca da sociabilidade virtual, sobretudo no Brasil. O debate dessa temática, quando encontrado, nunca era o ponto principal das pesquisas. Dessa monta nosso trabalho em diversos momentos assume feição exploratória.

A pesquisa de Sorj e Guedes foi realizada nos setores mais pobres da população urbana, especificamente moradores de favelas do Rio de Janeiro, a partir de uma análise empírica da dinâmica de inclusão/exclusão digital resultante de uma ampla pesquisa quantitativa e qualitativa. Esse autores realizaram 1510 entrevistas em um universo de cerca de um milhão e duzentas mil pessoas, além disso desenvolveram reuniões com oito grupos focais. A pesquisa da *Symantec* foi realizada em 12 países pela *Harris Interactive* entre 13 de outubro e 5 de dezembro de 2008, envolvendo 6.427 adultos com pelo menos 18 anos (incluindo 1.297 pais de crianças entre 8-17 anos de idade) e 2.614 crianças entre 8-17 anos de idade que passam uma ou mais horas *online* por mês. Os dados foram ponderados para refletir a composição da população *online* em cada um dos países pesquisados.

Apesar da divisão etária das pesquisas terem sido um pouco diferente da nossa, acredito que ainda sim alguns desses dados possam contextualizar os nossos. Esse esforço irá nos ajudar na fundamentação de interpretações e análises de nossa pesquisa nos permitindo dialogar acerca da sociabilidade virtual em bases empíricas.

Um dado relevante que nos chama atenção na pesquisa de Sorj e Guedes é o desejo de sociabilidades para fora do local de moradia. Por exemplo, todos os participantes da pesquisa relataram que gostariam de ter contato com

64 Disponível em: http://www.nortononlineliving.com/documents/NOLR_studyreport031609.pdf. Acessado em: 2 de junho de 2009.

comunidades de outros países: "O uso da Internet como instrumento de contato com pessoas de outros países é alto em todas as faixas, particularmente entre os mais jovens" (SORJ e GUEDES, 2005, p. 115).

A maioria gostaria de conhecer algo sobre a cultura, os costumes e as crenças de outros povos. Acerca disso, alguns dos participantes relataram ter conhecido pessoas pela Internet, com exceção do grupo de mulheres acima de 35 anos.

Um outro exemplo de busca de contatos para além das fronteiras locais é o caso dos entrevistados jovens de até 16 anos. A maioria desses acessa salas de bate-papo. Eles disseram já haver conhecido pessoas com as quais eles conversavam no *chat*, por *e-mails* ou telefone. Para os autores, os contatos com novas pessoas através da Internet aumentam na medida em que a idade diminui. Naturalmente, acreditam, os jovens estão mais abertos e disponíveis para novas relações. Como veremos, essa perspectiva não poderá ser tão generalizável.

Entretanto, de forma até certo ponto contraditória, apesar da detecção dessa disponibilidade no âmbito virtual, nenhum desses jovens pesquisados por Sorj e Guedes demonstrou interesse em conhecer esses desconhecidos internautas pessoalmente. Estaríamos vendo aí uma predileção pelo face a face entre conhecidos próximos? A sociabilidade virtual do jovem das favelas do Rio de Janeiro marcar-se-ia pela aproximação porém com descompromisso no envolvimento social com desconhecidos da rede? Nesse prisma selecionamos essa passagem do estudo desses autores:

O grupo de jovens de 16 a 22 anos se mostraram preocupados com o uso contínuo da Internet, no qual tudo seria feito a partir do computador, desde pagamento de contas até encontros com amigos e diversão. Para eles, isto levaria a um isolamento, um distanciamento entre as pessoas, pois a Internet é muito impessoal [...] a Internet traz a possibilidade de interação, mas é uma relação fria porque não há um contato pessoal (SORJ e GUEDES, 2005, p. 53).

Portanto, entendemos que apesar de quererem a sociabilidade virtual com pessoas de fora na Internet, não há o desejo pungente de conhecer essas pessoalmente.

A forma de utilização do *e-mail* na favela é um tanto quanto diversificada e, em certa medida, semelhante a forma dos jovens de Quissamã. Na favela, entre os jovens do grupo de até 16 anos o uso do *email* é basicamente voltado para diversão e a lista é constituída, em geral, de amigos. No grupo de 16 a 22 anos a verificação do e-mail é baixa, ou seja, eles pouco olham se receberam mensagens bem como pouco as enviam. Além disso, eles têm poucas pessoas na lista de comunicação, que normalmente é constituída por família e amigos. Sorj e Guedes detectaram ainda que entre os usuários de *e-mail*, de um modo geral, em torno da metade indicou que conheceu novas pessoas pela Internet. Ainda entre os usuários de e-mail, a maioria o utiliza para comunicação com parentes e amigos, enquanto que o uso para contato profissional é limitado. Acreditam os autores que essa limitação advém do tipo de ocupação exercido pelo usuário de *e-mail* em favela, bem como por sua sociabilidade, pois grande parte de seu entorno social não tem acesso à Internet ou a essa ferramenta: *“Na medida em que a porcentagem de usuários de Internet na comunidade cai, é natural que o universo de pessoas conhecidas pelo usuário com acesso à Internet também caia”* (SORJ e GUEDES, 2005, p. 96).

Supõe-se então que o grosso do contato por *e-mail* é mesmo feito entre conhecidos e amigos. Além disso, os contatos na Internet para os entrevistados se deram com pessoas do mesmo nível socioeconômico (ligeira maioria) ou de nível mais alto. Entretanto, apesar dos indicativos de uma horizontalidade nas sociabilidades virtuais dos moradores das favelas, não sabemos ao certo se os “amigos/conhecidos” – citados pelos autores como os preferidos no estabelecimento de sociabilidades por parte daqueles – estão inseridos no mesmo espaço físico e social dos entrevistados, ou seja, se são moradores da mesma comunidade, bairro ou localidade.

Vale lembrar que a utilização de redes sociais por parte dos entrevistados de Sorj e Guedes não foi detectada, creio, em virtude do período em que foi

realizada a pesquisa. Apesar da publicação ter sido em 2005, os dados referem-se a 2003. Como uma das primeiras redes sociais a fazer sucesso no Brasil, o Orkut, só foi criado e “colocado no ar” em 2004, a sociabilidade dada na Internet entre os entrevistados só ocorreu através do *e-mail* e dos *chat's*.

Por fim, vemos então como a utilização da Internet para a sociabilidade se apresenta de modo variado nas favelas do Rio de Janeiro. Num olhar preliminar e superficial, vemos que há grupos – podendo ser divididos por faixa etária – que se sociabilizam de forma semelhante ao individualismo em rede, outras que se assemelham sob a forma do comunitarismo. Entretanto, parece mesmo haver a mistura de aspectos dessas formas na prática cotidiana dos usuários, ou seja, eles afirmam dar predileção aos amigos próximos e parentes, por outro lado há o desejo de conhecer pessoas de fora, sobretudo do exterior, e há ainda um não-desejo do encontro presencial com as pessoas conhecidas na Internet. Para uma análise mais aprofundada em tal contexto seria necessário um estudo acerca da formação social das localidades pesquisadas procurando nas formas de sociabilidade correntes ali, indícios para o entendimento das sociabilidades virtuais.

Quanto a pesquisa da *Symantec* (2008) temos alguns dados acerca dos modos de uso da Internet bem como da sociabilidade virtual no contexto brasileiro e global. De acordo com a pesquisa, quanto à vida na esfera virtual, o Brasil segue em linha com as percepções globais do estudo, destacando-se no relacionamento via *Web* com amigos e familiares. Nesse prisma, as crianças brasileiras são as mais abertas a se relacionarem com os pais e demais parentes na esfera virtual: com sete em dez crianças incluindo seus pais em suas listas de amigos, oito em dez em suas listas de contatos de *e-mail*, e seis em dez no seu *site* de rede social. Além disso, as crianças no Brasil socializam mais *online* que aquelas em outros países, com 13 horas/semana.

Em relação ao número de amizades virtuais, os adultos brasileiros lideram o ranking com 66,4, ficando a frente da China (55,5) e Canadá (45,8). Em relação aos jovens e crianças brasileiras, grupo sob o qual se concentra nossa pesquisa, o comportamento quanto a amizade virtual é semelhante ao dos

adultos, possuindo em média 65,3 amigos virtuais, entretanto, perdendo para os norte-americanos (82,5) e suecos (65,3) da mesma faixa etária. No Brasil, em relação às crianças, os adolescentes são mais propensos às amizades virtuais. Enquanto a média global ficou em 55%, cerca de 60% dos adolescentes brasileiros com idade entre 13 e 17 relataram que fizeram amizade com outras pessoas *online*.

Portanto, numa visão geral dos internautas jovens do Brasil, temos que esses são muito dados à sociabilidade virtual, estabelecem relações desse tipo com parentes numa média alta, bem como com desconhecidos também, os ditos "amigos virtuais". Em vista da realidade dos jovens usuários das Quissanetes, a primeira vista a diferença se dá em relação às amizades virtuais, estando os quissamenses pouco abertos a elas. Além das sociabilidades virtuais com parentes, os quissamenses focam também muito nos amigos conhecidos fora da Internet. Já os usuários jovens das favelas do Rio de Janeiro são aqueles que até conhecem novas pessoas na Internet, os ditos amigos virtuais, entretanto são pouco dados a conhecê-los pessoalmente.

3.2. CONSIDERAÇÕES SOBRE A PESQUISA DE CAMPO: ASPECTOS METODOLÓGICOS

Como dissemos anteriormente, essa pesquisa é fruto da curiosidade sociológica em saber o que fazem os utilizadores do sistema público de Internet de uma pequena "cidade de interior" do Brasil. Dessa monta desenvolvemos nossa pesquisa em Quissamã, no estado do Rio de Janeiro.

A observação nas Quissanetes nos trouxe o fato da utilização maciça por parte de jovens e adolescentes da cidade. Publico esse que, no decorrer das conversas e da observação, foi constatado pertencer aos estratos sociais de menor poder econômico. Nesse sentido, em face de encontrarmos algumas dificuldades em se perguntar a renda familiar e mesmo de auferir dados confiáveis numa entrevista em que se pergunta aos filhos qual a renda dos pais, nós procuramos estabelecer uma estratégia diferente. Nessa pesquisa

nós perguntamos a ocupação e a escolaridade dos pais dos jovens para daí inferir a situação sócio-econômica da família e assim, após o empreendimento das análises, poder chamar, com algumas ressalvas, os jovens entrevistados de “jovens pobres”. Além disso, partimos da premissa que a situação escolar e ocupacional familiar é também um indicativo do nível do capital cultural ao qual o jovem entrevistado teve acesso. Portanto, em diversos momentos quando falamos dos “jovens mais pobres utilizadores das Quissanetes” nos referimos a esse perfil aqui desenhado, ou seja, falamos de “filhos de pais com pouca escolaridade e situação ocupacional de baixo status e rendimento”.

Quanto à ocupação principal dos pais desses jovens nós constatamos o seguinte: donas de casa, empregadas domésticas, merendeiras, auxiliar de serviços gerais, desempregados, biscates, pedreiros, caminhoneiros, operários, pescadores, trabalhadores rurais e trabalhadores do pequeno comércio varejista local, dentre outros. Entretanto, apesar desse cenário encontramos também, porém em menor número, filhos de professores, bancários, fazendeiros, comerciantes, graduados, técnicos e trabalhadores do setor petroquímico. Quanto à escolaridade dos pais dos entrevistados temos a seguinte tabela:

Tabela 2:

	Escolaridade dos pais dos entrevistados				
	1 ^a a 4 ^a	5 ^a a 8 ^a	Ens. Médio	Superior	Mestrado
Completo	17	7	20	6	1
Incompleto	17	19	8	4	0
Total	34	26	28	10	1

Como podemos ver a maioria não passa do ensino médio e desses, a maior parte está ou parou nas séries iniciais do ensino. Se somarmos o quantitativo que tem escolaridade inferior a ensino médio concluído, teremos mais que o dobro do restante, ou seja, a pouca escolaridade predomina.

Para as entrevistas em profundidade selecionamos setenta pessoas dentro do público alvo utilizador de Quissanet (1248 cadastrados⁶⁵). Os selecionados, em virtude da primazia jovem nas Quissanetes, deveriam ser correspondentes à faixa etária de 12 à 24 anos, por nós estabelecida com base nos dados estatísticos da PMQ que apontavam um quantitativo maior de usuários pertencentes à esse intervalo. Além das entrevistas gravadas, tivemos diversos momentos de interação com os utilizadores das Quissanetes que também foram substanciais para a análise que desenvolvemos. Das setenta entrevistas tivemos problemas em apenas 4 delas: duas o áudio da gravação ficou comprometido face a debilidade do gravador, uma outra teve de ser anulada pois descobrimos posteriormente que o local de moradia informado não pertencia ao território da cidade de Quissamã e o último anulei pois a idade da entrevistada estava muito além da faixa que estabelecemos. Entretanto, apesar de oficialmente não contarem, essas conversas contribuíram de certo modo.

O foco da pesquisa nos jovens, por assim dizer, foi uma casualidade bem vinda. Tal fato foi considerado, em certo modo, em nossa análise. Pelo fato do pesquisador já ter trabalhado em algumas políticas públicas com o público adolescente e juvenil, portanto tendo aí certa experiência, a entrada nesse universo não foi tão custosa. Fazer o jovem entrevistado falar não foi o mais difícil, o mais difícil foi tentar não fazer com que eles falassem o que eu queria ou esperasse ouvir. Contribuiu também nesse aspecto, o fato do entrevistador ser usuário intenso do Orkut. Tal fato provocou inquietações, relativizações e questionamentos oportunos e constantes em relação aos modos de utilização da Internet e da ferramenta Orkut entre os quissamenses.

Uma questão que foi vital em nossa pesquisa é o, por assim dizer, “fenômeno do gravador desligado”, corrente em pesquisas qualitativas. Trata-se do fato do entrevistado se apegar a um formalismo nas respostas frente ao gravador ligado e, no bate papo marcado pela informalidade no pós-entrevista, ele soltar informações importantíssimas sobre coisas que ele realmente pensa, acredita e

65 Esse número foi-nos fornecido pela Prefeitura Municipal de Quissamã logo no início da pesquisa. Apesar de ele ter crescido ao longo dos trabalhos, o tomamos como base para auferir a amostra por pertencer a um corpo de dados estatísticos oficiais da Prefeitura.

faz. Esse bate papo descontraído nos rendeu bastante material, sobretudo no que concerne à questão do *comunitarismo virtual*. A título de exemplo, alguns jovens declararam nesse momento “pós-gravador” que até tinham pessoas desconhecidas adicionadas em seu Orkut, entretanto, esses não eram de fato amigos e nem alvo de interesse em sociabilidade na prática cotidiana de acessar o Orkut.

A observação participante dentro das Quissanetes também nos rendeu boas reflexões. Uma delas é a alimentação *offline* do *comunitarismo virtual*. O que isso quer dizer? Entendemos que a sociabilidade que ocorre no espaço físico Quissanet se confunde, alimenta e subsidia as sociabilidades que se dão no plano *online*. Ou seja, se faz amizades nesses espaços, se alimenta as que já se tem, assuntos e eventos que ali ocorrem também municiam a sociabilidade que se dará na Internet e, como é o caso da análise, no Orkut. Portanto, essa imbricação das sociabilidades *on* e *offline*, além de se pautar nas dinâmicas de vivência desses jovens na cidade em que moram, encontram terreno fértil para disseminarem com afinco tanto no espaço físico das Quissanetes, quanto no espaço imaterial do Orkut. Esse último, tal como a Quissanet, também é um ponto de encontro da *galera* e também alimenta o *comunitarismo virtual*. Em outras palavras, os laços comunitários existentes entre os jovens quissamenses que, a nosso ver, promovem tal comunitarismo na Internet, também são promovidos dentro do espaço físico da Quissanet através de sociabilidades do tipo *face a face*.

O roteiro semi-estruturado⁶⁶ das entrevistas abordou questões relativas tanto aos modos de utilização da Internet e do Orkut, quanto a dados pessoais do tipo: escolaridade, local de moradia, escolaridade dos pais, posse de computador no domicílio, etc. As análises empreendidas sobre as entrevistas estão em todos os capítulos desse trabalho, mas especificamente aprofundadas nos tópicos 1.4, 1.5 e 3.3. Nos dois primeiros tópicos tratamos mais diretamente do perfil e dos modos de uso da Internet por parte dos entrevistados, já no terceiro cuidamos de analisar a sociabilidade desses na

⁶⁶ Para maiores informações sobre o roteiro, conferir o anexo.

Internet e no Orkut, ponto a partir do qual desenvolvemos a análise do *comunitarismo virtual*.

A pesquisa ocorreu ao longo do ano de 2008 e, como dissemos, se deu, em dado momento, paralelamente às eleições municipais de Quissamã. Os horários das entrevistas compreendiam o horário de funcionamento das Quissanetes, alcançando pois, a manhã e a tarde. Percorremos todas as Quissanetes do município realizando entrevistas, tanto as da área rural quanto da área urbana. As da área rural ficavam próximas ou dentro dos pequenos vilarejos pacatos a alguns quilômetros do centro da cidade. Esses locais quase sempre não estavam cheios de freqüentadores, contrariando assim o panorama observado nas do centro. Os entrevistados eram escolhidos aleatoriamente após o término de sua utilização dos computadores, respeitando-se a igualdade de gênero e a distribuição etária. Em algumas Quissanetes tínhamos uma sala reservada para entrevistarmos com mais privacidade e em outras, face ao barulho e o fluxo intenso de jovens, fomos obrigados a entrevistar na rua ou em pontos comerciais próximos. Apesar disso, não tivemos problemas de terceiros deixarem os entrevistados intimidados a responder.

Por fim, com essa passagem esperamos ter esclarecido o leitor sobre alguns pontos nebulosos quanto a nossa metodologia bem como contextualizar alguns direcionamentos dados ao longo da pesquisa e do desenvolvimento da análise.

3.3. SOCIABILIDADE VIRTUAL ENTRE OS JOVENS QUISSAMENSES: A PRÁTICA DO *COMUNITARISMO VIRTUAL*

Nesse momento passaremos para a discussão dos dados e inferências relativas à nossa pesquisa de campo e debateremos o que está colocado enquanto fenômeno recente e pungente: os jovens quissamenses estão aderindo maciçamente à Internet e, mais precisamente ao Orkut para a sociabilidade. Apesar de anteriormente termos feito uma curta explanação acerca da utilização do MSN como ferramenta da sociabilidade entre os jovens

de Quissamã, nesse momento é que entraremos no cerne do assunto, a *sociabilidade virtual através do Orkut*.

Devido à brevidade da temática enquanto objeto de estudo das ciências sociais, nosso estudo assume feição exploratória e inovadora. Assim, quanto ao nosso público alvo designamos o nome *Orkutianos de Quissamã* para nos referirmos aos praticantes do comunitarismo virtual e assim facilitar o trato com os usuários podendo distingui-los dos demais, pois, como veremos, nem todos os entrevistados poderão ser chamados de *Orkutianos de Quissamã*.

Conforme já dissemos, a maioria esmagadora do público frequentador das Quissanetes da cidade são adolescentes e jovens. Do público selecionado para as entrevistas, encontramos a seguinte proporção em relação à posse de perfil no Orkut: 95,5% possuem um perfil nesse *site*, 3% não possuem e 1,5% já possuiu um. Nesse sentido falaremos da sociabilidade virtual no Orkut referente ao desempenho desses 95,5% de orkutianos.

Encontramos dentre os entrevistados uma ligeira maioria (57,6%) que não adicionam de maneira alguma “pessoas desconhecidas” à sua rede de amigos do Orkut. Uma minoria (37,8%) disse que costuma adicionar “desconhecidos” também. Dentre esses que adicionam estranhos e desconhecidos (conhecidos na Internet) à sua rede de amigos do Orkut, encontramos a seguinte proporção referente à frequência de tal prática: 20% raramente fazem isso, 28% pouco fazem isso, 8% o fazem frequentemente, 8% o fazem muito e 36% não informaram ou não sabiam a frequência e quantidade de tal prática. Dos entrevistados 4,5% declararam não ter Orkut. Logo, podemos deduzir que adicionar pessoas desconhecidas ou conhecidas apenas pela Internet não é uma prática corrente e difundida entre os entrevistados, muito pelo contrário, se somarmos os que pouco e raramente adicionam desconhecidos aos que nunca o fazem, chegamos ao percentual de 75,8% de entrevistados.

Dentre os que possuem Orkut, 58,7% declararam que só conversam e interagem no e pelo *site* com pessoas que já conhecem do dia-a-dia. Já 36,5% responderam que costumam conversar ou interagir também com

desconhecidos e estranhos da Internet através do Orkut e por fim, 4,8% não responderam. Para os que costumam conversar com desconhecidos na Internet, o tempo despendido e a intensidade desses contatos são inferiores aos gastos com os contatos com entes conhecidos do dia-a-dia. Como vemos, para uma ligeira maioria o Orkut não é um lugar de se fazer novas amizades, mas sim de manter e reforçar os contatos com pessoas já conhecidas.

A par desses dados quantitativos, a observação sistemática no campo e as conversas com os usuários, sobretudo em *off* (não gravadas) nos mostram o tamanho e a importância da Internet como mecanismo de comunicação entre entes conhecidos da cidade. Ferramenta que era usada para vivenciar e conviver com os amigos da escola, da vizinhança, do bairro e da cidade, além de parentes. Ainda que houvesse algum contato com pessoas de fora e desconhecidos da Internet, o grosso da sociabilidade virtual desses jovens se dava endogenamente.

Quanto às relações de amizade, a tendência maior é que os entrevistados vejam diferenças entre amizades feitas estritamente no dia-a-dia e amizades feitas estritamente na Internet (Orkut, MSN e *chat's*). Os que veem tal diferença somam 84% dos entrevistados enquanto 16% ficam para os que não veem. As amizades do dia-a-dia são delineadas por atributos típicos da sociabilidade *face a face*. Ou seja, de acordo com os entrevistados, as amizades do dia-a-dia podem promover: confiança, sinceridade, intimidade, afinidade e calor humano devido à convivência e ao contato diário; além disso, podem-se ver as qualidades e defeitos da pessoa bem como estabelecer contato tátil (abraço, beijo, aperto de mão, etc.). As amizades exclusivamente feitas na Internet não redundam em “amizade verdadeira” para a maioria. Em geral, os entrevistados argumentam que não dá para ter confiança no “amigo virtual”, que não dá para conhecê-lo de verdade, que não se pode considerá-lo como um amigo de fato e que a intimidade entre ambos não é tão plausível.

Percebemos que para a maioria dos entrevistados a possibilidade da autoconstrução da *persona orkutiana* provoca dúvidas quanto à veracidade e autenticidade dos usuários do Orkut, pelo menos com relação aos que não são

conhecidos do dia-a-dia. No entanto, alguns deles até mantêm contatos feitos na Internet, mas quase ninguém os considera como amizades comparáveis as do dia-a-dia. Pouquíssimos afirmaram ter “amizades virtuais” e não ver diferenças entre essas e as do modo *offline*. Além disso, a distância geográfica dessas pessoas conhecidas na Internet parece reforçar a “não atração” por esse tipo de amizade exclusivamente virtual. Aí está o ponto, o jovem quissamense não quer ficar no estritamente virtual, ele quer o contato físico e a amizade do tipo face a face que é obtida mais facilmente se relacionando com pessoas da mesma cidade; forma essa que ele já está ambientado. Para eles, ficar só no virtual não basta!

Por circunstâncias da vida moderna, muitas amizades que fazemos no dia-a-dia nós só conseguimos alimentá-las, mantê-las vivas e às vezes prosperá-las, com o auxílio das tecnologias da comunicação: telefone, Internet, celular, etc. Nesse prisma indagamos aos entrevistados que possuem Orkut, como eles lidavam com essas amizades que vão se distanciando geograficamente de nós ao longo da vida. Aproximadamente 87% acreditam que seja possível manter essas amizades utilizando o Orkut bem como outras ferramentas da Internet. Apesar dessa credulidade na manutenção dos laços reais por meio do virtual, a maioria dos que acreditam ser possível a manutenção dessas amizades relataram que as mesmas enfraquecem ao longo do tempo justamente pela falta do contato físico, ou seja, da presença corporal. Uma pequena parcela crê, no entanto, que essas amizades permanecem a mesma coisa, e um quantitativo idêntico a esse crê que as mesmas chegam mesmo a fortalecer. O uso do virtual para manter essas amizades só parece possível uma vez em que elas foram feitas fora da Internet, pois como vimos, se fossem com desconhecidos da rede, o meramente virtual as mitigaria.

Em sua maioria os entrevistados afirmaram que apesar de terem comunidades adicionadas ao seu perfil, não participam dos debates, das enquetes e demais ações coletivas que por ventura ocorram dentro daquelas. Quando questionados sobre a razão da não-participação em comunidades deram as seguintes explicações: não se interessam nisso, não gostam e acham perda de tempo. Os pouquíssimos que afirmaram participar dos debates internos

disseram que não o fazem em todas que possuem, mas somente em algumas muito específicas sobre temas de interesse estrito. Curiosamente, até então, o número de pessoas que declarou participar dos debates internos das comunidades é quase igual ao número de pessoas que não possui comunidade alguma. Assim, vemos que a comunidade se torna uma alegoria para o perfil do usuário – já que ela fica estampada na página inicial desse – importando para isso a foto dela bem como o nome e a descrição e, às vezes, se a comunidade foi criada por algum amigo. Essas alegorias ajudam a delimitar e propagar interesses, gostos e identidades dos entrevistados. Por fim, para esses, as ações de interação pessoal (recados, mensagens e depoimentos) compõem o “grosso” do uso do Orkut.

Em relação à visitação do perfil de Orkut alheio, a maioria (57,2%) disse que também costuma visitar o de desconhecidos. Os que só visitam conhecidos somaram (36,5%) e os que não responderam a essa questão somam (6,3%). A maioria que também visita desconhecidos relatou os seguintes motivos para tal prática: *“só visito desconhecidos quando esses me visitam primeiro”*; *“às vezes visito para ver se encontro amigos que já conheço mas que ainda não tenho o Orkut dele”*; *“visito por pura curiosidade”*. Entretanto os que alegaram “pura curiosidade” foram um percentual baixíssimo em relação aos que alegaram razões não ligadas à simples curiosidade. O que quero dizer com isso? Que a curiosidade por desconhecidos do Orkut não é algo expressivo no conjunto de práticas da sociabilidade virtual de nossos entrevistados. Mais uma vez, notamos que os interesses desses são nas pessoas que já são suas amigas ou amigas de suas amigas fora da Internet, que moram perto e tem as tais *referências tradicionais* para fornecer: mora no mesmo bairro, é da “família tal”, conhece “fulana”, é prima de “sicrana”, é ex-namorada de “beltrano”, estuda na mesma escola, mora na rua de trás, canta no coral da igreja, etc.

Quando perguntados sobre o que costumam reparar no Orkut de uma pessoa quando a visitam, nossos entrevistados responderam na seguinte ordem suas preferências: veem o álbum de fotos, página de recados, perfil inteiro, tópico

*quem sou eu*⁶⁷, dados pessoais e página de amigos. Com relação à *curiosidade* no ambiente virtual, nossos entrevistados têm comportamentos diferenciados quando são o *sujeito* da visita e quando são o *alvo* da visita. Quando são o sujeito reparam fotos, recados e demais dados pessoais do outro. Quando são o alvo, há o aparecimento do seguinte fenômeno: um pouco menos da metade dos entrevistados diz apagar sua página de recados evitando a superexposição da vida pessoal; a outra “quase” metade não costuma apagar e muitos dizem não ligar se os outros lerão seus recados. Contudo, uma parcela menor deles relata fazer uso de algum tipo de bloqueio do seu Orkut (para que desconhecidos e não-amigos não possam ler recados, ver fotos, etc.). Logo, no geral, temos uma maioria que faz uso de algum tipo de artifício para não se expor no Orkut.

Temos que observar também que, ainda que a pessoa não apague seus recados, não bloqueie seu Orkut e nem mesmo ligue de desconhecidos lerem seus recados e verem suas fotos, a expectativa dela na ocorrência dessa situação é pequena uma vez em que eles se relacionam em grande medida com conhecidos e pouco participam de comunidades. A forma como navegam no Orkut, visitando poucos desconhecidos e mantendo relações prioritariamente com pessoas conhecidas do dia-a-dia, não as coloca em muitas situações de contato com estranhos e desconhecidos da Internet.

Vejamos bem como as coisas ocorrem no Orkut para a maioria de nossos entrevistados: adicionar desconhecidos é uma prática pouco usual; às vezes há um temor quanto aos desconhecidos da internet; parece haver certo “receio” de exposição da vida privada; há poucas visitas ao perfil de desconhecidos; e há também pouco interesse por esses. Ou seja, o comportamento observado só reforça a constatação da sociabilidade virtual endógena.

Para boa parte de nossos entrevistados há os conhecidos do dia-a-dia, que são *adicionáveis*, e os demais, que em grande medida são *desadicionáveis*. Nesse sentido, o “desconhecido” do Orkut/internet é frequentemente demarcado pelos

67 Espaço destinado para a pessoa dizer quem é (construção da persona orkutiana).

entrevistados com o prefixo “des”: desconfiável, desacreditável, desaconselhável, desadicionável⁶⁸, desumanizado, desterritorializado, etc. Eles são sempre o “outro”, “alguém de lugar algum”, que não se sabe se o que disseram em seus perfis de Orkut é digno de confiança. São vistos como pessoas aptas aos cibercrimes e com tendências a terem perfis *fake*. A visita de um desconhecido ao perfil dos nossos entrevistados por vezes é vista com receio e às vezes desaprovação por parte desses, a coisa é tratada como invasão de privacidade por alguns e por outros é vista como algo inerente ao Orkut, mais ainda sim como um fato estranho: “*o que essa pessoa veio fazer aqui no meu orkut? O que ela queria?*”.

Assim, temos que a sociabilidade virtual que se dá entre os jovens de Quissamã é demarcada fortemente pelo espaço local e pelas relações sociais estabelecidas fora da Internet, ou seja, predominantemente resultante da relação *face a face*. Mesmo a Internet sendo um sucesso local e o Orkut uma ferramenta usada por quase todo jovem de lá, o círculo de amizades destes, e mesmo os contatos esporádicos (laços fracos⁶⁹), não se globalizaram. Esse perfil de usuário é o que designaremos daqui em diante como *Orkutianos de Quissamã*. Essa não-abertura às sociabilidades virtuais desterritorializadas por parte desses internautas parece contrapor a visão corriqueira sobre o internauta pró-ativo, prospectivo, reflexivo, bem informado e interligado com o mundo e as pessoas deste.

O mundo da sociabilidade na internet e sua virtualidade, exerce forte atração nos jovens quissamenses na medida em que significa a possibilidade de gerir aceleradamente e ampliadamente as sociabilidades *face a face* que eles já estão acostumados a desenvolver no dia-a-dia. Ao que nossas análises indicam, os *Orkutianos de Quissamã* parecem estar mais conectados ao “mundo social” do qual já faziam parte do que ao *cibermundo* de possibilidades da Internet. Eles aceleram e ampliam sua vida social local/comunitária com o uso da Internet ao invés de estabelecerem redes desterritorializadas de laços

68 Diz-se da pessoa que não se deve adicionar a rede pessoal de amigos do Orkut.

69 Ver CASTELLS, 2007, p. 445.

sociais⁷⁰ (fracos ou fortes) agregadas por interesses e escolhas tal como preconiza o individualismo em rede.

Em outros termos, o que ocorre entre os *Orkutianos de Quissamã* é a manutenção dos laços sociais do dia-a-dia através do Orkut e, no limite, o estabelecimento de contatos com parentes e amigos que se mudaram para outras localidades, amigos de amigos próximos, conhecidos de vista e demais pessoas geoespacialmente próximas. Basicamente eles não arriscam voos para além das redes comunitárias locais de relacionamento. Vimos, por diversas vezes, grupos de amigos chegando às Quissanetes juntos e acessando o Orkut para interagirem, ou seja, estavam conjugando diversas sociabilidades ao mesmo tempo entre eles e com outras pessoas: enquanto conversavam (*face a face*), visitavam o Orkut dos colegas para deixar recados (*atemporal não-física*) e papeavam no MSN (*presencial não-física*).

Temos então que, dentro da “fauna” de internautas entrevistados, o *Orkutianos de Quissamã* foi o mais predominante. Suas características como usuário envolvem a sociabilidade virtual endógena: prioritariamente com conhecidos da mesma cidade, com parentes e pessoas conhecidas fora da Internet em dinâmicas comunitárias e familísticas de convivência. Eles pouquíssimo interagem com pessoas desconhecidas na Internet, preferem não se expor diante dessas bem como não se propõem à amizades eminentemente virtuais. Como veremos, a marca distintiva do *Orkutianos de Quissamã* é o *comunitarismo virtual*.

Do ponto de vista do trato com o computador e a internet, da posse do que chamo de *capital informacional*, os *Orkutianos de Quissamã* possuem aí um baixo coeficiente em virtude da falta de herança desse capital cultural incorporável: são oriundos de famílias de baixa renda, com pais atuantes em profissões de “baixo status” (pescador, lavrador, plantador de cana, empregada doméstica, pedreiros, donas de casa, desempregados, etc.), sem posse de

70 É expressiva a quantidade de jovens quissamenses que mantém relações sociais à distância pela Internet, contudo, a “amizade” se dá a priori, ou seja, in real life. Por motivo de afastamento ou mudança domiciliar, o contato/amizade acaba sendo mantido pelo MSN e Orkut, entretanto, muitos continuam se encontrando face a face mesmo que esporadicamente.

computador doméstico e com problemas de posse de bens culturais objetivados. Afirimo isso pois verifiquei neles uma navegação limitada e pouco diversificada na Internet bem como constatei dificuldades no trato com os equipamentos (*softwares* e *hardwares*)⁷¹. Soma-se a isso as conversas com relação ao nível sócio-econômico de suas famílias. Nesse sentido, encontramos a seguinte passagem oportunamente ilustrativa acerca do que estamos falando no trabalho de Sorj e Guedes:

Nas famílias de classe média, a socialização com o computador é um fenômeno quase natural, e as crianças, e mesmo os adultos, aprendem por *osmose*, no interior do núcleo familiar ou no trabalho. Não é este o caso das populações mais pobres, em que mais da metade, a maioria sem computador em casa, depende de cursos especializados e pagos. (...) nos setores pobres da população a aprendizagem por *osmose* – isto é, aprender vendo os pais usar o micro ou simplesmente brincar com o computador – muito comum na classe média, é bastante reduzida. Nesses setores, os cursos especializados são o principal caminho de aprendizagem em geral e, em particular, para os usuários do sexo feminino. (SORJ E GUEDES, 2005, p. 38 e 101).

Ainda nessa pesquisa de Sorj e Guedes, encontramos outras referências acerca da utilização diferenciada do computador e da Internet conforme a renda, escolaridade, posse de computador no lar e faixa etária. As classes baixas e pouco escolarizadas da população apresentam padrões de uso diferentes dos extratos mais favorecidos nesses termos. Tal constatação nos remete ao capital informacional, que para nós seria um marcador de distinções – tal como o capital cultural é para Bourdieu – provocando diferenças nos modos de uso e interação com as novas tecnologias da informação e comunicação.

A princípio, um baixo nível de capital informacional acarretaria navegação menos diversificada e exploratória, mais lúdica, pouco prospectiva e intuitiva, com pouco manuseio e domínio de ferramentas informáticas complexas, pouco acesso a conteúdos da Web em língua estrangeira, pouca feitura de negócios *online*, baixo auto-aprendizado, pouco gosto pela informática, pouco apego a

71 Essa navegação limitada e pouco diversificada também foi encontrada entre os usuários mais pobres moradores das favelas do Rio de Janeiro. Ver: GUEDES, Luís Eduardo; SORJ, Bernardo. Internet na Favela: quantos, quem, onde, pra quê. Rio de Janeiro, 2005.

Internet, predileção à sociabilidades fora da Internet, etc. Apesar desse breve olhar acerca desse ainda não-conceito, vemos no estudo do capital informacional uma rica e promissora fonte de pesquisa que contribuiria em muito para o entendimento das relações “sociedade-computador” e “sociedade-Internet”.

Voltando ao assunto sociabilidade, temos em Quissamã, sobretudo entre os *Orkutianos de Quissamã*, mais proeminente que o individualismo em rede, uma espécie de *comunitarismo virtual*. Ou seja, pessoas que moram em uma mesma localidade (geograficamente próximos), que partilham de uma identidades-nós e uma pertença grupal/comunitária e que mantêm pela Internet (Orkut), sociabilidades entre entes próximos conhecidos do dia-a-dia. As relações sociais dos *Orkutianos de Quissamã* parecem resultar muito mais do encontro prévio fora da Internet bem como de dinâmicas comunitárias/grupais do que de agregação de interesses e ou identidades em comunidades geodeslocalizadas. Na ideia do individualismo em rede uma comunidade virtual surgiria da agregação de interesses e propostas confluentes no ciberespaço entre entes não-necessariamente conhecidos; no *comunitarismo virtual*, as dinâmicas sociais do dia-a-dia/*offline* são meio que “transportadas” para o espaço virtual. A sociabilidade por meio do individualismo em rede parece não fazer parte do *habitus* do *Orkutianos de Quissamã*.

No *comunitarismo virtual* a sociabilidade *face a face* condiciona os meios pelos quais as duas outras formas ocorrerão: *só adiciono no meu Orkut e por ele interajo com a pessoa se eu já a conheço do dia-a-dia*. E mais, como os *Orkutianos de Quissamã* não se mobilizam em comunidades de Orkut, o que temos são relações sociais diretas, do Orkut de “fulano” para o Orkut de “beltrano”. A comunidade virtual que se forma então toma como base o próprio Orkut, e não sua plataforma de comunidades. É como se toda uma “comunidade” e suas redes de relações sociais entrassem de uma vez no Orkut.

Tomando emprestado alguns conceitos de Bourdieu (2007), podemos dizer que o *comunitarismo virtual* é um conjunto de práticas sociais estruturado por um

habitus comunitário e interiorano que, por sua vez, é estruturante da sociabilidade virtual dos *Orkutianos de Quissamã*. Seguem-se então os princípios resumidos dessa prática:

- estabelecimento de conversas *online* com pessoas conhecidas através do dia-a-dia fora da Internet;
- vínculos virtuais (*online*) estruturados por vínculos reais (*offline*);
- pouca adesão às comunidades virtuais e baixíssimo compromisso com as mesmas;
- distinção entre amizade virtual (pessoas da internet) e amizade real (pessoas do dia-a-dia), além de pouca propensão ao estabelecimento de amizades do primeiro tipo;
- baixos níveis de auto-exposição perante os desconhecidos da Internet;
- prioridade aos assuntos, temas e sociabilidades (dados na Internet) que apresentam conexões com a vida local (vida comunitária local).

3.4. ORKUTIANOS DE QUISSAMÃ E O COMUNITARISMO VIRTUAL: UMA ANÁLISE ESTRUTURACIONISTA

Tendo já tratado dos *Orkutianos de Quissamã* bem como de seu *comunitarismo virtual*, ainda que expondo mais que analisando, nesse momento é que faremos o esforço analítico de maior envergadura. Exploraremos os “porquês” dessa coesão comunitária dos *Orkutianos de Quissamã* através de quatro caminhos teórico-analíticos que dialogarão: teremos as dinâmicas do *habitus* e do capital cultural (Pierre Bourdieu), a reprodução de um mesmo mundo simbólico-lógico (interacionismo simbólico), o compartilhamento de uma identidade-nós local (Norbert Elias) e o nosso olhar (voo solo).

Sendo assim, no bojo das explicações para os fenômenos apercebidos acerca do *comunitarismo virtual*, precisamos esclarecer o seguinte ponto base: por que ele ocorre? As “causas”, as “justificativas” e os “por quês” de tal fenômeno enquadram-se, a partir da perspectiva teórico-metodológica que adotamos,

através da discussão entre estrutura e ação, ou em outros termos, sociedade e indivíduo. Como iremos ver daqui em diante, as explicações para o fenômeno seguirão por caminhos que, para nós, se complementarão: por vezes utilizaremos os aspectos estruturais da sociedade para a explicação, por outras selecionaremos aspectos que tomam como base de análise o indivíduo. Esse tipo de estratégia parte de nosso propósito em não negar a dialética entre indivíduo e sociedade. Esperamos assim proporcionar uma análise mais completa do fenômeno.

Bourdieu propõe que a prática humana não é nem o precipitado mecânico de ditames estruturais (estrutura) nem o resultado da perseguição intencional de objetivos pelos indivíduos (ação), mas antes “o produto de uma relação dialética entre a situação e o *habitus*, entendido como um sistema de disposições duráveis e transponíveis que integra todas as experiências passadas, funciona em cada momento como uma matriz de percepções, apreciações e ações e torna possível cumprir tarefas infinitamente diferenciadas, graças à transferência analógica de esquemas” adquiridos numa prática anterior (BOURDIEU, 1972/1977, p. 261)⁷².

Pelo *habitus* o agente social acaba se ajustando às situações diversas da vida como resultado de um processo de aprendizagem que o poupa de um processo constante de cálculo e reflexão, ou seja, revestido de um conjunto de práticas e modos de agir o agente não se comporta simplesmente como o indivíduo estabelecido pelas teorias da escolha racional: *um ser que é calculador de alternativas e escolhedor de possibilidades*. Entretanto, contra o estruturalismo através da teoria do *habitus* Bourdieu reconhece que os agentes fazem ativamente o mundo social através do envolvimento de instrumentos incorporados de construção cognitiva, mas também, contra o construtivismo afirma que esses instrumentos foram também eles próprios feitos pelo mundo social (BOURDIEU, 1997/2000, p. 175-177)⁷³.

72 Apud, WACQUANT, 2007.

73 Idem.

O capital, no caso o cultural, para o autor diz respeito às formas de conhecimento cultural, competências e disposições, um código internalizado, desigualmente distribuído na sociedade e fiador dos ganhos de distinção. Esse capital pode ser herdado através do capital cultural “incorporado e objetivado” dos pais, ou pode ser adquirido, por exemplo, por meio do investimento escolar. Aí, no caso, funciona uma complexa dinâmica de capitais onde a (re)conversão de tipos incorporados, objetivados ou adquiridos pode se dar. Por exemplo, uma família pode, através de um *habitus* refinado, transmitir capital cultural artístico-literário para as gerações seguintes que, poderão desenvolver também um *habitus* que contribuirá no incremento desse capital cultural. No caso, como nos interessa a sociabilidade, o papel identificado pelo *habitus* (o qual chamamos de *interiorano* e *comunitário*) é a promoção de um determinado tipo de prática de *sociabilidade endógena* por parte do público estudado, uma sociabilidade entre semelhantes, entre entes que, a nosso ver, comungam e reproduzem valores e capital cultural. Acompanhemos a passagem:

O gosto, propensão e aptidão à apropriação (material e/ou simbólica) de uma determinada categoria de objetos ou práticas classificadas e classificadoras, é a fórmula generativa que está no princípio do estilo de vida (Bourdieu, 1976, p.2)⁷⁴.

Assim, para os quissamenses o comunitarismo visto enquanto *prática classificada* e *classificadora*, sobretudo em seu modo virtual, está inscrito em seus *estilos de vida* que, por sua vez, corroboram o *habitus*, ou seja, o princípio gerador de suas práticas. Em outras palavras, seu *habitus* o leva a ter um *estilo de vida* onde a prática do comunitarismo se dá. Ainda nesse foco de análise, temos que a “opção” de conversar e interagir prioritariamente com pessoas conhecidas do local e vivenciar ali uma comunidade, não pode ser encarada como mera “opção” desprendida de contexto.

Não é um puro desejo de comunitarismo por parte dos *Orkutianos de Quissamã*. Essas “opções” enquadram-se num tipo de prática que corresponde a um estilo de vida interiorano e comunitário. Estilo de vida esse que se remete

74 Disponível em: http://www.4shared.com/file/32154809/b3fbb621/Gostos_de_Classe_e_Estilos_de_Vida__Pierre_Bourdieu_.html?s=1.

a um *habitus estruturado e estruturante*. É *estruturado* pois remonta a um período histórico onde usinas e fazendas de cana bem como vilarejos, casas de senhores de engenho e senzalas serviam de abrigo à pequena população local e de palco para as relações sociais comunitárias onde esse *habitus* foi gestado. É *estruturante* pois promove a existência e perpetuação do comunitarismo sobretudo em moldes virtuais. Nesse sentido, o comunitarismo virtual só passou a existir pois o “comunitarismo real” (*offline*) já existia, ou seja, a sociabilidade moldada em aspectos de vida comunitária.

O capital cultural dos *Orkutianos de Quissamã* está associado ao estilo de vida, pois a posse e acumulação daquele depende, em certa medida, do estilo de vida que eles levam: onde estudam, de que classes sociais provêm, a qual famílias pertencem, com quem se socializam, por quais espaços transitam, etc. Assim sendo, o *habitus comunitário virtual* desses jovens representa e reproduz os valores educacionais, culturais e econômicos, bem como costumes e valores da sociedade que os circundam. Reproduzem esses valores através da interação endógena entre os *Orkutianos de Quissamã*: recém-internautas adolescentes e jovens de escolas públicas, provenientes das classes baixas, moradores de uma “pequena cidade do interior” e utilizadores dos centros públicos de acesso gratuito à Internet⁷⁵. Em outras palavras, eles interagem pois partilham valores, e essa partilha se perpetua pois eles interagem prioritariamente entre si.

Ainda nesse foco e sob o ponto de vista das *afinidades eletivas*, para Bourdieu (2007) essas ocorrem quando acontece identificação do *habitus* pelo *habitus*. Sendo assim, tanto essas afinidades promovem o comunitarismo quanto esse induz um campo fértil para que aquela ocorra, um campo repleto de entes com capital cultural semelhante. Às *referências tradicionais*, que mencionamos mais acima nesse trabalho e cuja existência é necessária para o estabelecimento da sociabilidade virtual entre os *Orkutianos de Quissamã*, devemos acrescentar a presença de capital cultural e estilos de vida semelhantes, igualando assim as

75 Essa distinção entre utilizadores de Internet dos “centros públicos gratuitos” e “lanhouses” foi evidenciada inclusive pelo IBGE na pesquisa que expusemos no início do trabalho.

relações e as mantendo de forma intra-classista, por isso endógena. Nesse sentido, conforme disse Bourdieu:

A correlação entre uma prática e a origem social é resultante de dois efeitos: por um lado, o efeito de inculcação diretamente exercido pela família ou pelas condições originais de existência; por outro, o efeito de trajetória social propriamente dita [...] (BOURDIEU, 2007, p. 105).

Entretanto, a noção de trajetória nos permite enxergar, sobretudo a partir do próprio Bourdieu, um espaço para compreendermos a ação do indivíduo. Nessa lógica, a posição de origem é apenas o ponto de partida de uma trajetória. Isso, pois, mesmo os indivíduos oriundos da mesma fração ou da mesma família (portanto, submetidos à inculcações morais, religiosas ou políticas, supostamente idênticas) sentem-se inclinados a tomadas de posição divergentes em diversos campos pelas relações diferentes com o mundo social, tributárias de trajetórias individuais divergentes (BOURDIEU, 2007). Ou seja, ainda que estruturado pelo *habitus* as trajetórias dão espaço de manobra ao indivíduo através de suas estratégias. Portanto, apesar de vermos alguns posicionamentos divergentes quanto a sociabilidade virtual em Quissamã, o bojo da análise destaca a proeminência do *comunitarismo virtual* enquanto prática social coletivamente partilhada, por isso relacionada à um *habitus*.

Por fim, através da proposta analítica de Bourdieu, vemos para o nosso caso que a reprodução do capital cultural entre os *Orkutianos de Quissamã* se dá através da prática do comunitarismo que, por sua vez existe na Internet pois fundamenta-se no *habitus comunitário e interiorano* que, através das dinâmicas da virtualidade do real (CASTELLS, 2003), estrutura-se no Orkut. O *comunitarismo virtual* é mais uma instância por onde os valores e o capital cultural desses jovens se reproduzem, uma prática que aviva laços sociais locais, familísticos e comunitários, que afasta estranhos/desconhecidos e potenciais “cibercriminosos” das redes sociais dos *Orkutianos de Quissamã* e que acelera a vida social dos mesmos intensificando os contatos e os encontros face a face no dia-a-dia entre semelhantes.

Quissamã é uma cidade de interior, pequena e com fortes resquícios de uma sociedade escravista, patriarcal e rural ainda muito recente em sua história. Acreditamos que esse contexto contribua para a explicação dos “porquês” da existência de pessoas, e grupos de pessoas, que não dão abertura para as dinâmicas de sociabilidade conforme o individualismo em rede. Acreditamos que isto ocorra pois notamos na realidade social local a ausência ou pouca ocorrência de certos fatores marcadamente “urbanos” ligados ao desenvolvimento, à modernidade, à globalização e à radicalização da modernidade (fragmentação da vida social, adoção de identidades fragmentadas, império da escolha, dentre outros).

Nesse sentido, agora iremos operar a análise a partir das observações das mudanças na balança identitária “nós-eu”, as quais Norbert Elias (1994) discutiu em *A Sociedade dos Indivíduos*. No decorrer da explanação faremos algumas observações necessárias à teoria do autor⁷⁶.

Em relação à identidade e a constituição dos grupos humanos, o desenvolvimento econômico e social aparece em Elias como o indutor do aumento da individualização nas sociedades. “*O desenvolvimento promove a individualização pelo desprendimento do ser das antigas formas de estruturação dos laços sociais: família, clã, tribo, etc.*” (ELIAS, 1994, p. 148). No mundo antigo, a identidade-nós que era aglutinada pela tribo, clã, família ou comunidade tradicional, não abria espaço para o aparecimento de um conceito universal relativo à pessoa isolada. Posteriormente, mais precisamente no Renascimento, essa identidade-nós perde terreno para a identidade-eu em virtude do desenvolvimento de alguns países, primeiramente os do contexto europeu.

Assim, os Estados centrais passam a fazer o papel aglutinador das sociedades (integração dos indivíduos) por meio da identidade-nós, ou seja, “tomam” das tribos, clãs e grupos consanguíneos a função de *unidade autônoma de sobrevivência*.

76 Ele escreve para o contexto europeu e utiliza um conceito de desenvolvimento por etapas, algo que, em larga medida, consideramos evolucionista.

É característico da estrutura das sociedades mais desenvolvidas de nossa época que as diferenças entre as pessoas, sua identidade-eu, sejam mais altamente valorizadas do que aquilo que elas têm em comum, sua identidade-nós. A primeira suplanta a segunda (ELIAS, 1994, p. 130).

Partindo de *A Sociedade dos Indivíduos* (ELIAS, 1994), sintetizamos o seguinte quadro esquemático dos processos de desenvolvimento⁷⁷ da humanidade e as consequentes mudanças na balança *nós-eu* estabelecidas por Norbert Elias:

Tabela 3:

	1° ESTÁGIO	2° ESTÁGIO		3° ESTÁGIO
INSTÂNCIA INTEGRADORA	Família, clã, tribo e comunidades tradicionais	Estados centrais desenvolvidos		Formas supranacionais de organização
TIPO DE IDENTIDADE	Identidade-nós	Identidade-eu e identidade-nós		Identidade-eu e identidade-nós
CARACTERÍSTICA DA IDENTIDADE	Dependência do ser perante os grupos tradicionais (unidades de sobrevivência humana)	Estados autoritários: primazia da identidade-nós e individualização fraca	Estados democráticos: primazia da identidade-eu e individualização em massa	Identidade-eu. Identidade-nós global?

⁷⁷ A forma como apresentamos o quadro denota um entendimento evolucionista do processo histórico da humanidade, contudo, nosso objetivo ao estabelecermos tais "tipos ideais" foi tornar mais didática a explicação dos diversos processos. Sabemos que a história humana não segue uma linha preestabelecida e unívoca de desenvolvimento.

DO HABITUS	Adoção, pelo nascimento, de um habitus do grupo.	“Imposição” de um habitus do Estado.	Habitus do Estado com possibilidade de adoção de estilos individuais.	Habitus global, cosmopolitismo.
------------	--------------------------------------------------	--------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------	---------------------------------

Para Elias (1994), se considerarmos a relação entre a identidade-eu e a identidade-nós, poderemos dizer que em todos os países, tanto mais quanto menos desenvolvidos, as duas estão presentes. Entretanto, nos primeiros é mais forte a ênfase na identidade-eu, enquanto nos últimos ela recai sobre a identidade-nós pré-nacional, seja ela a família, a aldeia nativa ou a tribo. Nesse sentido, trazendo a discussão para Quissamã e para os *Orkutianos de Quissamã*, ao que nos parece, há uma identidade-nós ligada à localidade que estaria representando um papel similar ao que a da família, tribo, clã e comunidade tradicional representam numa “etapa” pré-nacional ou “pré-desenvolvimento”. É uma espécie de identidade-nós promovida e promotora da comunidade.

Acerca dessa “integração” feita por uma identidade-nós em Quissamã, o que vemos não é que isso ocorra por ser a cidade um local pré-moderno ou arcaico, mas sim por apresentar características ainda não tão impactadas pela modernidade e o desenvolvimento. Por exemplo, como percebemos, há na cidade, sobretudo entre os *Orkutianos de Quissamã*, relações de forma comunitária estruturando a sociabilidade. Relações essas que de certo modo contrastam o fenômeno moderno de exacerbação do individualismo. Acreditamos que esse tipo de relação comunitária também ocorra entre outros grupos da cidade, ainda que não pela Internet.

Assim, imbuídos dessa integração localizada bem como da identidade daí decorrente, a sociabilidade dos *Orkutianos de Quissamã* demarcar-se-ia pelos laços sociais estabelecidos dentro dessa localidade/comunidade ou, no limite, “família”/“tribo”. É como se os modernos processos de individualização não desestruturassem completamente a identidade-nós local, assim, ocorreria um distanciamento identitário do tipo que estabelece quem são os quissamenses

(os familiares) de forma distinta das demais pessoas que eles encontram na Internet (os desconhecidos/estranhos).

A família ampliada e a aldeia nativa são os pontos focais mais antigos da identidade-nós pessoal dos indivíduos, e mesmo o desenvolvimento econômico e social que tem chegado a Quissamã não parece ter sido suficiente para sobrepujar completamente a identidade-nós local através da individualização. Mais uma vez, não estamos querendo dizer com isso que essa cidade se encontra em uma “etapa pré-moderna” ou que não esteja se desenvolvendo, apenas que ela carrega alguns traços tradicionais e não corroboradores da individualização. Além disso, não podemos afirmar que o desenvolvimento que se acerca de Quissamã, promovido em grande parte pelas rendas com o petróleo, colocará o predomínio da individualização aos moldes do que Elias estabeleceu para o contexto europeu e nem que demais mudanças ocorridas com os recentes processos dessa, ocorrerão ali tal como se deu em outros lugares.

Voltando ao contexto sócio-histórico de Quissamã, temos em um passado recente:

As grandes propriedades rurais de Quissamã produziam mais ou menos todo o necessário para o seu consumo interno, especialmente os produtos agrícolas de subsistência: milho, arroz, feijão, mandioca, além das carnes e dos numerosos rebanhos. Toda fazenda possuía também uma área destinada às fruteiras ou pomares, onde eram comuns as mangueiras, os cacauzeiros, pessegueiros, laranjeiras e inúmeras outras árvores frutíferas. [...] As casa de farinha e um grande aparato de oficinas de serviços, como as carpintarias, ferrarias e olarias, também faziam parte do patrimônio das fazendas. Os engenhos, movidos a vapor nessa época, com seus vários edifícios, requisitavam todo esse aparelhamento (MARCHIORI, 1987, p. 35).

Como podemos ver, a sociedade rural patriarcal e escravista que se organizara em Quissamã representava, na figura da usina de cana, “unidades de sobrevivência humana” para as pessoas dessa sociedade – algo semelhante ao que as tribos do mundo antigo faziam. Essas usinas permeavam um envolvimento pessoal bem como uma identidade-nós difundida entre os moradores e trabalhadores do seu entorno. Ou seja, os papéis de “integrar” e

”prover” que as famílias, tribos, clãs e comunidades tradicionais faziam, as usinas e a sociedade que se organizara em seu entorno, de certo modo, o fizeram ao longo de quase toda a história de Quissamã.

Para Elias [...] “quanto maior a margem de diferenciação nas experiências gravadas na memória dos indivíduos no curso do desenvolvimento social, maior a probabilidade de individualização” (ELIAS, 1994, p. 154). Assim, como Quissamã herda tais características sócio-históricas de uma sociedade rural patriarcal e escravista, onde as usinas e fazendas eram pequenos “mundos à parte”, a vida social dos moradores e trabalhadores, em sua grande maioria, se tornou pouco policromática. Ou seja, várias gerações levavam vidas inteiras pertencendo a um mesmo sistema social “estável”. Mesmo tendo convivido com formas distintas de viver e ver o “mundo” que as cercavam – uma vez em que houve imigração estrangeira para a região – ainda sim as fazendas conseguiram proporcionar integração enquanto unidades de sobrevivência e promover uma *identidade-nós* estruturadora da vida dos quissamenses. Assim, tem-se uma pequena margem de diferenciação das experiências gravadas na memória dos quissamenses algo que não parece ter sido suficiente para gerar identidades-eu fortes e uma consequente individualização durante longos períodos da vida local.

A Internet coloca a “família”, “tribo”, “clã” ou “comunidade tradicional” dos *Orkutianos de Quissamã* em contato com o mundo exterior e o que ocorre é uma espécie de estranhamento/fechamento para com o desconhecido/estranho. Entendemos então que no *comunitarismo virtual* dos quissamenses há a presença residual da não completa individualização, da permanência de laços fortes ligados a uma “fase pré-desenvolvimento” onde esse sistema social patriarcal, escravista e monocultor promovia a integração dessa sociedade e sua respectiva *identidade-nós*. Os processos de individualização carregados pela modernidade ao longo da história recente parecem não ter minado a *identidade-nós* aglutinadora dos quissamenses. Ou seja, ainda não desapareceu o apego emocional local (*identidade-nós* local), algo similar ao que Elias (1994) constatou em situações pré-estatais, onde o apego à família, aos parentes, à terra natal ou à tribo aparece como forte

integrador social. Portanto, aglutinados por uma identidade-nós os *Orkutianos de Quissamã* “praticam” o *comunitarismo virtual* que, por sua vez, reforça aquela identidade.

Nesses termos, entendo então que nosso estudo é mais uma prova que a modernidade não acaba com a tradição, mas sim a reordena e ressignifica. Portanto a coesão de uma identidade-nós comunitária com origens pré-modernas é reordenada através dos processos da modernidade, tal como a Internet, e possibilita aos *Orkutianos de Quissamã* estabelecer o mesmo tipo de relações que tinham antes da Internet – relações de modo comunitário e familístico – na rede mundial de computadores.

Para Berger e Luckmann (1990) em “*A Construção Social da Realidade*”, a vida cotidiana é uma realidade interpretada pelos homens e subjetivamente dotada de sentido para eles na medida em que forma um mundo coerente, ou seja, a realidade é subjetivamente construída, é um mundo que se origina no pensamento e na ação dos homens comuns, sendo afirmado como real por eles. Como a realidade é socialmente construída, encontramos no mundo múltiplas realidades. Essas contêm zonas que podem não nos ser acessíveis abertamente. Mas, ou não há interesse pragmático nessas zonas ou o interesse nelas é indireto, na medida em que podem ser potencialmente zonas manipuláveis por nós. O que os autores querem dizer com isso é que a vida social é composta de múltiplas realidades formadas através dos processos interativos onde símbolos, sinais, tipificações e subjetividades objetivadas constroem o sentido dessas realidades bem como um conhecimento da vida cotidiana. Por isso o interesse das pessoas em zonas distantes é menos intenso e certamente menos urgente e é por isso também que muitas vezes transitar por essas diversas realidades pode ser crítico.

Partindo do princípio de que herdamos e fazemos o mundo simbólico, lógico e real em que vivemos, temos que nossos interesses se concentram aí, nessa realidade social construída subjetivamente, pois é aí que entendemos o mundo, é aí que as coisas fazem mais sentido, é aí que nos socializamos e vivemos com o domínio dos códigos, sistemas de sinais, tipificações e símbolos

presentes. Saindo desses contextos, é um risco de não domínio do mundo simbólico face às diferentes realidades construídas em diversos contextos que podemos encontrar. Logo, a princípio, nosso interesse é por realidades onde sabemos lidar. Quando lidamos com outras realidades:

Posso fazer isso com relutância ou com curiosidade, mas num caso ou noutro estou agora diante de problemas que não tinha ainda rotinizado. Ao mesmo tempo, é claro, não deixo a realidade da vida cotidiana. De fato, esta pode enriquecer-se quando começo a incorporar a ela outros conhecimentos e habilidades oriundos de outras realidades (BERGER E LUCKMANN, 1990, p. 41).

O mundo da vida cotidiana é estruturado espacial e temporalmente. A estrutura espacial tem também uma dimensão social em virtude do fato da minha zona de manipulação dos símbolos entrar em contato com a dos outros. A percepção do tempo interfere em nosso relacionamento com a realidade social, podendo ser coercitiva. Ela também fornece a historicidade que determina nossa situação no mundo da vida cotidiana. Isso quer dizer que além de construirmos a realidade social interagindo, nós chegamos a ela pois nascemos em algum contexto histórico e tomamos decisões estando inseridos nessas realidades.

Nesse prisma, a realidade da vida cotidiana é partilhada com outros e experimentamos esses em situações face a face⁷⁸. Na situação face a face o outro é apreendido por mim num vívido presente partilhado por nós dois, e vice e versa. Nessa colisão entre meu “aqui e agora” com o dele nessa situação face a face, ocorre o intercâmbio contínuo entre minha expressividade e a dele e a subjetividade do outro me é acessível mediante o máximo de sintomas (BERGER E LUCKMANN, 1990, p.47).

Em face dos problemas de identificação dos sistemas de sinais, esquemas tipificadores, símbolos e subjetividades numa interação, entendemos que para esses autores na interação face a face a interpretação errônea e a hipocrisia são mais difíceis de se manter do que em formas menos “próximas” de

78 Entretanto, creio que outras formas de sociabilidade também podem nos permitir o (com)partilhar de uma realidade.

relações sociais⁷⁹. Isso, pois a captação da subjetividade pode ser feita pela linguagem e pelas expressões no “aqui e agora”, sem necessariamente carecer de objetivações e tipificações genéricas e anônimas (características de relações mais afastadas e entre pessoas pouco conhecidas). “*Nas situações face a face tenho a evidência direta de meu companheiro, de suas ações, atributos, etc.*” (BERGER E LUCKMANN, 1990, p.51).

A apreensão que faço do outro na interação face a face ao captar suas expressividades é “enquadrada” através de esquemas tipificadores. Por sua vez, a realidade social é apreendida por tipificações. Quanto mais distante das relações face a face, mais anônimas vão ficando as tipificações pois os seus processos ficam complicados uma vez que a apreensão da expressividade e da subjetividade dos outros ficam comprometidas. Entretanto, se a expressividade passar a ser objetivada (por meio de objetos, sinais, significação, sistemas de sinais, etc.) ela pode ser captada para além da situação face a face já que ganha atemporalidade: como exemplo temos os depoimentos e recados no Orkut. Nesse sentido é que Jonatas Dornelles (2004) entende mesmo a sociabilidade virtual como interação entre indivíduos onde há trocas simbólicas.

Quando Berger e Luckmann (1990) colocam a sociabilidade face a face como mais plena no sentido da captação de sintomas da subjetividade que acaba ocorrendo de forma mais intensa, instantânea e flexível, fico pensando como ver essa troca simbólica e esse compartilhamento da mesma realidade social por meio das outras duas formas de sociabilidade, sobretudo a virtual. Caberia um olhar sobre a Internet enquanto mais um espaço de constituição da realidade social entre interagentes. Pois entendemos que através da virtualidade do real o “mundo” da vida *online* conecta-se ao “mundo” da vida *offline* uma vez em que estamos falando de interações humanas, ainda que mediadas por computador. Ou seja, pela Internet, nos *chat's*, *blog's* e Orkut há a captação da subjetividade do outro ainda que essa esteja objetivada em

79 Entendo que ao interagirmos com estranhos, os esquemas tipificadores ficam frouxos, o que pode mudar minha interpretação sob os atos dele, pois não estamos acostumados com as expressividades dos mesmos.

sinais e objetos virtuais e ainda que seja necessária a utilização de tipificações genéricas para entender o outro por vezes não tão próximo fisicamente e/ou presente na mesma realidade social e simbólica que a sua. Numa relação que não é face a face, a subjetividade da interação se dá por objetivações (sinais, símbolos, objetos, etc.) ou tipificações genéricas e na que é face a face, se dá pela linguagem, pelas expressões do ser, ou seja, pela captação da subjetividade através de esquemas tipificadores.

Em que pese a visão de Berger e Luckmann (1990), podemos até concordar com os dois autores acerca da intensidade da interação face a face em captar as subjetividades por meio da linguagem e dos sinais, mas não podemos minorar exageradamente a capacidade das novas tecnologias da informação e comunicação em nos proporcionar também um meio de trocas simbólicas e construção de realidades.

Através do entendimento de Berger e Luckmann sobre os processos interativos e trocas de subjetividade, símbolos e sinais que formam a realidade social, iremos debater acerca do *comunitarismo virtual*.

Vivemos no mundo do senso comum da vida cotidiana equipado com corpos específicos de conhecimento. Mais ainda, sabemos que outros partilham, ao menos em parte, deste conhecimento, e eles sabem que sabemos disso. Nossa interação com os outros na vida cotidiana é por conseguinte constantemente afetada por nossa participação comum no acervo social disponível do conhecimento. A participação no acervo social do conhecimento permite assim a “localização” dos indivíduos na sociedade e o “manejo” deles de maneira apropriada (BERGER E LUCKMANN, 1990, p.62). Acreditamos que em Quissamã os *Orkutianos de Quissamã* saibam localizar os indivíduos de sua comunidade em face às *referências tradicionais* bem como aos símbolos partilhados, os sinais, as objetivações e tipificações com as quais já estão ambientados através das relações face a face. Dessa identificação que ocorre nos padrões da vida *offline*, ocorre a seleção de pessoas que “podem” ser amigas no *online*, mais precisamente no Orkut, alimentando assim o comunitarismo virtual.

Berger e Luckmann (1990) afirmam que nosso conhecimento da vida cotidiana estrutura-se em termos de conveniências. Nossos interesses pragmáticos imediatos determinam algumas destas, enquanto outras são determinadas por nossa situação geral na sociedade. Contudo, nossas estruturas de conveniências cruzam as estruturas de conveniências dos outros em muitos pontos, dando em resultado termos coisas “interessantes” a dizermos uns aos outros. Entendo que em Quissamã o fato dos *Orkutianos de Quissamã* primarem pelo *comunitarismo virtual* relaciona-se com a questão dessas estruturas de conveniências que se cruzam em muitíssimos pontos, já que eles possuem vivências comuns, interesses pragmáticos próximos, semelhante situação geral na sociedade, tipificações da vida cotidiana e simbólica paritárias, etc. Ou seja, interagindo endogenamente os *Orkutianos de Quissamã* criam um mundo simbólico de sistemas de sinais mais rico e profundo pois a sociabilidade face a face toma grande destaque como base da sociabilidade desses, sobretudo como pré-requisito para a virtual. Apesar de estarem no virtual, já criaram a base dos sistemas de sinais previamente no face a face e o virtual aparece como mais uma esfera de reprodução dessa dinâmica.

Daí decorre que essas redes de relações são pouco acessíveis aos estranhos vindos de fora pois esses não partilham desse mundo simbólico, desses sistemas de sinais e tipificações previamente construídos *offline* nas dinâmicas comunitárias do dia-a-dia. Isso, pois eles não moram e pertencem à mesma comunidade e devido a isso não conseguem aproximação física e interação face a face com os *Orkutianos de Quissamã*; interação essa que seria necessária para um compartilhar mais aprofundado dos símbolos e sinais presentes naquela realidade comunitária. É como se o acervo do conhecimento da vida cotidiana local não fosse tão acessível aos forasteiros.

Como vimos, pela interação face a face se tem partilha e percepção da subjetividade. Os *Orkutianos de Quissamã* acostumados à apreensão da subjetividade usando o face a face com quem já conhecem no dia-a-dia, realizam interações com muito mais entendimento mútuo de símbolos e

subjetividade do que se ficarem interagindo com desconhecidos apenas na Internet. Eles tem muito mais a trocar e (com)partilhar com pessoas que conhecem do dia-a-dia já que o face a face que mantém na cotidianidade construiu o mundo simbólico que eles vivem, conhecem e compartilham. Sair daí, ou seja, não seguir o *comunitarismo virtual* é entrar em outras realidades simbólicas. Ao que a análise nos indica, eles tanto não querem optar pelo rompimento do comunitarismo quanto não existe aí um conjunto de elementos que estruture outras práticas divergentes neles.

Como dissemos, na interação *face a face* a interpretação errônea e a hipocrisia são mais difíceis de se manter. Essa noção nos ajuda a entender o *comunitarismo virtual* pois sendo o “outro” da relação comunitária alguém próximo e pertencente a uma mesma realidade social simbólica, espacial e temporal, a interação se dará numa mesma realidade com entes conhecidos pelo face a face, onde a mentira, o fingimento, o *fake*, os estranhos e desconhecidos tem menor lugar. Para o caso que estamos estudando, quanto mais desconhecido do dia-a-dia e se não for iniciado pelo face a face, a interação social na Internet dificilmente se dará. Isso, pois é preciso para eles essa dinâmica do face a face para que suas tipificações do outro não se tornem anônimas ao não conhecerem esse outro (não o encontrando face a face) e ao não conseguirem captar suas expressividades. Soma-se a isso a importância das *referências tradicionais*. Sair do comunitarismo virtual significaria lidar com outros esquemas tipificadores, símbolos, sistemas de sinais, dentre outros, que podem ser diferentes e que devido a isso o interagente se sentiria em outra realidade social já que estaria em um mundo simbólico que pode lhe ser estranho.

Iniciando minha análise sobre o fenômeno, meu voo solo, entendo que a não abertura às sociabilidades virtuais desterritorializadas pelos *Orkutianos de Quissamã* seriam reforçadas pelo não-domínio ou desconhecimento das tecnologias que envolvem a Internet e a informática em geral. Muitos jovens que têm a curiosidade de vagar pelo vasto mundo da Internet declaram inúmeros “receios” e “medos” quanto ao que potenciais desconhecidos possam fazer contra eles. Notícias da televisão quanto aos cibercrimes – sobretudo a

pedofilia – aparecem como justificativas para a baixa auto-exposição e para uma navegação mais restrita tanto no uso do Orkut quanto dos demais aparatos interativos da *Web*.

Não saber dominar a tecnologia é não saber se “defender” das ameaças virtuais provocadas pelos internautas desconhecidos, então o único controle que se torna acessível a quem não domina as tecnologias é limitar o grau de inserção/imersão no ciberespaço. E isso é feito por nossos entrevistados através do controle sobre as seguintes variáveis: dados pessoais, fotos, dados domiciliares, idade, entre outros. Além disso, o mais forte controle parece ser mesmo a não-procura de relações virtuais com pessoas que não são ou foram conhecidas a priori no dia-a-dia fora da Internet. Assim, a curiosidade eletrônica pelo outro/desconhecido da Internet/Orkut até existe por parte de alguns *Orkutianos de Quissamã*, contudo, ela tem limites, ou seja, gera baixíssimos níveis de sociabilidade com outras pessoas além da realidade local. Observemos a fala de um entrevistado que no sentido desse debate se torna ilustrativa: “*fica difícil fazer alguma coisa hoje em dia pois tem muita gente que sabe mais de informática que a gente*”.

Há um medo pungente do encontro “azarado” com cibercriminosos em *sites* suspeitos da Internet. O não-domínio da tecnologia levaria a um não entendimento sobre o que se pode fazer sem riscos, limita a experimentação e torna a navegação do *Orkutianos de Quissamã* pouco policromática. Basicamente eles não iriam muito além de Orkut e MSN por uma somatória de razões: gostam do que esses programas possibilitam (bate papo); não sabem ou não procuram outros afazeres na Internet; o aprendizado desses programas é simples e geralmente provido pelos colegas próximos; não demandam grandes investimentos em tempo e estudo; o risco é controlável uma vez em que dominar o uso do Orkut bem como desativá-lo – em caso de problemas – são tarefas fáceis; dentre outras razões.

Esse pouco domínio da tecnologia liga-se, a nosso ver, com a questão do capital cultural herdado. Vejamos, como nossos entrevistados são, em grande parte, oriundos dos baixos estratos da sociedade (filhos de lavradores,

empregadas domésticas, plantadores de cana, biscates, desempregados, pensionistas, etc.), eles herdam daí um *habitus* que não compreende a informática nem o trato com as modernas tecnologias. Além disso, do ponto de vista do capital cultural objetivado, muitos desses jovens crescem em casas onde o computador é uma peça ausente e tida, às vezes, como luxo (o mesmo se dando para a Internet). Sendo assim, a transformação do capital cultural objetivado (posse do computador e Internet) em incorporado (cibercultura/inclusão digital), o que muitos acreditam ser um problema resolvível com a disponibilização do acesso a essas tecnologias, demandaria não apenas a disponibilidade dos aparatos tecnológicos referidos, mas sim, cremos, de um *habitus informacional*⁸⁰. Caso contrário, entendemos que o acesso não representará mudanças significativas no capital cultural dos jovens quissamenses.

Como esses jovens mais pobres não receberam essa herança cultural da família em forma de um *habitus informacional*, talvez se a PMQ investisse em educação para informática, tentando promover a prática da incorporação de bens simbólicos por parte dos jovens internautas, poderíamos ter incrementos nos níveis de “domínio” das NTIC’s por parte dos quissamenses e no limite, a criação de um novo *habitus* que poderia romper com o antigo através de novos estilos de vida levados a cabo pelos *Orkutianos de Quissamã* através dos incentivos municipais. Sendo assim, esses jovens por sua vez teriam um maior conhecimento sobre potenciais riscos da navegação e o domínio sobre outras formas de controle que não somente a flexibilização da inserção/imersão no ciberespaço. Seriam pessoas que poderiam navegar sem “tanto” medo na Internet, pessoas que estariam mais dispostas e aptas a explorar os meandros da rede mundial sem receio nem “bloqueio” de encontrar o outro, o *desconhecido internauta do outro lado da tela*.

Quando trazemos a categoria “medo”, estamos colocando em destaque as declarações dos entrevistados. Quando indagados sobre os porquês de não contatarem pessoas para fora de suas redes locais de sociabilidade, quando

80 Esse poderia ser incrementado através de processos educativos.

indagados acerca de suas navegações pouco diversificadas na Internet, muitos deles declararam o medo de lhes acontecer algo inesperado ou ruim. Ou seja, o medo aparecia como justificativa presente na fala deles para a não-realização de certas ações na Internet e para a estruturação de certas práticas nesse ambiente.

Por fim, através desse nosso viés entendemos que a falta de domínio da tecnologia informacional por parte da maioria dos jovens usuários cria gargalos quanto à qualificação da navegação bem como ao estabelecimento de relações sociais desterritorializadas na internet – o desconhecimento do meio geraria medo/receio em relação ao “outro/desconhecido” internauta. Assim, o *comunitarismo virtual* ganha terreno fértil para prosperar: *é mais seguro ficar na comunidade.*

É preciso ainda acrescentar a essa nossa visão a questão da mobilidade espacial, uma vez em que estamos falando de adolescentes e jovens das classes baixas de uma cidade de interior. Entendemos que a mobilidade espacial desses não é grande nem intensa, o que promove pouco contato com outras realidades e pessoas de fora no cotidiano. Portanto, o “grosso” da sociabilidade desses se dá em seu entorno, na sua rua, no seu bairro, na sua escola e na sua pequena cidade.

Nas grandes cidades a mobilidade espacial é, entendemos, maior do que nas cidades pequenas e de interior. A ida ao trabalho, a busca de lazer bem como outras atividades do cotidiano levam as pessoas das grandes cidades à vários contextos sociais em diferentes locais dessa, ou mesmo fora, inclusive os mais jovens. A partir daí, com essa mobilidade espacial, transitando por diversos locais as pessoas da cidade estabelecem suas redes por meio da lógica do individualismo em rede. Essa mobilidade, em certa medida, também vale para os mais pobres que moram na cidade.

Entretanto, vemos em Quissamã uma baixa mobilidade espacial por parte dos jovens e, portanto, uma baixa transitabilidade por contextos sociais e culturais diversificados. Isso significa que eles vivenciam sua juventude num “mesmo”

ambiente “fechado” e pouco variado, onde as sociabilidades se dão entre as “mesmas” pessoas, oriundas de “tais” famílias, ruas e bairros amplamente conhecidos. Quando esses jovens crescerem e começarem a adentrar no mercado de trabalho, no ensino superior ou mesmo procurarem outros horizontes, eles provavelmente aumentarão sua mobilidade espacial e, portanto, encontrarão outras pessoas de outros contextos sociais. Essa possível/provável saída para outros ambientes sociais com outros contextos e pessoas pode levar a modificação das práticas do comunitarismo virtual uma vez em que o comunitarismo real poderia se comprometer nesse “novo mundo” diverso, amplo e fragmentado.

Assim, a “antiga comunidade de relações” pode dar lugar as “redes sociais fragmentadas e geodeslocalizadas”, ou seja, dar espaço à sociabilidade do individualismo em rede. Além disso, mesmo que elas fiquem em Quissamã, elas começam a encontrar/conhecer no dia-a-dia pessoas vindas de fora que procuram emprego e oportunidades nessa terra do petróleo. Assim, quanto mais o jovem envelhece ele vai entrando em contato com outros contextos e pessoas o que pode ir modificando as formas de sociabilidade, transformando as práticas comunitárias ou mesmo proporcionando outras formas, tal como o individualismo em rede.

Entretanto, não podemos afirmar que diante de novas exposições ao longo da vida a forma comunitária e familística de se relacionar e viver se corroeria entre os *Orkutianos de Quissamã*. Até porque, a título de exemplo, esse tipo de comportamento comunitário/familístico foi detectado por José de Souza Martins nos jovens trabalhadores rurais procedentes de famílias muito conservadoras que acabam aderindo ao MST. Esses jovens apesar de aos poucos se ressocializarem por força do convívio com estranhos e pessoas das mais diversas procedências, ocorrendo, portanto, um alargamento de horizontes e experiências e, logo, enriquecimento desta, ainda sim eles retornam às estruturas fundamentais do familismo e da vizinhança rurais (MARTINS, 2000, p. 47). Portanto, mesmo expostos à novos horizontes as formas comunitária e familística de relação se mantêm ou se reestruturam. Nesse sentido é que vemos que esse tipo de configuração social não é particularidade de

Quissamã, conforme destacamos anteriormente ele é também representativo, de um modo mais geral, do Brasil rural e interiorano.

Outra perspectiva que se apresenta ao debate, ainda que de forma germinal nesse momento, carecendo portanto de um tempo maior de maturação e reflexão sociológica, é a correlação entre o comunitarismo virtual e a ação do governo local no trato da Internet Cidadão. O que estamos querendo dizer com isso? Vemos que é possível se desenvolver uma linha de raciocínio em que a forma como lidou com a Internet na cidade imputa à PMQ uma contribuição à estruturação do comunitarismo em moldes virtuais. Na Quissanet, por exemplo, teríamos o próprio espaço físico bem como a limitação da rede como elementos engendrados do comunitarismo. Isso pois, já que não há muito lugar para se ir na rede, uma vez em que pouco se domina e o bloqueio da mesma delimita a variedade da navegação, pratica-se predominantemente a sociabilidade. Além disso, a sociabilidade é bem vinda e desejada pelos jovens, interagir pelo Orkut é desejável e divertido para eles. Desse modo, restando pouco mais do que conversar e interagir na Internet, o uso acaba se concentrando aí. Logo, se muitos dos que também frequentam a Quissanet são conhecidos do dia-a-dia, havendo aí a co-presença física com primazia da sociabilidade *face a face*, a pouca possibilidade de uma *ciberviaagem* na rede deixa conhecidos próximos no modo *on* e *offline*, possibilitando então vasto terreno ao *comunitarismo virtual*.

CAPÍTULO IV

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo chegado ao fim dessa longa caminhada necessária para a confecção desse trabalho me sinto em certa medida satisfeito por acreditar ter avançado em uma área ainda pouco desbravada das ciências sociais. Da formatação final do projeto até a conclusão dessa dissertação, custou-me mais de um ano de esforços com leituras individuais, debates com amigos de curso e com o orientador bem como exposição em simpósio e congresso. Começar um trabalho acadêmico que partiu de uma simples pergunta (o que fazem os jovens mais pobres do interior na Internet?) e passar por temas e debates bastante atuais como o individualismo, a modernidade, a sociabilidade e a Internet, foi para mim algo bastante desafiador.

Ter estado em contato com os jovens que me serviram de dados e informações para essa pesquisa foi um dos grandes momentos desse trabalho, pois é em situações como essas que vemos como a sociedade é muito mais complexa que as teorias. Sendo assim, nesse momento fecharemos o trabalho retomando os principais debates e argumentos, tentando articulá-los de uma forma sintética e didática. Por motivos práticos o trabalho deve ser fechado aqui, mas do ponto de vista das discussões levantadas bem como do interesse acadêmico, ele se seguirá como parte da minha vida de estudante e questionador do mundo por um bom tempo, tomando assim espaço nas minhas reflexões sociológicas quase que diárias.

Como vimos, autores como Manuel Castells (2007) e Pierre Lévy (2007) acreditam que em certa medida as tecnologias informacionais interativas, das quais a Internet é a mais proeminente, estão contribuindo para o novo padrão de sociabilidade baseado no individualismo – não o provocando, mas lhe servindo. Assim, não é a Internet que cria um padrão de individualismo, mas seu desenvolvimento que fornece um suporte material apropriado para a difusão do individualismo em rede como a forma dominante de sociabilidade. Logo, para eles, a Internet é um meio privilegiado para esse fenômeno em

ocorrência, o individualismo em rede. Este é um padrão social: indivíduos geograficamente dispersos e por ventura culturalmente diferentes montam suas redes, *online* e *offline*, com base em seus interesses, valores, afinidades e projetos; e por causa da flexibilidade e do poder de comunicação da Internet, a interação social *online* desempenha crescente papel na organização social moderna. Assim as redes *online* podem criar comunidades virtuais mais ou menos intensas e eficazes no engendramento de laços e de mobilizações.

Nesse sentido, nós concebemos o jovem orkutiano de Quissamã como uma espécie até certo ponto diferente devido a algumas marcantes distinções. Por exemplo, ao contrário do que ocorre em nosso campo, a grande maioria dos Internautas brasileiros são moradores dos grandes centros urbanos, possuem melhor renda e meios de acesso mais qualificados (banda larga). Como vimos, a disponibilidade do acesso ao ciberespaço segue, em grande medida, uma primazia elitista, urbana e, portanto reprodutora de lógicas do mundo *offline*⁸¹. Assim, as pequenas cidades do interior brasileiro bem como as zonas rurais encontram mais dificuldades para implantar meios de acesso à Internet, sobretudo para os estratos mais pobres da população.

A Internet acompanha, e em certos casos aprofunda, o padrão nacional de desigualdade, por ser um fenômeno particularmente concentrado nas grandes metrópoles do país [...] e nas regiões mais desenvolvidas. [...] o acesso à Internet concentra-se nos segmentos com maior nível de escolaridade e maior renda, no meio urbano e nos estados mais ricos da federação. A distribuição desigual de acesso se reproduz no interior de cada estado e município [...] (SORJ, 2003, p. 84).

Temos também que a popularização da Internet em ocorrência em Quissamã tem colocado um grande contingente de jovens no ciberespaço, sobretudo dos estratos mais pobres da população. Estes, por sua vez, adentraram nesse mundo de forma diferenciada, um mundo que a princípio lhes era estranho (sem referências locais de conteúdo da *Web*). No entanto viram no Orkut um local de encontro, um destino comum, uma espécie de “pracinha virtual”.

81 A partir de uma visão da geografia, a título de exemplo quanto à formação morfológica do ciberespaço fluminense, ver: JÚNIOR, Ronaldo Pimenta de Carvalho. Redes Acadêmicas e a Morfogênese do Ciberespaço Fluminense: a rede rio de computadores. Rio de Janeiro: UERJ, 2006.

Assim, apesar de a Internet possibilitar a interconexão global dos indivíduos bem como a expressão de um *cosmopolitismo sem sair de casa*, o que ocorre em certa medida é a reprodução, no mundo virtual do Orkut, da dinâmica de sociabilidade local. Ou seja, a grosso modo os *Orkutianos de Quissamã* estão na rede mundial do Orkut para relações com pessoas de sua cidade e do seu entorno social marcado pelas relações comunitárias *offline*.

Conforme nossa interpretação dos resultados da pesquisa junto aos jovens quissamenses, vemos, a princípio, a confirmação da crítica à perspectiva tecnicista sobre a Internet – já retratada por alguns autores. Apesar da rede mundial de computadores possibilitar uma série de condições e situações, a efetiva realização destas depende, a partir da visão de Lemos (2007), de fatores sócio-técnicos muito mais complexos. Como nossa pesquisa tem demonstrado, esses fatores são muito mais sociais do que técnicos. Individualismo em rede, navegação globalizada e sociabilidade cosmopolita podem ocorrer no Canadá, EUA, Europa, na cidade de São Paulo dentre outros lugares, mas, por enquanto, não em Quissamã e mais especificamente não entre os jovens mais pobres usuários do sistema público de Internet.

Por vezes nosso argumento acerca do comunitarismo existente em Quissamã pode passar uma impressão idílica e romantizada do local, como se lá não houvesse elites, disputas de poder e conflitos/choques de classe; como se todos vivessem numa comunidade entre iguais. Não é essa nossa intenção. Quando argumentamos acerca dessas relações comunitárias estamos falando de relações comunitárias intra-classistas e não inter-classistas. Até porque a envergadura da pesquisa não nos permitiria falar com propriedade de relações comunitárias inter-classistas. Mais uma vez reitero que esse tipo de prática foi constatada entre jovens oriundos dos estratos mais carentes e freqüentadores dos telecentros gratuitos.

Temos observado que Quissamã é uma cidade que está seguindo um processo de desenvolvimento e crescimento populacional muito em vista das rendas do petróleo. Isso tem feito com que pessoas de outros lugares migrem

para lá atrás de oportunidades e melhores condições de vida. Esses migrantes, os “novos moradores”, chegam à cidade trazendo seus costumes, valores e redes de laços sociais inscritos em seus modos de vida. Nesse sentido, as disposições que são socialmente montadas, o *habitus*, podem ser corroídas, contrariadas ou mesmo desmanteladas pela exposição a novas forças sociais externas tais como a partir da migração (WACQUANT, 2007, p. 3). Soma-se a isso que novas pessoas trazem novos símbolos, sistemas de sinais e tipificações oriundas de outras realidades sociais subjetiva e interativamente construídas, promovendo o contato do *Orkutianos de Quissamã* com o “outro diferente”.

Assim, no que tange à prática do *comunitarismo virtual* por nós delineada nesse trabalho, percebemos que outras práticas, por vezes divergentes, são percebidas no mesmo espaço social e geográfico. Por exemplo, encontramos adolescentes que relataram ser de outras cidades e que acabaram indo para Quissamã, ou sozinhos ou com suas famílias, atrás dos benefícios sociais que a Prefeitura promove: bolsa gratuita para faculdade, cursos técnicos também gratuitos, programas de transferência de renda municipais, programas de habitação e casas populares, etc. Nesse sentido, entendemos que o prosseguimento desse fenômeno pode agir sobre as bases que estruturam o *comunitarismo virtual* na medida em que insere novos indivíduos no círculo das relações sociais da cidade. Não sabemos se minando o comunitarismo ou o incorporando. Entretanto, as entrevistas com esses jovens demonstraram uma adoção apenas parcial do comunitarismo, na medida em que a dinâmica da sociabilidade pautada no individualismo em rede se apresenta em seu arcabouço de práticas.

No entanto, o que podemos afirmar até o momento é que, contrastando a perspectiva de Castells (2007) quanto à tendência ao individualismo em rede na modernidade, em Quissamã temos uma espécie de *comunitarismo virtual* marcado pelo estabelecimento de relações virtuais entre pessoas próximas e sociabilizadas a priori no *face a face* do *dia-a-dia*; ou seja, temos a transposição de uma pequena fração do mundo *offline* de sociabilidades dos quissamenses para o Orkut. Não se trata de negar o individualismo em rede,

até porque, minha hipótese do comunitarismo virtual só terá sentido se concebermos a facticidade daquele. Minha hipótese é a confirmação de uma exceção a esse conceito. Há essa teoria do Castells que é supostamente mais generalizável se pensarmos os contextos urbanos da modernidade e há essa situação em Quissamã (que também pode ser encontrada em outros lugares) que contrasta tal autor, o que demanda um aporte teórico complementar.

Pois bem, em seus estudos sobre a era da informação e a sociedade em rede, a questão central trabalhada por Castells (2007) é o insurgente individualismo em rede. Para ele tal fenômeno permeia o bojo das transformações sociais que estão ocorrendo no mundo contemporâneo. Assim, a vida comunitária “tradicional” e as sociabilidades daí decorrentes contrastam-se à fragmentação da vida social e a generalização do individualismo. Contudo, o que o autor argumenta é que o individualismo que se observa na contemporaneidade exprime-se por meio de redes, ou seja, não é um fenômeno que isola e alija as pessoas do convívio social, sobretudo aquele que era demarcado pela localidade, mas sim um fenômeno que coloca novas formas de convívio social expressas em redes mediadas pelas novas tecnologias da informação e comunicação. Onde cada vez mais o “lugar” do convívio social independe da localidade e do seu entorno e se aproxima da autodeterminação. E aí as pessoas têm inúmeros motivos, razões e questões para estabelecerem relações sociais com grupos e pessoas que não necessariamente convivem com elas lado a lado no dia-a-dia. Para Castells, essa sociabilidade decorrente do individualismo em rede é o que demarca as relações sociais modernas. Entretanto é preciso levarmos em conta o contexto europeu em que esse autor vive e pesquisa. É possível que essas diretrizes da sociabilidade do individualismo em rede sejam uma característica de contextos sociais que tenham atingido um grau avançado de individualização (ELIAS, 1994).

Nesse sentido, como vimos, o estudo de caso em Quissamã tem-se mostrado revelador quanto à amplitude da facticidade desse argumento. Isso posto, até o momento as evidências têm nos permitido pensar em uma explicação para o *comunitarismo virtual* que assume caráter estruturacionista.

Como vimos com Bourdieu (2007), conversar e interagir prioritariamente com pessoas conhecidas localmente e vivenciar ali uma comunidade não são simples desejos de comunitarismo por parte dos *Orkutianos de Quissamã*. Tal prática enquadra-se num estilo de vida interiorano e comunitário, que por sua vez se remete a um *habitus estruturado e estruturante*. Estruturado uma vez que remonta à história local e as práticas sociais daí herdadas, sobretudo no que se refere às relações comunitárias e familísticas. Estruturante pois promove a existência atual do comunitarismo sobretudo em moldes virtuais. Assim, como demonstramos, o que chamamos por *habitus comunitário virtual* dos *Orkutianos de Quissamã* representa e reproduz os valores educacionais, culturais e econômicos, bem como costumes e valores de sua “comunidade”. Eles reproduzem esses valores através da interação endógena: recém-internautas adolescentes e jovens de escolas públicas, provenientes das classes baixas, moradores de uma “pequena cidade do interior” e utilizadores dos centros públicos de acesso gratuito à Internet. Eles se socializam pois partilham valores, e essa partilha se perpetua pois eles se socializam endogenamente.

Através de Bourdieu, vemos que a reprodução do capital cultural entre os *Orkutianos de Quissamã* se dá através da prática do comunitarismo tanto *on* quanto *offline*, que é fundamentado no *habitus comunitário e interiorano*. O *comunitarismo virtual* é mais uma instância por onde os valores e o capital cultural desses jovens se reproduzem, uma prática que aviva laços sociais locais, familísticos e comunitários, que afasta estranhos/desconhecidos e potenciais ameaças das redes sociais desses jovens e que acelera a vida social dos mesmos intensificando os contatos e os encontros face a face no dia-a-dia entre semelhantes.

Com Berger e Luckmann (1990) entendemos que em Quissamã o fato dos *Orkutianos de Quissamã* primarem pelo *comunitarismo virtual* relaciona-se com a questão das estruturas de conveniências que se cruzam em muitíssimos pontos, já que eles possuem vivências comuns, interesses pragmáticos próximos, semelhante situação geral na sociedade, tipificações da vida cotidiana e simbólica paritárias. Ou seja, eles interagindo endogenamente

criam um mundo simbólico de sistemas de sinais mais rico e profundo pois a sociabilidade face a face toma grande destaque como base da sociabilidade desses, sobretudo como pré-requisito para a virtual. Portanto, apesar de estarem no ambiente virtual, já criaram a base dos sistemas de sinais previamente nas dinâmicas do face a face. Daí decorre que essas redes são pouco acessíveis aos estranhos vindos de fora pois esses não partilham desse mundo simbólico, desses sistemas de sinais e tipificações previamente construídos *offline* nas dinâmicas comunitárias do dia-a-dia. Isso, pois eles não moram e pertencem à mesma comunidade e devido a isso não conseguem aproximação física e interação face a face com os orkutianus quissamensis; interação essa que seria necessária para um compartilhar mais aprofundado dos símbolos e sinais presentes naquela realidade comunitária.

Como dissemos, na interação face a face a interpretação errônea e a hipocrisia são mais difíceis de se manter, logo, sendo o “outro” da relação comunitária alguém próximo e pertencente a uma mesma realidade social simbólica, espacial e temporal, a interação se dará numa mesma realidade com entes conhecidos pelo face a face, onde a mentira, o fingimento, o *fake*, os estranhos e desconhecidos tem menor lugar. Para os *Orkutianos de Quissamã* quanto mais desconhecido do dia-a-dia e se não for iniciado pelo face a face, a interação social na Internet dificilmente se dará. Isso, pois é preciso para eles essa dinâmica do face a face para que suas tipificações do outro não se tornem anônimas ao não conhecerem esse outro (não o encontrando face a face) e ao não conseguirem captar suas expressividades. Portanto, mais uma vez, sair do comunitarismo virtual significaria lidar com outros esquemas tipificadores, símbolos, sistemas de sinais, dentre outros, que podem ser diferentes e que devido a isso o interagente se sentiria em outra realidade social já que estaria em um mundo simbólico que pode lhe ser estranho. Creio que essa interpretação esteja mais ligada a uma tendência ao *comunitarismo virtual* do que a uma “justificativa” para a rejeição dos estranhos da Internet. Observem a fala desse adolescente que exemplifica bem: *“não tem porque eu conversar com essas pessoas, elas não me conhecem, não vou ver elas, elas moram longe, não sabe o que se passa na minha vida... eles não tem nada-a-ver comigo, vou conversar pra quê?”*.

Através da análise de Elias (1994) vimos que em Quissamã várias gerações levaram vidas inteiras pertencendo a um mesmo sistema social “estável” uma vez que as fazendas conseguiram proporcionar integração enquanto unidades de sobrevivência e promover uma *identidade-nós* estruturadora da vida dos habitantes locais. Desse modo, houve uma pequena margem de diferenciação das experiências gravadas na memória dos quissamenses o que não foi suficiente para gerar identidades-eu fortes e uma consequente individualização durante longos períodos da vida local. Acreditamos que uma identidade-nós comunitária gestada há muito ainda permeia a vivência do quissamense.

Entendemos assim que no *comunitarismo virtual* dos *Orkutianos de Quissamã* há a presença residual da não completa individualização, da permanência de laços fortes e integradores de uma “fase pré-desenvolvimento” onde o sistema social patriarcal, escravista e monocultor promovia a integração dessa sociedade e sua respectiva identidade-nós. Os processos de individualização carregados pela modernidade ao longo da história recente parecem não ter terminado a identidade-nós aglutinadora dos quissamenses, pelo menos no que tange à sociabilidade comunitária. Ou seja, ainda não desapareceu o apego emocional local dos *Orkutianos de Quissamã* em Quissamã (identidade-nós local).

Através de nossa reflexão, vimos que a falta de domínio da tecnologia informacional por parte da maioria dos jovens usuários tem criado gargalos quanto à qualificação da navegação bem como ao estabelecimento de relações sociais desterritorializadas na internet – o desconhecimento das tecnologias geraria medo em relação ao que o “outro/desconhecido” internauta poderia fazer contra eles. Assim, o *comunitarismo virtual* ganha terreno fértil para prosperar, pois como dissemos, *é mais seguro ficar na comunidade*.

Por fim, a partir da observação e apreensão da realidade acerca dos modos de uso da Internet pelos jovens mais pobres de Quissamã, chegamos à questão mais proeminente do uso, a sociabilidade. A partir desse foco, encontramos as relações comunitárias existentes no dia-a-dia, também florescendo na Internet.

Então relacionamos essa questão com o processo de individualização da sociedade moderna sobretudo quanto à expressão desse fenômeno em rede, e desenvolvemos uma explicação que buscou superar as dicotomias entre indivíduo e estrutura. Vimos por meio do *habitus* e da identidade-nós como as estruturas – a sociedade em sua dinâmica – cria e promove certos contextos, no caso, o comunitarismo. Do ponto de vista do indivíduo vimos como a construção simbólica da realidade vivida na interação promove uma predileção para os interesses focados dentro dessas mesmas realidades inteligíveis por parte dos *Orkutianos de Quissamã*; vimos também que em virtude do medo e do não domínio da tecnologia, as escolhas por uma navegação mais segura no que tange a sociabilidade virtual também justificam uma não abertura desmedida aos estranhos e desconhecidos da Internet. Como também vimos a questão da mobilidade espacial, ou seja, da pouca transitabilidade por diversificados contextos por parte de nosso público reforçando nossas conclusões.

Apesar desse quádruplo esforço analítico, acredito que outras vertentes explicativas podem se juntar a essas. Isso não no sentido de várias explicações unitárias, mas sim no intuito da formação de um complexo explicativo onde as compreensões, ainda que pertencentes à correntes teóricas distintas, possam compor um todo explicativo. Assim, para o esforço que aqui empreendemos, o *habitus*, a identidade-nós, o compartilhamento simbólico e o medo contribuem com grande relevo para o entendimento do fenômeno *comunitarismo virtual*.

Em certa medida o que nos parece é que o recente desenvolvimento e a globalização que têm chegado à Quissamã ainda não foram suficientemente fortes ou duradouros para provocar alguns dos sintomas mais característicos do “mal-estar da modernidade” – sobretudo os que incidem sob a vida social comunitária, como nos mostra Bauman em *Comunidade* (2003) – e assim afetar destrutivamente a comunidade local. Ainda que pareça um paradoxo o fato dessa vida social comunitária (*comunitarismo virtual*) estar ocorrendo na rede mundial de computadores, tida muitas vezes como a expressão do que há de mais moderno ou pós-moderno em nossas sociedades, ela existe ali.

Esse trabalho nos permite pensar e indagar se em outros contextos do Brasil e do mundo tal prática também possa ser encontrada. Acredito sim que podemos pensar o *comunitarismo virtual* em outros lugares e contextos, e o desafio para tal é pensá-lo enquanto *prática*, suplantando assim a perspectiva que o veria enquanto *casos a parte* e especificidades em derrocada em meio à radicalização da modernidade.

Toda essa análise e tratamento de usuários de Internet que fizemos, as leituras e outras pesquisas que tivemos contato nos coloca diante de uma questão que se repetiu diversas vezes nessa trajetória, a inclusão digital. De um ponto de vista mais geral acerca de considerações referentes a esse termo, temos tido motivos para acreditar que tal questão tem se constituído em uma panacéia em meio ao discurso da modernidade, tanto através da voz dos gestores públicos quanto da sociedade. Muito dinheiro público tem sido gasto com a universalização do acesso, escolas tem se esforçado em incluir o computador na rotina didática, “especialistas” têm comentado frequentemente na mídia televisiva sobre a importância da Internet e da inclusão digital, ONG's tem investido e atuado nessa área, pais e mães de família têm se esforçado para disponibilizar computador e Internet em suas casas para seus filhos. Vivemos, para alguns, numa era de *migração para o digital*.

Entendemos que esses fenômenos, como vimos na prática e percebemos na literatura, correspondem a uma assimilação por parte da sociedade de tal discurso. A informática e a Internet aparecem aí como expressões da modernidade e do avanço tecnológico que (acreditam) beneficiarão o desenvolvimento humano e a sociedade. Não estamos afirmando que ela não pode se prestar a isso, entretanto aludimos para o perigo de visões ideológicas acerca do potencial das NTIC's. De forma ilustrativa temos a fala do empolgado e *tecnófilo* gestor da política de Internet de Quissamã: “*precisamos disponibilizar Internet para entrarmos na sociedade da informação*”.

De um ponto de vista lógico, partindo do princípio que tal sociedade da informação exista, sem Internet⁸², creio, não poderíamos atingi-la, entretanto, não é apenas com o puro acesso que o faríamos. Aliás, como demonstrou Sorj e Guedes (2005) na análise dos usuários de Internet nas favelas do Rio de Janeiro, sobretudo dos usuários das Estações Futuro (centros de acesso à Internet geridos pela ONG Viva Rio que promovem a inclusão digital) a disponibilização de Internet e demais serviços nesses locais apesar de aumentarem o universo de acesso, não modificaram o padrão do perfil do usuário.

Quissamã de certa forma é um retrato do Brasil: o incentivo ao uso da Internet tem sido desacompanhado de uma promoção educativa, consciente, libertária e emancipatória de tal ferramenta. Massificar o acesso a rede para que? Para quem? Que discurso sustenta tais ações? Vemos que problemas relacionados a escolarização e a aquisição de bens primários fundamentais a vida humana são contingenciadores dessas tentativas esparsas de desenvolvimento societário pela inclusão digital. Como demonstramos nesse trabalho, a cotidianidade dos usuários e seus modos de uso atentam para questionamentos acerca desse “poder” da Internet e, portanto, abala as bases desse discurso.

Ainda que reconheçamos as potencialidades da Internet, as políticas de inclusão digital, tal como a Internet Cidadão, carecem dar um passo muito maior do qual estão se propondo, ou mesmo conseguindo, se pretendem alcançar as mudanças sociais a que costumeiramente se propõe. Os modos de uso da Internet, sobretudo dos menos escolarizados de baixa renda (caracterizados pela *utilização restrita*), são expressivos quanto a problematização da associação comumente feita em tal discurso: Internet > informação > desenvolvimento humano. Mais do que uma ferramenta libertadora e emancipatória, talvez possamos estar presenciando a Internet servindo à alienação. A respeito das críticas acerca da inclusão digital e aos programas de massificação do acesso a Internet, Sorj e Guedes afirmam:

82 Até mesmo porque a Internet é vista como a tecnologia fundamental da era da informação (CASTELLS, 2007).

Levando-se em consideração os achados da pesquisa e a bibliografia internacional sobre o tema exclusão digital [...] sempre é bom lembrar que, mesmo sublinhando as limitações para se democratizar a informação não estamos, absolutamente, indicando a importância das políticas de universalização de acesso. Pelo contrário, universalizar o conhecimento básico sobre o uso de computadores e Internet é fundamental para limitar o impacto negativo que eles podem trazer para setores mais pobres (SORJ e GUEDES, 2005, p. 152).

Por fim, a despeito do aprofundamento das análises aqui empreendidas, entendemos que a crítica da ideologia da inclusão digital se constituirá a partir do estudo e acompanhamento das políticas de massificação do acesso bem como dos usuários de Internet.

5. BIBLIOGRAFIA.

ALBUQUERQUE, A. Viver e Morrer no Orkut: os paradoxos da rematerialização do ciberespaço. In: **Texto**, v. 17, p. 1-16, 2007. [online]. Disponível em: <www.intexto.ufrgs.br/n17/texto01.html>. Acesso em: agosto/2008.

BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade**: a busca por segurança no mundo atual. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. **A Construção Social da Realidade**: tratado de sociologia do conhecimento. 8 ed. Petrópolis: Vozes, 1990.

BOURDIEU, Pierre. **A Distinção**: crítica social do julgamento. 1 ed. São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Zouk, 2007.

BOURDIEU, Pierre. Gostos de Classe e Estilos de Vida. Reproduzido de BOURDIEU, P. e SAINT-MARTIN, M. **Goffts de classe et styles de vie**. (Excerto do artigo "Anatomie du gofft".) *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, nº 5 , out. 1976, p. 18-43. Tradução: Paula Montero. [online]. Disponível em: <http://www.4shared.com/get/32154809/b3fbb621/Gostos_de_Classe_e_Estilos_de_Vida__Pierre_Bourdieu_.html;jsessionid=60A1153571A1B604FB7197F52D2086DC.dc113>. Acesso em: dezembro/2008.

BRAMBILLA, A. M. **Orkut**: capital social e produção de conhecimento pela comunicação em rede. Porto Alegre: UFRGS, 2004. Disponível em: <<http://anabrambilla.com/orkut.pdf>>. Acesso em: setembro/2008.

BRETAS, Maria Beatriz Almeida Sathler. **Interações telemáticas**: estudo sobre jovens internautas de Belo Horizonte. Tese de Doutorado em Ciências da Informação, 2000. Universidade Federal de Minas Gerais. *Orientadora*: Ana Maria Pereira Cardoso. [online]: <<http://www.ufmg.br/boletim/bol1274/pag4>>.

html> e <<http://www.eci.ufmg.br/pcionline/viewarticle.php?id=257>>. Acesso em: setembro/2008.

CARVALHO JR., Ronaldo Pimenta de. **Redes Acadêmicas e a Morfogênese do Ciberespaço Fluminense**: a rede rio de computadores. Dissertação de Mestrado em Geografia, 2006. Universidade Estadual do Rio de Janeiro. *Orientador*: Hindenburgo Francisco Pires.

CASTELLS, M. A sociedade em rede. In: **A era da informação**: Economia, Sociedade e Cultura. 10 ed., v. 1. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2007.

_____. **A Galáxia da Internet**: reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

CHAHIN, A.; CUNHA, M. A.; KNIGHT; P. T.; PINTO; S. L. **E-gov.br**: a próxima revolução brasileira. São Paulo: Prentice Hall, 2004.

COHEN, Ernesto; FRANCO, Rolando. **Avaliação de Projetos Sociais**. 6 ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

CRUZ, J. L. V. da; PINTO, A. B. M. Quissamã: um município petro-rentista. In: PIQUET, R.; SERRA, R. (Org.). **Petróleo e Região no Brasil**: o desafio da abundância. Rio de Janeiro: Garamond, 2007. p. 319-346.

DAMATTA, R. da. **Carnavais, malandros e heróis**: para uma sociologia do dilema brasileiro. 6ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DOMINGUES, J. M. Reflexividade, Individualismo e Modernidade. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. São Paulo, v. 17, n. 49, p. 55-70, 2002.

DORNELLES, Jonatas. **O Orkut e a terceira forma de sociabilidade**. [online] Disponível em: <<http://www.megabaitche.hpg.com.br/orkut.htm>>. Última atualização em 30 de setembro de 2004. Acesso em: outubro/2008.

ECHEGARAY, Fabián. Dimensões da Cibercultura no Brasil. **Opinião Pública**, Campinas, v. 9, n. 2, 2003, p. 20-45.

ELIAS, Norbert. **A Sociedade dos Indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.

FREITAG, Barbara. **Dialogando com Jürgen Habermas**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2005.

FRÚGOLI JR. Heitor. **Sociabilidade Urbana**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

GIDDENS, A. **As Consequências da Modernidade**. São Paulo: Unesp, 1991.

GIDDENS, A.; BECK, U.; LASH, S. **Modernização Reflexiva**: política, tradição e estética na ordem social moderna. São Paulo: UNESP, 1997.

GUEDES, Luís Eduardo; SORJ, Bernardo. **Internet na Favela**: quantos, quem, onde, pra quê. Rio de Janeiro, 2005. [online]. Disponível em: <http://www.centroedelstein.org.br/sorj/pdf/internet_na_favela.pdf>. Acesso em: agosto/2008.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Acesso à Internet e Posse de Telefone Móvel Celular Para Uso Pessoal 2005. In: **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios**. 2005. Disponível em: <www.ibge.com.br/home/estatistica/populacao/acessoainternet/default.shtm>. Acesso em: setembro/2008.

LALLEMENT, Michel. **História das Idéias Sociológicas**: das origens a Max *weber*. vol. 1, 3 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

LEMONS, André. **Cibercultura**: tecnologia e vida social na cultura contemporânea. 3 ed. Porto Alegre: Editora Sulina, 2007.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. 6 ed. São Paulo: Editora 34, 2007.

LYRA, D. A invasão brasileira do Orkut. In: **Ciência Hoje**. vol. 38, nº 226. Rio de Janeiro, 2006, p. 30-35.

MARCHIORI, Maria Emília Prado [et al.]. **Quissamã**. Rio de Janeiro: SPHAN. Fundação Nacional Pró-Memória. 6 ed. Diretoria Regional, 1987. 200 p.

MARQUES, F. P. J. A. Debates Políticos na Internet: a perspectiva da conversação civil. In: **Opinião Pública**, Campinas, v. 12, n. 1, 2006, p. 164-187.

MARTINS, José de Souza. **A Sociabilidade do Homem Simples**: cotidiano e história na modernidade anômala. São Paulo: Hucitec, 2000.

PEREIRA, Cláudia da Silva. Os wannabees e suas tribos: adolescência e distinção na Internet. **Revista de Estudos Feministas**. Florianópolis, v. 15, n. 2, 2007. [online]. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2007000200005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: maio/2008.

REIS, Juliana Batista dos. A periferia está *online*: sociabilidade juvenil na “Web” e na “lan”. In: RAM, VII., 2007, Porto Alegre. **Anais eletrônicos...** Disponível em: <http://www.uff.br/obsjovem/mambo/index.php?option=com_docman&task=doc_view&gid=110>. Acesso em: julho/2008.

RÜDIGER, Francisco. **Introdução às Teorias da Cibercultura**: perspectiva do pensamento tecnológico contemporâneo. 2 ed. Porto Alegre: Sulina, 2007.

SEGATA, Jean. **Lontras e a Construção de Laços no Orkut**: uma antropologia no ciberespaço. Rio do Sul: Nova Era, 2008.

SORJ, Bernardo. **Brasil@povo.com**: a luta contra a desigualdade na sociedade da informação. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 2003.

VIEIRA, Eduardo. **Os Bastidores da Internet no Brasil**. Barueri: Editora Manole, 2003.

WACQUANT, Luïc. **Esclarecer o Habitus**. 2007. [online]. Disponível em: <http://sociology.berkeley.edu/faculty/wacquant/wacquant_pdf/ESCLARECERO_HABITUS.pdf>. Acesso em: dezembro/2008.

REFERÊNCIAS SECUNDÁRIAS

Deficiência da Internet Cidadão é questionada na Câmara. **Jornal Ponto de Vista**, Quissamã, 05 de março de 2008.

INFOPLANTÃO. **Portal de Internet da Abril.com**. [online]. Disponível em: <<http://info.abril.com.br>>. Acesso em: maio/2008.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **IBGE Cidades**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>>. Acesso: dezembro/2008.

Mulher xingada pela internet ganha 5 mil. **Jornal A Tribuna**, Vitória, p.10, 14 de maio de 2008.

Orkut. In: **Wikipédia**: a enciclopédia livre. 2008. [online]. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Orkut>>. Acesso em: janeiro/2009.

PREFEITURA MUNICIPAL DE QUISSAMÃ. **Contas Públicas**. Disponível em: <<http://www.quissama.rj.gov.br/contaspublicas.asp>>. Acesso em: janeiro/2009.

_____. **Internet Cidadão**. Disponível em: <<http://www.quissama.rj.gov.br/content.asp?cc=1&id=1950>>. Acesso em: julho/2008.

Rio conclui rede Wi-Fi grátis em Copacabana. **Plantão Info**, Mundo, 11 de setembro de 2008. Disponível em: <<http://info.abril.com.br>>. Acesso em: setembro/2008.

SYMANTEC. **Norton Online Living Report 09**. Califórnia: 2008. Disponível em: <www.norton.com/onlineliving>. Acessado em: 15 de maio de 2009.

UNIVERSO ONLINE. **Portal de Internet UOL**. Disponível em: <<http://www.uol.com.br>>. Acesso em: maio/2008.

Vereadores querem Internet Cidadão para Conde e São Miguel. **Diário de Quissamã**, Quissamã, 21 de agosto de 2008.

www.orkut.com

6. ANEXOS



Foto 1 – Fachada da Quissanet de Barra do Furado.
Fonte: Rafael Lobo (2008).

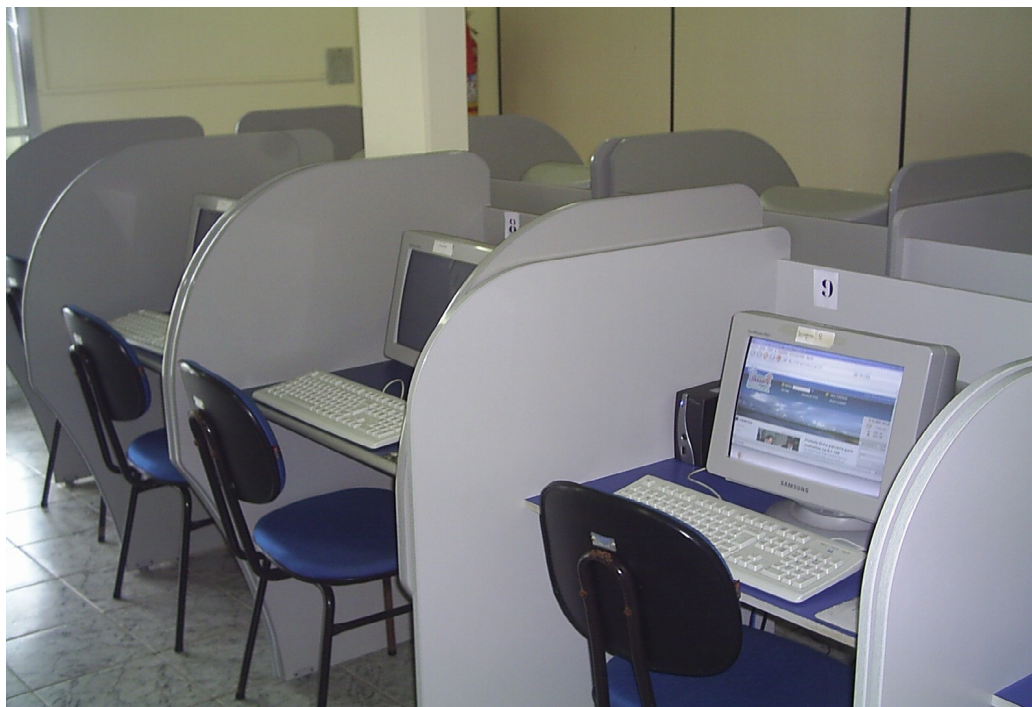


Foto 2 – Interior da Quissanet de Barra do Furado.
Fonte: Rafael Lobo (2008).



Foto 3 – Antena para captação doméstica do sinal da Internet Cidadão.
Fonte: Rafael Lobo (2008).



Foto 4 – Antena repetidora do sinal da Internet Cidadão.
Fonte: Rafael Lobo (2008).

ROTEIRO DE ENTREVISTA COM OS USUÁRIOS DE INTERNET – Nº: _____.

Nome:

Escolaridade:

Data:

Escola/Faculdade onde estuda:

Data de Nascimento:

Bairro onde reside:

Sexo:

Local da Quissanet:

1. Quantos computadores existem em sua casa? Por quê?
2. Onde você costuma acessar a Internet aqui em Quissamã? Por quê?
3. Você utiliza a Internet desde quando e com que frequência?
4. o que costuma fazer na Internet? quais *sites* você mais frequenta?
 - 4.1. modos de interação com a rede;
 - 4.2. dos jogos em rede;
 - 4.3. do e-mail;
 - 4.4. *sites* de busca;
 - 4.5. do MSN e bate-papo/*chat*;
 - 4.6. dos blogs;
 - 4.7. do Youtube;
 - 4.8. informando-se na Internet.
5. Você possui Orkut? De quê forma você o utiliza?
 - 5.1. relação com o perfil de Orkut alheio/"futucando o Orkut alheio"/"voyerismo eletrônico";
 - 5.2. da troca de mensagens e depoimentos;
 - 5.3. amigos reais Vs. amigos virtuais (*orkutianos*)/"amizades ou sociabilidades virtuais?";
 - 5.4. diferenças entre sociabilidade real e virtual (laços fracos e laços fortes);
 - 5.5. sobre a participação nas comunidades (comunidade sobre Quissamã);
 - 5.6. construção do próprio perfil/curiosidade eletrônica;

- 5.7. o que pensa do Orkut.

6. O que você acha das Quissanetes?
 - 6.1. comparativo entre as Quissanetes, Lanhouses e acesso domiciliar;

7. Qual a Importância da Internet em sua vida?

8. Qual a escolaridade dos seus pais?